

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA  
TRADUÇÃO

MONIQUE PFAU

Tradução do diálogo feminista entre culturas periféricas sobre o  
feminismo de culturas centrais: um estudo de caso para a aplicação do  
modelo funcionalista de Christiane Nord

Florianópolis  
2010

MONIQUE PFAU

Tradução do diálogo feminista entre culturas periféricas sobre o  
feminismo de culturas centrais: um estudo de caso para a aplicação do  
modelo funcionalista de Christiane Nord

Dissertação apresentada ao programa de Pós-  
Graduação em Estudos da Tradução da  
Universidade Federal de Santa Catarina  
como parte dos requisitos para a obtenção do  
título de mestre em Estudos da Tradução.

Orientador: professor Markus J. Weininger  
Co-orientadora: Rosvitha Blume

Florianópolis  
Junho - 2010

## Sumário

1 INTRODUÇÃO .....	8
1.1 Apresentação .....	8
1.2 Princípios Metodológicos .....	11
1.3 Justificativa .....	13
1.4 Objetivos .....	14
2 PRINCÍPIOS TEÓRICOS.....	16
2.1 Funcionalismo alemão – o modelo de Christiane Nord .....	16
2.1.1 A origem do funcionalismo alemão .....	17
2.1.2. A valorização do texto-alvo e o enfoque no resultado .....	19
2.1.3. Convenções de uma tradução funcionalista .....	20
2.1.4. Conceito de Lealdade no Funcionalismo .....	22
2.2. Tradução e Gênero – intersecções.....	24
2.2.1. Pequeno histórico.....	24
2.2.2. Problematizações .....	26
2.2.3. Importância .....	30
2.3 Centro e Periferia .....	32
2.3.1. Mapas intelectuais.....	33
2.3.2. Relações de Poder .....	35
2.3.3. Centro e Periferia no Universo Feminista.....	36
3 PROJETO DE TRADUÇÃO – SEGUINDO O FUNCIONALISMO PROPOSTO POR CHRISTIANE NORD.....	41
3.1 Uma tradução envolvida com quatro diversidades culturais.....	41
3.2. Algumas características das culturas envolvidas.....	42
3.3 Protagonistas e coadjuvantes – a proposta .....	45
4 ALGUNS RESULTADOS - AS DECISÕES TOMADAS.....	52
4.1 O contexto da diversidade cultural.....	52
4.2. Os comentários de Azadeh.....	59
4.3. A formalização e a suavização da oralidade do texto .....	62
4.4 A visibilidade dos Estudos de Gênero no Brasil .....	67
5. Considerações Finais.....	72
5.1. Sobre as funções propostas pelo projeto de tradução .....	72
5.2 Sobre questões políticas e culturais.....	74
5.3. Sobre os objetivos propostos pelo trabalho.....	77
REFERÊNCIAS .....	81
ANEXO A – TEXTO-FONTE COMPLETO .....	85
APÊNDICE A .....	109

## Lista de Tabelas

Tabela 1 Projeto de tradução .....	51
Tabela 2 O contexto da diversidade cultural - 1 .....	53
Tabela 3 O contexto da diversidade cultural – 2 .....	55
Tabela 4 O contexto da diversidade cultural - 3 .....	56
Tabela 5 O contexto da diversidade cultural 4 .....	57
Tabela 6 O contexto da diversidade cultural - 5 .....	58
Tabela 7 Os comentários de Azadeh – 1 .....	60
Tabela 8 O s comentários de Azadeh – 2 .....	61
Tabela 9 Os comentários de Azadeh - 3 .....	62
Tabela 10 A formalização e a suavização da oralidade do texto - 1.....	64
Tabela 11 A formalização e a suavização da oralidade do texto - 2.....	66
Tabela 12 A formalização e a suavização da oralidade do texto – 3 .....	66
Tabela 13 A visibilidade dos Estudos de Gênero no Brasil – 1 .....	68
Tabela 14 A visibilidade dos Estudos de Gênero no Brasil – 2 .....	69
Tabela 15 A visibilidade dos Estudos de Gênero no Brasil - 3 .....	70
Tabela 16 A visibilidade dos Estudos de Gênero no Brasil - 4 .....	71

## **Agradecimentos**

Aos meus pais, Cristina e Fernando, pelo incentivo.

À minha irmã, Priscila, por participar das minhas ideias e dúvidas que apareceram incessantemente.

À Saori e Tii, por me desconcentrarem nos momentos tensos e me inspirarem nos momentos oportunos.

A todos os colegas da PGET, especialmente José Umberto, Caroline, Márcia, Sandra, Elaine, Telma, Reginaldo, Mylene, Annye, Manhal e Silvane, pelas trocas produtivas que aconteceram nos corredores.

Aos professores da PGET, por todo o conhecimento transmitido.

À professora Meta Elisabeth Zipser e à professora Sinara de Oliveira Branco, por participarem da banca examinadora e contribuírem com a pesquisa através de seus comentários.

À professora Rosvitha Blume, pelo apoio e suporte.

Ao professor Markus J. Weininger, por ter acreditado no meu projeto.

## **Resumo**

Buscando aplicar o conceito de lealdade, desenvolvido por Christiane Nord, no contexto do funcionalismo alemão através da elaboração de um projeto de tradução comentada, o presente trabalho é um estudo de caso da tradução ao inglês de uma entrevista publicada em português pela *Revista Estudos Feministas* (REF) de 2008 e originalmente realizada em francês por uma feminista brasileira entrevistando uma feminista iraniana que reside na França. No momento da tradução, surgiu a intersecção entre os Estudos da Tradução com os Estudos de Gênero, e, respectivamente, com os Estudos Culturais e as Relações de Poder devido às questões específicas levantadas pelo texto. Os objetivos do trabalho são de aplicar o modelo funcionalista de Christiane Nord, relatar detalhadamente os passos da elaboração do projeto de tradução, justificá-los com base na teoria funcionalista e, finalmente, legitimar algumas intervenções tradutórias que se fazem necessárias por causa da particular riqueza em conflitos culturais e políticos que estão relacionados ao texto e à sua tradução.

Palavras-chave: Funcionalismo Alemão, Projeto de Tradução, Estudos Culturais, Estudos de Gênero, Relações de Poder.

## **Abstract**

In order to apply the concept of loyalty developed by Christiane Nord in the context of German Functionalist Translation Theory through a translation project followed by a commented translation, the present thesis is a case study about the translation into the English language of an interview with an Iranian feminist who lives in France, published in Brazilian Portuguese by *Revista Estudos Feministas* (REF) in 2008, and originally carried out in French by a Brazilian feminist. During the translation process the intersection between Translation Studies and Gender Studies started to overlap Cultural and Power relation studies due to specific issues raised in the text. The objectives are to report in details the steps of a translation project production, to justify them based on German Functionalist theory and also to legitimate some translational interventions that were necessary due to the particular richness regarding potential cultural and political conflicts which are related to the text and its respective translation.

Key-words: German Functionalism, Translation Project, Gender Studies, Power Relations.

# 1 INTRODUÇÃO

[...] a forma como as idéias se espalham e mudam conforme são traduzidas é como uma evolução biológica que envolve mutações. Nesse sentido, o tradutor não é alguém cuja tarefa é a conservação, mas sim, a propagação, divulgação e desenvolvimento de alguma coisa: tradutores são agentes de mudança.<sup>1</sup> (CHESTERMAN, 2000, p. 2)

Enaltecendo a importância do papel do tradutor na sociedade, procuro, através deste trabalho, trazer uma contribuição teórica à luta pela sua visibilidade. Busco aqui, com o auxílio de diversos teóricos, desmistificar a concepção de tradução como um ato de cópia subordinada ao original e trazê-la como um ato de *produção*.

Dessa forma, este trabalho procura destacar a tradução como uma prática cultural e complexa que requer criatividade e mudança no sentido de difundir textos que respeitem as multiplicidades das culturas em questão envolvidas na tradução.

## 1.1 Apresentação

Especificando o tema aqui proposto, trata-se de uma interface entre Estudos da Tradução e Estudos de Gênero. Seguindo o modelo funcionalista desenvolvido por Christiane Nord, através de um estudo de caso, foi elaborado um projeto de tradução seguido por uma tradução comentada da língua portuguesa (língua-fonte) para a língua inglesa (língua-alvo). Há três línguas em evidência, pois a entrevista foi originalmente realizada em francês, depois transcrita, traduzida e publicada em português e, finalmente, traduzida para o inglês no contexto deste trabalho. Este estudo confronta o texto em português com a sua tradução para o inglês na intenção de perceber quais decisões foram tomadas durante o processo tradutório, seguindo o projeto elaborado para essa tradução.

---

<sup>1</sup> Tradução minha. Todas as citações das obras escritas em inglês e espanhol que constam nas referências foram traduzidas por mim para este trabalho. "(...) the way that ideas spread and change as they are translated, just as biological evolution involves mutations. In this light, a translator is not someone whose task is to conserve something but to propagate something, to spread and develop it: translators are agents of change".

Para realizar a pesquisa, uma entrevista foi selecionada; a entrevista trata de uma questão específica no campo de Estudos de Gênero e foi publicada em 2008 pela Revista Estudos Feministas (REF), uma revista acadêmica que é sediada no CFH (Centro de Filosofia e Ciências Humanas) e no CCE (Centro de Comunicação e Expressão) da Universidade Federal de Santa Catarina, tendo seu formato impresso e *online*. É um periódico interdisciplinar de alta representatividade escrito em português e espanhol que tem como objetivo divulgar a vasta produção de conhecimento no campo dos Estudos de Gênero, contribuindo para a consolidação dos Estudos de Gênero no Brasil. Alguns de seus artigos são anualmente selecionados para que sejam traduzidos para o inglês e publicados no site [www.scielo.com.br](http://www.scielo.com.br), (SciELO – *Scientific Electronic Library Online*), uma biblioteca eletrônica desenvolvida pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo), que publica periódicos de diversas áreas científicas no Brasil através de uma parceria com a BIREME (Centro Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde) e com o apoio CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). A SciELO procura o desenvolvimento de uma metodologia comum para as produções científicas em formato eletrônico.

Foi selecionada uma entrevista dessa revista acadêmica, originalmente intitulada por “Princesas, sufragistas, islâmicas, laicas, onguistas, escritoras – a luta feminista no Irã: entrevista com Azadeh Kian-Thiébaud” para a realização dessa pesquisa. A entrevistadora e também autora do artigo, Carmen Rial, professora de Sociologia, atuante no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e no Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina<sup>2</sup>, entrevistou Azadeh Kian-Thiébaud em junho de 2007, na França. Azadeh é uma feminista iraniana, professora de Ciências Políticas e membro de diversos programas relacionados ao oriente médio na *Université de Paris II*, na França<sup>3</sup>. A entrevista concentra-se, sobretudo, na questão histórica e atual<sup>4</sup> do feminismo no Irã, levando em conta os fatores, tanto políticos, sociais e religiosos assim como as influências que o feminismo iraniano vem sofrendo a

---

<sup>2</sup> ver Currículo Lattes de Carmen Rial.

<sup>3</sup>Essas informações e outras complementares podem ser encontradas no endereço eletrônico: [www.researchconnect.com/researchers.asp?ResearcherID=2518](http://www.researchconnect.com/researchers.asp?ResearcherID=2518)

<sup>4</sup> A entrevista foi realizada em junho de 2007, ou seja, tudo que se refere como atual data desse ano.

partir das teorias feministas desenvolvidas no ocidente, especialmente na França e na América do Norte.

O presente estudo se concentra em três capítulos que contemplam: (i) os referenciais teóricos, (ii) o projeto de tradução e (iii) os resultados da tradução comentada.

O primeiro capítulo é o resultado do estudo teórico levantado para a elaboração do projeto de tradução e da tradução propriamente dita. O capítulo está subdividido em três sub-capítulos que são as principais ramificações dentro deste estudo: o primeiro trata do funcionalismo alemão, proposto por Christiane Nord (1991, 2001), o qual justifica os motivos da elaboração de um projeto de tradução a partir do texto-fonte. O segundo sub-capítulo faz a interface entre tradução e gênero, levando em consideração aspectos peculiares sobre os Estudos de Gênero e Estudos da Tradução, duas áreas interdisciplinares em constantes transformações. O último sub-capítulo traz questões relacionadas ao universo centro-periferia – e relações de poder, seguindo o raciocínio de Pascale Casanova (2002) adaptado para essas duas áreas interdisciplinares, tradução e gênero.

Para que uma tradução comentada dessa natureza fosse realizada, foi necessário fazer uma pesquisa dentro da área dos Estudos de Gênero – relevando aspectos culturais, sociais e políticos de cada cultura envolvida a fim de que, primeiramente, fosse compreendido claramente o diálogo entre a entrevistadora e a entrevistada, ou seja, mulheres oriundas de culturas diferentes, influenciadas por suas próprias culturas, porém também influenciadas por grandes teóricas feministas de outros países. Essas mesmas preocupações também serviram para a cultura de chegada do texto traduzido.

Além disso, foi importante realizar uma busca pela familiarização com a linguagem – esta referente aos Estudos Feministas que, como afirma Flotow (1997), carrega suas características peculiares por ser uma linguagem de “minorias” –, além das características particulares do modo como cada cultura lida com a linguagem desse campo de estudos (Flotow, 1997, p.14). Sendo assim, esta pesquisa e busca pela linguagem teve que ser intensificada através da leitura de textos paralelos<sup>5</sup>, ou seja, textos escritos originalmente na língua-alvo, para que os leitores do texto-alvo não estranhassem a linguagem e se identificassem com a forma de escrita empregada na entrevista.

No segundo capítulo, o projeto de tradução é exposto em detalhes. Ele concorda com os princípios teóricos levantados no

---

<sup>5</sup> ver revista *Feminist Studies*, da na Universidade de Maryland, EUA.

capítulo anterior, porém adaptando a teoria às especificidades do texto selecionado para o projeto. O projeto é cuidadosamente explicado a fim de que ele justifique todas as decisões tradutórias tomadas durante o processo de tradução. Ele traz um público-alvo e intenções conscientes para com ele, ou seja, a forma como a tradução deve atingir o público-alvo através do texto traduzido já está previamente estabelecida. Essas decisões estabelecidas no projeto foram elaboradas antes do início do processo tradutório e assim direcionaram as decisões posteriormente tomadas.

Para a elaboração do projeto e da tradução utilizou-se a teoria funcionalista de Christiane Nord aplicando o seu conceito de lealdade, ou seja, os princípios propostos pelo projeto de tradução, mas sempre respeitando a intenção que a autora teve ao produzir o texto e, no caso do texto em questão, a intenção do discurso da entrevistada também, pois a voz dela aparece como personagem principal do texto. Para isso, a entrevistada teve a oportunidade de ler o texto-alvo, podendo, dessa forma, revisar seu próprio discurso.

O projeto de tradução tem um papel fundamental para contemplar a prática já que, como será posteriormente explicado, o texto traduzido envolve quatro culturas diferentes, o que acaba tornando a elaboração dessa tradução ainda mais complexa.

O terceiro capítulo mostra os resultados sucedidos a partir do projeto elaborado, ou seja, os comentários justificando a tradução realizada após o projeto. Para tal, fragmentos relevantes do texto-fonte e do texto-alvo foram recortados e alinhados, categorizados em quatro itens de acordo com o projeto de tradução do capítulo anterior e com os princípios teóricos do primeiro capítulo. Esses fragmentos são expostos e seguem com as explicações que justificam as decisões tradutórias tomadas, sempre de acordo com o projeto.

Através desse capítulo, fica possível perceber mais claramente os motivos que levaram a elaboração do projeto de tradução, assim como as necessidades das culturas em questões que demandam interferências do tradutor.

## **1.2 Princípios Metodológicos**

A pesquisa, como já anteriormente descrita, é uma tradução comentada que, segundo Williams & Chesterman (2002, p. 7), é definida pela tradução de um texto realizada pelo próprio pesquisador; ele traduz e faz comentários levantando discussões, análises do texto-fonte e razões justificadas para as soluções dos problemas que aparecem

durante o processo tradutório. Os autores ainda acrescentam que a tradução comentada é uma forma de pesquisa introspectiva e retrospectiva em que o pesquisador traduz um texto e, ao mesmo tempo, escreve um comentário do seu processo de tradução.

No que se refere à tradução comentada, foram utilizadas como base duas dissertações de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, doravante PGET, dessa mesma natureza, a de Alice Borges Leal e de a Wanessa Gonçalves da Silva<sup>6</sup>. Ambas trabalham com esse tema, elas mesmas traduziram um texto selecionado e comentaram suas próprias traduções, auxiliando, assim, no método da realização desta prática, relevando conceitos importantes para que a tradução e os comentários fossem condizentes com as propostas acadêmicas.

Dentre as doze áreas de pesquisa sugeridas por Williams & Chesterman, a pesquisa aqui proposta se encontra dentro da primeira delas, denominada por Análise de Texto e Tradução (*Text Analysis and Translation*) na categoria de Tradução com Comentário (*Translation with Commentary*) e também na sétima área denominada por Ética da Tradução (*Translation Ethics*) na categoria de Fatores Culturais e Ideológicos (*Cultural and Ideological Factors*). Esta categoria estuda a percepção dos efeitos e da influência da tradução sobre os leitores da cultura-alvo e da influência dos tradutores por campos culturais e ideológicos. Para as dimensões éticas, este trabalho se situa especificamente dentro da questão interdisciplinar de tradução e gênero.

A pesquisa se classifica no tipo empírico, ou seja, segundo Williams & Chesterman (2002), ela procura novos dados e informações através de experimentos – que, nesse caso é a própria tradução – e também através da observação de dados. Nesse tipo de pesquisa, procuram-se evidências para sustentar ou “destruir” hipóteses, ou até mesmo gerar novas<sup>7</sup>. Segundo Toury (1995, p. 9), a pesquisa empírica tem como característica descrever um fenômeno em particular e estabelecer um princípio geral que pode ser explicado ou descrito.

A pesquisa é também qualitativa que, seguindo as palavras de Williams & Chesterman (2002, p. 60), leva a conclusões daquilo que é possível, daquilo que pode acontecer, entretanto, não traz conclusões sobre aquilo que é provável, geral e universal. Nesta pesquisa, essa classificação fica ainda mais evidente, pois se trata um estudo de caso,

---

<sup>6</sup> ver referências.

<sup>7</sup> WILLIAMS, J. & CHESTERMAN, A. *The Map. A Beginner's Guide to Doing Research*. Manchester, UK: St. Jerome, 2002. p.58

concentrado em uma situação limitada a ser explorada, descrita e explicada.

O critério de seleção de texto partiu da ideia inicial trazida pelo projeto de mestrado de que fosse uma publicação da Revista Estudos Feministas (REF) e, a partir dessa primeira ideia, buscou-se uma publicação da revista que apresentasse diversidades culturais, não somente as linguísticas, mas que mostrassem as influências distintas entre texto-fonte e texto-alvo. Nesse caso, a escolha não foi um artigo, mas uma entrevista que se mostrou bem condizente com o critério estabelecido. Para este fim, ela trabalha com quatro culturas distintas: iraniana, brasileira, francesa e anglo-americana; e torna, assim, a questão cultural da tradução ainda mais complexa. No aspecto linguístico, a entrevista foi oralmente realizada em francês e publicada sob a forma escrita em português, este último adotado como o texto-fonte para este trabalho e apresentando como texto-alvo a tradução para a língua inglesa. Essa diversidade cultural enriquece as possibilidades ao mesmo tempo em que intensifica a problemática.

### **1.3 Justificativa**

Existem algumas razões que justificam a escolha dessa entrevista em particular. A primeira é a abordagem de uma visão histórica e social de um feminismo de uma cultura que não fosse a brasileira nem a francesa ou a norte-americana, nesse caso foi escolhida a iraniana. Logicamente não há dúvidas que exista uma vasta gama de produções escritas originalmente em inglês que abordem as mesmas questões em relação ao feminismo iraniano, muitas delas são inclusive escritas pela própria Azadeh, a entrevistada do texto em questão. No entanto, essa tradução torna-se uma produção peculiar no momento em que os leitores do texto-alvo a leiam não unicamente como mais uma produção sobre o feminismo no Irã, mas que eles percebam que esse texto em especial é uma produção de origem brasileira, que interage com outros países periféricos com seriedade, competência e com uma abordagem relevante aos Estudos de Gênero.

Ao longo da entrevista são abordadas particularidades dessa questão, principalmente por parte da entrevistadora, uma brasileira interagindo com uma intelectual oriunda de outro país “periférico”<sup>8</sup> (nesse caso, o Irã), também atuante do feminismo (ainda que em contextos bem distintos uma da outra), e finalmente, por suas

---

<sup>8</sup> Questões sobre centro e periferia são tratadas posteriormente, no capítulo 2.

respectivas interações com as teorias dos países “centrais”, ou seja, com a França e da América do Norte.

O segundo motivo é que a entrevistada se coloca de maneira muito parcial nas suas opiniões quanto às teorias desses países centrais, enaltecendo as produções francesas (país em que ela atua) e criticando acentadamente as produções norte-americanas (nacionalidade que a tradução proposta mais foca como público-alvo<sup>9</sup>). Essas opiniões mais tendenciosas sobre as teorias feministas americanas tornam-se um problema para a tradução no momento em que elas possivelmente levem o público-alvo a se sentir provocado, ou, ao menos, possui o potencial de distanciar os leitores do texto traduzido. Em ambos os casos, elas podem pôr o objetivo principal da tradução desse artigo, que é a divulgação da produção em Estudos de Gênero realizada no Brasil, em risco. Ao mesmo tempo, este trabalho parte da hipótese que a entrevistada provavelmente não teria colocado essas críticas de forma tão aguda se tivesse sido entrevistada por uma pesquisadora dos Estados Unidos. Em outras palavras, sendo entrevistada por uma pesquisadora brasileira, Azadeh provavelmente sentiu nela uma aliada natural nas suas opiniões contra teorias norte-americanas.

Vale lembrar também que a entrevista foi realizada em francês, isso significa que ela já sofreu uma tradução antes de ser traduzida para o inglês. Ela foi traduzida ao português pela própria autora do artigo, Carmen Rial.

#### **1.4 Objetivos**

A mistura de culturas envolvidas (brasileira, iraniana, norte-americana e francesa, como já citado na seção 1.3) com a gênese do texto-alvo da tradução é um exemplo da complexidade dos aspectos de interação – e diálogo – intercultural entre grupos de feministas no discurso global sobre o assunto, sejam eles mais ou menos expressivos dentro do feminismo que os outros, sejam eles pioneiros ou não, sejam eles influenciados ou influentes. É inegável a comunicação entre eles e a tradução é o veículo privilegiado para essa comunicação. O presente trabalho tem como objetivo documentar detalhadamente estes aspectos.

Como contribuição, este estudo de caso associado a uma tradução comentada propõe, como principal objetivo, demonstrar a

---

<sup>9</sup> A nacionalidade do público-alvo da tradução é mais generalizada, porém direciona-se mais aos norte-americanos. Ver projeto de tradução, capítulo 3.

complexidade dos passos de elaboração de um projeto de tradução, seguindo o modelo funcionalista alemão proposto por Christiane Nord. Através dele, a entrevista selecionada é traduzida com *intenções*, que para este estudo são de mostrar com clareza a seriedade do trabalho acadêmico na área dos Estudos de Gênero realizados no Brasil, bem como a riqueza em argumentação e a capacidade de interação cultural. Por fim, os principais comentários da tradução são expostos e justificados no capítulo 4, demonstrando assim, na prática, a importância da elaboração de um projeto de tradução.

Procurando atingir as funções do texto-alvo estabelecidas pelo projeto de tradução e realizando uma análise posterior através dos comentários escritos durante o ato tradutório, o estudo pode buscar a compreensão de suas respectivas interferências tradutórias e, finalmente, legitimá-las desde que (i) elas respeitem às intenções da autora e entrevistada que aparecem no texto original – ou seja, o sentido do texto da entrevista traduzida ao inglês deve continuar a ser identificado como um trabalho acadêmico pelos leitores da tradução, na intenção de que ele cumpra com as normas acadêmicas norte-americanas para que ele tenha plenas condições de futuramente ser publicado em algum jornal ou revista acadêmica que publica em língua inglesa, tal como aconteceu com o texto original no Brasil –; (ii) que as informações trazidas na tradução sejam condizentes com aquelas providas no texto original – em outras palavras, que as informações retratem historicamente e socialmente o feminismo iraniano através de uma entrevista com uma feminista iraniana que vive na França.

Em suma, o objetivo geral deste trabalho é de aplicar o modelo funcionalista desenvolvido por Christiane Nord em um estudo de caso. Nele, será possível perceber como a teoria funcionalista explicada no segundo capítulo existe na prática nos capítulos 3 e 4 deste trabalho. Através desse amplo objetivo, surgem os objetivos específicos: 1) demonstrar a importância da elaboração de um projeto de tradução para o texto selecionado neste trabalho; 2) perceber a complexidade cultural que envolve o ato de traduzir; 3) através do projeto, denominar as funções intencionais que o texto-alvo deve exercer e, ao mesmo tempo, levar em consideração as intenções da autora do texto original (e, no caso do texto selecionado em questão, da entrevistada também), 4) justificar as decisões tradutórias através dos comentários realizados no ato de tradução que buscam atingir os objetivos propostos pelo projeto de tradução e, 5) demonstrar que interferências tradutórias podem ser legítimas.

## 2 PRINCÍPIOS TEÓRICOS

Muitos tradutores profissionais atuantes desconfiam das teorias, ou podem ainda ter a opinião de que não há teoria de tradução como uma unidade. Tradutores em treinamento normalmente acreditam que aquilo que eles precisam é simplesmente mais prática, não falam muito em teorias abstratas. Respondendo a tais reivindicações, meu argumento é que um tradutor deva ter uma teoria de tradução: traduzir sem uma teoria é traduzir às cegas. (CHESTERMAN,2000, p. 3)<sup>10</sup>.

Através da proposta de realizar uma tradução comentada, seguindo a teoria funcionalista alemã proposta por Christiane Nord (2001) como embasamento teórico, foi elaborado um projeto de tradução visando um público-alvo. Assim, a tradução do texto selecionado foi realizada de forma diretamente direcionada para esse público-alvo. Tal direcionamento chama a atenção para o contexto em que o público-alvo se encontra, em termos de tempo e espaço. Nord (1991, p. 1) traz a ideia de que cada tradução pode ter um propósito diferente e também uma abordagem diferente.

### 2.1 Funcionalismo alemão – o modelo de Christiane Nord

A teoria funcionalista de Nord (1991) sugere que toda e qualquer tradução antes de ser executada deva ser primeiramente tratada como um projeto a ser elaborado a partir do texto-fonte. Cada texto ou discurso pode ser traduzido por uma razão diferente. Os motivos que os levam a serem traduzidos variam, e isso se explica pela razão de que a tradução não é sempre direcionada para as mesmas pessoas, porque não é voltada para os mesmos contextos, tampouco pelos mesmos meios de comunicação. Nas obras em que este trabalho se baseia, Nord trabalha no sentido do treinamento do tradutor e assim elucida sua teoria para o

---

<sup>10</sup> “Many practising professional translators are suspicious of theory, or may be of the opinion that there is no such thing as a theory of translation anyway. Translators trainees, too, often feel that what they need is simply more practice, not fight-flown talk about abstract theory of translation. In response to such claims, I argue that a translator must have a theory of translation: to translate without a theory is to translate blind”.

uso na prática<sup>11</sup>. A autora afirma que o tradutor deve ter em mente, antes de entrar no processo tradutório, os seguintes princípios básicos que o levarão a uma tradução direcionada, ou seja, funcionalista: ele deve saber a função do texto-alvo, a quem a tradução é dirigida, o tempo e o lugar de recepção do texto, o meio em que ele será transmitido e, finalmente, os motivos que o levam à sua produção e à sua recepção (Nord, 2001, p. 60).

Dessa forma, o tradutor tem maiores condições de ter uma consciência mais plena nas suas tomadas de decisões durante o processo tradutório. Traduzir é uma constante tomada de decisão, isso significa que escolhas são feitas pelo tradutor. Nord propõe que tais escolhas sejam, então, conscientemente tomadas a partir do momento em que o tradutor esteja suficientemente informado a respeito do contexto que proporcionou a produção de sua futura tradução.

### ***2.1.1 A origem do funcionalismo alemão***

A história do funcionalismo alemão vem de estudiosos predecessores a Christiane Nord. Hans J. Vermeer elaborou uma teoria geral da tradução, a qual ele denominou *Skopostheorie*. A palavra *Skopos* é definida por Vermeer como um termo técnico para o objetivo de uma tradução (NORD, 2001, p. 12). Essa teoria é baseada na intencionalidade à qual a tradução pertence.

De acordo com a *Skopostheorie* (a teoria que aplica a noção de escopo na tradução), o primeiro princípio que determina o processo de tradução é o proposto (escopo) da tradução como um todo. Este objetivo é moldado pela intencionalidade como sendo grande parte da definição de qualquer ação. (Id., *ibid.*, p. 27)<sup>12</sup>

Nord (2001) traz Vermeer em sua obra apontando sua influência e diferenciação como intelectual. Ela demonstra a definição de Vermeer para as palavras “intenção” e “função”. Vermeer se refere à palavra “intenção” como uma ação orientada pelo objetivo; quem aponta para a

---

<sup>11</sup> Duas obras da autora foram selecionadas para a pesquisa: *Text Analysis in Translation* e *Translation as a Purposeful Activity*. Ver referências para mais detalhes.

<sup>12</sup> “According to skopostheory (the theory that applies the notion of skopos to translation), the prime principle determining any translation process is the purpose (skopos) of the overall translational action. This fits in with intentionality being part of the very definition of any action”. Por que a citação está em itálico?

direção desse objetivo é tanto a pessoa que envia o texto de chegada como aquela que a recebe, no sentido de produção e compreensão do texto. A palavra “função”, no entanto, se refere ao que o texto significa do ponto de vista daquele que recebe o texto de chegada.

Nord, contudo, procura detalhar mais essa definição de Vermeer determinando a palavra “intenção”, nesse sentido, pelo ponto de vista de quem envia o texto, aquele que tem um propósito ou um objetivo com o texto. Ela afirma que não é garantido um resultado perfeito, especialmente quando aquele que envia e aquele que recebe o texto têm intenções diferentes. Logo, a palavra “função”, para Nord, varia conforme as próprias expectativas, necessidades, conhecimento prévio e condições situacionais daquele que recebe o texto (Id., *ibid.*, p. 28), seguindo um conceito cultural muito mais complexo. Ela acredita que uma situação ideal de tradução seria se ambas, a intenção e a função, fossem parecidas ou até mesmo idênticas, porém nem sempre ocorre essa situação.

Dentro da teoria de Vermeer, seguindo a ideia comparativa, o texto-fonte faz apenas parte da introdução. “Em termos de *Skopostheorie*, a viabilidade das instruções depende das circunstâncias da cultura de chegada, e não da cultura de partida”<sup>13</sup> (NORD, 2001, p. 31). Vermeer acrescenta, afirmando que as necessidades dos leitores do texto de chegada podem ser diferentes das necessidades dos leitores do texto de partida, que:

O conceito não nos permite falar do significado do texto de partida sendo transferido aos receptores do texto de chegada. Guiado pela introdução da tradução, o tradutor seleciona certos itens da língua de partida oferecidos como informação (originalmente dirigidos para os endereçados da cultura de chegada) e os processa no intuito de formar uma nova “oferta” de informação na cultura de chegada da qual os endereçados da cultura de chegada possam selecionar aquilo que eles consideram significativo nas suas próprias situações. (Id., *ibid.*, p. 32)<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> “In terms of Skopostheory, the viability of the brief depends on the circumstances of the target culture, not on the source culture”.

<sup>14</sup> “This concept does not allow us to speak of the meaning of the source text being transferred to the target receivers. Guided by the translation brief, the translator selects certain items from the source-language offer of information (originally meant the source-culture addressee) and processes them in order to form a new offer of information in the target language, from which

Katharina Reiss e Hans J. Vermeer concordam em algumas linhas de raciocínio no que se refere aos leitores do texto de partida e do texto de chegada:

Ao apresentar uma oferta de informação, o autor do texto-fonte leva em consideração os interesses, expectativas, conhecimento e correntes situacionais presumidas dos endereçados da cultura de partida. Ainda que o texto de partida seja produzido especificamente com o propósito de ser traduzido, pode ser suposto que o autor tenha algum tipo de destinatário em mente na cultura de partida, levando em consideração que os produtores do texto de partida, por definição, deixam a desejar com relação ao conhecimento necessário para a cultura de chegada. (Id., *ibid.*, p. 34)<sup>15</sup>

Vermeer e Reiss questionam as condições culturais em que os leitores do texto de chegada se encontram, pois eles fazem parte de um público ao qual o autor do texto de partida normalmente não destina seu texto e o tradutor é guiado pela suposição das expectativas, necessidades, conhecimento prévio, etc. dos leitores do texto de chegada.

### ***2.1.2. A valorização do texto-alvo e o enfoque no resultado***

Nord intensifica a idéia da função da tradução. “Funcionalista” significa focar na função ou nas funções do texto e da tradução”.<sup>16</sup> (NORD, 2001, p. 1) A abordagem funcionalista, segundo Nord, na experiência prática da tradução não é meramente descritiva, não é somente o que é observado, normativo ou avaliativo: funcionalidade está para uma situação de cultura. Ela afirma também que as situações não são universais, porém são tomadas por um habitat cultural e esse habitat cultural condiciona as situações. A língua é também uma parte

---

the target-culture addressees can in turn select what they consider to be meaningful in their own situation”.

<sup>15</sup> “When presenting an offer of information the source-text author takes account of the presumed interests, expectations, knowledge and situational constraints of the source-culture addressees. Even if a source text is produced specifically for translation purposes it may be assumed that the author has some kind of source-culture addressees in mind, since source-culture text producers by definition lack all the necessary knowledge of the target culture”.

<sup>16</sup> “Functionalism means the focusing on the function or functions of text and translations”.

da cultura e a comunicação é condicionada pelas correntes da situação da cultura. A tradução pode ter propósitos comunicativos que carregam objetivos diferentes de um propósito comunicativo em particular, e esses propósitos podem ou não ser idênticos àqueles que outros participantes do contexto têm em mente (Id., *ibid.*, p. 2). Assim, o tradutor deve ser guiado pelos propósitos que lhe aparecerão antes do processo tradutório em si e, estando consciente desse aspecto e levando-o em consideração ao tomar uma decisão, o tradutor estará exercendo uma tradução funcionalista. (Id., *ibid.*, p. 45).

A funcionalidade na tradução é uma variante, e varia conforme as expectativas, as necessidades, o conhecimento prévio e as condições situacionais do iniciador – o iniciador é aquela pessoa que, por alguma razão, deseja que a tradução seja elaborada; este pode ser, por exemplo, o cliente, o próprio tradutor ou uma lei que exige a tradução de determinados documentos. A partir disso, o texto-alvo, ou seja, a tradução toma grande importância nesse contexto e assim o texto-fonte é “destronado” e acaba tornando-se apenas mais uma das ofertas de informação (Id., *ibid.*, p. 28-34) para o tradutor. Nord não afirma que o texto-fonte é irrelevante para o processo tradutório, pelo contrário, a análise do texto-fonte leva a tradução a um processo que dá a base das traduções (Id., *ibid.*, p. 62). O que ela procura estabelecer é a idéia de que o texto-fonte perde o papel principal nesse processo e o enfoque maior é direcionado ao projeto de tradução e à função que o texto-alvo exerce dentro da cultura-alvo.

Em uma tradução funcionalista, o enfoque principal do tradutor deve estar concentrado no resultado. Esse tipo de processo requer a visualização do texto-fonte como um ponto de partida e o texto-alvo como o foco principal do tradutor. O texto-alvo, acima de uma reprodução em outra linguagem do texto-fonte, é um texto baseado em um texto, ou mesmo sobre um aspecto particular dele. Todas as formas focam em diferentes aspectos que o texto-fonte proporciona (Id., *ibid.*, p. 47).

### ***2.1.3. Convenções de uma tradução funcionalista***

Além de determinar funções específicas para a tradução de um determinado texto, Nord também insiste nas convenções de tradução que as culturas tendem a desenvolver. Esse também é um cuidado que o tradutor deve tomar quando escreve para a cultura de chegada. “Como certos tipos de texto são usados repetidamente em certas situações com mais ou menos as mesmas funções, esses textos adquirem formas

convencionais que às vezes se elevam ao status de normas.”<sup>17</sup> (NORD, 2001, p. 53). As convenções surgem ao longo das traduções de textos do mesmo gênero e cabe ao tradutor encontrar essas convenções para se adaptar às normas estabelecidas pela cultura em interesse.

Sendo as convenções de gênero na sua maior parte específicas da cultura, elas exercem um papel importante na tradução funcional. Se o texto de chegada deve ser aceitável como representativo para o gênero da cultura de chegada, o tradutor deve estar familiarizado com as condições às quais o texto de chegada deve se adaptar. (Nord, 2001, p. 54)<sup>18</sup>

Ainda assim, não significa que uma tradução funcionalista tenha que se adaptar necessariamente às convenções da cultura de chegada, substituindo as convenções da cultura de partida. Dependendo do propósito e do tipo de tradução, o tradutor ou aquele que tem o poder de decisão sobre a tradução pode optar em manter as convenções da cultura de partida (NORD, 2001:57). De qualquer modo, o tradutor precisa estar familiarizado com as convenções de gênero das culturas às quais ambos os textos pertencem. Em uma tradução funcionalista, o tradutor pode perceber o aparecimento de diferentes necessidades para o seu texto-alvo, isto é, além da escolha do tradutor em se adequar às convenções ou da cultura de partida ou da cultura de chegada, dependendo do caso, ele deve prestar atenção ao seu público-alvo, ou seja, quem são as pessoas às quais ele dirige essa tradução. Esse tipo de categorização de público-alvo pode variar por gênero, idade, grau de instrução, profissão, religião, etnia ou qualquer outra categorização que seja condizente com o propósito de tradução. Assim, o tradutor pode perceber que tipo de texto cabe ao seu público-alvo.

Através dessas peculiaridades culturais é que Nord chama a atenção para os possíveis problemas de tradução. Sabe-se que cada

---

<sup>17</sup> Gideon Toury desenvolveu uma teoria de normas; elas são uma tendência de linguagem que as culturas desenvolvem ao longo do seu uso e acabam se tornando um modo de comunicação padrão. Elas, no entanto, não são necessariamente permanentes e podem constantemente mudar. Ver TOURY, Gideon. *The Nature and Role of Norms in Translation*. John Benjamins. Amsterdam: Philadelphia, 1995.

<sup>18</sup> “*Since genre conventions are mostly culture-specific, they play an important role in functional translation. If a target text is to be acceptable as representative of a target-culture genre, the translator has to be familiar with the conventions that the target text is to conform to*”.

cultura tem seus hábitos, convenções e também normas; os problemas surgem de um resultado dessas diferenças culturais que guiam a um comportamento verbal e também não-verbal das culturas envolvidas no processo tradutório. (NORD, 2001, p. 66)

Toury (1995, p. 53) também concorda que as atividades de tradução devem estar ligadas às significâncias culturais. Ele considera que a importância da aquisição de uma série de normas para determinar a conveniência do papel social que o tradutor exerce e a execução dos fatores que podem guiá-lo são determinantes cruciais para que um tradutor seja um tradutor dentro de um ambiente cultural.

Mesmo que a intenção aqui não seja o aprofundamento em questões referentes às normas abordadas por Toury, ainda assim elas estão relacionadas ao assunto em pauta, por isso vale lembrar que não há necessariamente uma identidade entre as normas e nem uma formulação explícita delas na linguagem, elas surgem simplesmente da tradução geral de valores compartilhados por uma comunidade. Esses valores determinam o adequado e o inadequado, o que é considerado aceitável pelos leitores do texto traduzido (Id., *ibid.*, p. 54, 55). O próprio autor lembra que “Está fora do realismo ter como expectativa regularidades absolutas de qualquer modo em qualquer domínio comportamental.”<sup>19</sup> (Id., *ibid.*, p. 57)

#### **2.1.4. Conceito de Lealdade no Funcionalismo**

Trabalhar com o conceito de “Lealdade” desenvolvido por Christiane Nord faz parte dos objetivos deste trabalho. Nord definiu o conceito de “Lealdade” como “[...] responsabilidade que os tradutores têm com seus parceiros em uma interação traducional.”<sup>20</sup> (NORD, 2001, p. 125) – esses “parceiros” seriam todos aqueles que, de uma forma ou de outra, estariam envolvidos na tradução: os seus leitores, o autor do texto-fonte e também aquele que demanda a tradução:

A lealdade compromete os tradutores bilateralmente, tanto do lado de partida como do lado de chegada. Ela não pode ser confundida com fidelidade, conceito que normalmente se refere a uma relação que liga os *textos* de partida

---

<sup>19</sup> “It is unrealistic to expect absolute regularities anyway, in a behavioural domain”.

<sup>20</sup> “Let me call ‘loyalty’ this responsibility translators have towards their partners in translational interaction”.

e de chegada. Lealdade é uma categoria interpessoal que se refere a uma relação social entre *pessoas*. (NORD, 2001, p. 125)<sup>21</sup>

Trabalhando com esse conceito, os “cuidados” na elaboração do projeto, mencionados no parágrafo anterior, afirmam a proposta funcionalista de manter as intenções da autora do texto original, ao menos aquelas que sejam essenciais, pois Nord afirma que “lealdade significa que o propósito para o texto de chegada deve ser compatível com as intenções originais do autor do texto original.”<sup>22</sup> (Id., *ibid.*, p. 125). Segundo a autora

O princípio da lealdade leva em consideração os interesses legitimados das três partes envolvidas: dos iniciadores (aqueles que querem um tipo de tradução em particular), os receptores do texto de chegada (que esperam uma relação em particular entre o original e os textos de chegada) e os autores dos originais (que possuem o direito de pedir respeito por suas intenções individuais e esperam um tipo de relação em particular entre seus textos e suas respectivas traduções). Se houver algum tipo de conflito entre os interesses, é o tradutor que deve mediar essa situação e, quando necessário, procurar um entendimento para todos os lados. (Id., *ibid.*, p. 127 e 128)<sup>23</sup>

Porém, o texto selecionado para estudo deste trabalho em especial possui um agravante, pois é uma entrevista, o que significa que a entrevistada também teve suas intenções em particular, ou seja, ela é uma quarta parte.

---

<sup>21</sup> “Loyalty commits the translator bilaterally to the source and target sides. It must not be mixed up with fidelity or faithfulness, concepts that usually refer to a relationship holding between the source and the target texts. Loyalty is an interpersonal category referring to a social relationship between people”.

<sup>22</sup> “(...), loyalty means that the target-text purpose should be compatible with the original author’s intention”.

<sup>23</sup> “The loyalty principle takes account of the legitimate interests of the three parties involved: initiators (Who want a particular type of translation), target receivers (who expect a particular relationship between original and target text) and original authors (Who have a right to demand respect for their individual intentions and expect a particular kind of relationship between their text and its translations). If there is any conflict between the interests of the three partners of the translator, it is the translator who has to mediate and, where necessary, seek the understanding al all sides”.

## 2.2. Tradução e Gênero – intersecções

Tradução já há algum tempo tem servido como uma figura de linguagem própria para descrever o que as mulheres fazem quando entram na esfera pública: elas traduzem sua linguagem privada, suas formas de discursos femininos específicos e, de alguma forma, elas as desenvolveram a partir de um código patriarcal dominante resultado pela exclusão de gênero. (FLOTOW, 1997, p. 12)<sup>24</sup>

Considerando a natureza do texto escolhido para este trabalho, foi realizado um estudo que aborda a interface entre as duas áreas disciplinares abordadas nesta pesquisa. Essa interface vem chamando a atenção de feministas e tradutores de textos feministas para questões específicas há algumas décadas.

### 2.2.1. *Pequeno histórico*

Segundo Bassnett (1992), em uma análise historiográfica sobre Estudos de Gênero e Estudos da Tradução, percebe-se que, a partir dos anos 1970, essas questões relacionadas a gênero e linguagem se tornaram objetos de discussão mais acirrada, e, pela primeira vez, as atenções foram menos dirigidas à questão do sexo do autor de um texto e mais às questões que envolvem sinais de gênero codificados no texto. Durante a década de 70, ao mesmo tempo em que a disciplina de Estudos de Tradução estava se desenvolvendo, paralelamente, acontecia o desenvolvimento das teorias feministas, ainda que as duas áreas tenham permanecido separadas até pouco tempo atrás.

Ela afirma que o propósito de muitos dos trabalhos das teóricas foi a recusa de continuar a ver o mundo em termos de “oposição binária” como o masculino-feminino, homem-mulher, etc. Ao mesmo tempo, no campo dos Estudos da Tradução, os estudiosos trabalhavam no sentido de fugir do conceito binário de equivalência e trazer uma noção baseada nas diferenças culturais.

A terminologia de perdas e ganhos, a ideia de que tradução é, de alguma forma, uma atividade

---

<sup>24</sup> “Translation has long served as a trope to describe what women do when they enter the public sphere: they translate their private language, their specifically female forms of discourse, developed as a result of gendered exclusion, into some form of the dominant patriarchal code”.

secundária e inferior à escrita e a ideia de que a tradução fica abaixo do privilegiado “original” na hierarquia são rejeitadas a partir da noção em que a tradução e a escrita são vistas como interconectadas, pois uma assegura a sobrevivência da outra. (Id. *ibid.*, p. 65)<sup>25</sup>

Assim, a rejeição da oposição binária de homem e mulher leva à reformulação da antiga hierarquia que coloca a mulher abaixo do homem (o homem seria o original, a mulher, a tradução, esta criada posteriormente e através de sua costela – de acordo com a versão bíblica da criação, aplicada aqui à questão da tradução).

Ainda que esse tema não seja discutido neste trabalho, vale lembrar que, mesmo de acordo com a versão bíblica da criação, o homem e a mulher estão intrinsecamente conectados a partir da ideia de reprodução e continuidade, já que nenhum se torna mais importante que o outro nessa questão, assim como o original e a tradução para esses mesmos fins.

A partir dos anos 80 houve a tentativa mais intensa iniciada por mulheres em descrever o trabalho do tradutor sem privilegiar o autor do texto original nem o tradutor. O antigo contexto binário da tradução colocava o texto original e a tradução em dois pólos extremos, as feministas atuantes na área resolveram trabalhar “entre” esses dois pólos: “se esses pólos são metamorfoseados em masculino e feminino, então o espaço se torna andrógino ou até mesmo bissexual, nem um e nem o outro.”<sup>26</sup> (BASSNETT, 1992, p. 66)

Se aceitarmos que o tradutor não é nem poderia ser um filtro transparente pelo qual o texto passa, mas é muito mais uma forte fonte de poder de energia criativa transacional (e essa é uma premissa fundamental dos estudiosos na área de Estudos da Tradução), pensando então em termos de gênero, o tradutor serve para aumentar a conscientização das complexidades textuais no

---

<sup>25</sup> “The terminology of loss and gain, the idea that translation is somehow a secondary activity, inferior to the act of writing, that the translation stands lower in the hierarchy than the privileged ‘original’ is rejected in favour of a notion that sees translation and writing as interconnected, with the one assuring the survival of the other”.

<sup>26</sup> “(...), If those poles are metamorphosed into masculine and feminine, then the space becomes androgynous or even bi-sexual, neither the one nor the other”.

papel tanto do escritor como do leitor.  
(BASSNETT, 1992, p. 70)<sup>27</sup>

### **2.2.2. Problematizações**

Assim como Bassnett, Luise von Flotow (1997) também aponta problemas comuns nos Estudos da Tradução e Estudos de Gênero: ambos são interdisciplinares. O gênero carrega diferenças culturais e a formulação dessas diferenças é expressa na língua.

Ainda que o efeito do “aprender a ser uma mulher”, segundo Flotow (1997), seja uma variante comum em qualquer sociedade e, provavelmente, em subgrupos dentro de uma mesma sociedade, as diferenças em afiliações políticas, em grupos étnicos, em crenças religiosas, em raças e em situações econômicas são muito importantes para o entendimento ou solidariedade entre as mulheres que fazem parte de grupos que lutam por causas diferentes. (FLOTOW, 1997, p. 86).

Cláudia de Lima Costa (2004, p. 187) também observa que a problemática da tradução se tornou uma questão de discussão importante, pois essa discussão se torna iminente para a análise da representação do poder, das assimetrias entre linguagens, da formação de conhecimento, etc. Assim, através dos remapeamentos culturais globalizados, essa questão tornou-se um objeto de importante debate dentro do universo feminista. A tentativa de teorizar a tradução requer a análise dos signos da economia em que a tradução circula em uma necessidade de mobilidade e proximidade promovidas pelo capital transnacional da cultura.

Segundo Costa (2004, p. 188), os problemas de disseminação, interpretação e descrição de ideias e de visão de mundo estão diretamente relacionados às relações de poder e às assimetrias das línguas, regiões e povos. As teorias feministas, na tradução, são apropriadas pelas leituras locais, pois “ao fazer uso simultâneo de registros variados (material, político, cultural), elas se forjam em diferentes níveis de abstração”.

A autora exemplifica casos de interação através dos contextos das Américas (Norte e Sul) em que se encontram inúmeros bloqueios ao tentar cruzar a fronteira, desde configurações institucionais dominantes

---

<sup>27</sup> “If we accept that the translator is not, and never could be, a transparent filter through which a text passes, but is rather a very powerful source of creative transitional energy (and this is the fundamental premise of Translation Studies scholars), then thinking in terms of gender serves to heighten awareness of textual complexities in the roles of both writer and reader”.

e excludentes até exclusões de sujeitos e subjetividade (de ambos os lados). Discussões sobre isso levaram à percepção que as relacionalidades e acessórios que diferentes categorias analíticas do feminismo adquirem quando viajam tendem a determinar sua tradutibilidade. Além disso, a autora aponta outro fator importante no que diz respeito à mediação do processo cultural: não só o das barreiras linguísticas e culturais, mas também aquelas que chamam a atenção às barreiras raciais e sexuais (entre outras), no sentido de abrir espaços e criar alianças, tentando assim evitar um diálogo mal interpretado entre conversas a partir do momento em que elas ultrapassam as fronteiras. (COSTA, 2004, p. 189)

Nelly Richard (1996) escreve sobre a questão de centralidade no universo feminista. Ela discursa sobre a dupla marginalidade da literatura latino-americana; tanto a marginalidade em relação à centralidade do poder masculino assim como a marginalidade metropolitano-ocidental. Ela abre seu texto formando essa ideia sobre questões feministas relacionadas aos centros (que, no texto, ela chama de metrópole):

[...] as mulheres têm desenvolvido, num cenário cultural mais recente, um trabalho intensamente teórico que entra em uma árdua concorrência intelectual com a produção de conhecimento que está habitualmente sob contrato masculino. Mas, nesta produção teórica, se inscreve a marca predominante do contexto internacional que mais fortemente a sustenta e a organiza através de sua cadeia de universidades e séries editoriais que fazem circular os discursos desde os centros de validação metropolitana até a semiperiferia latino-americana. (Id., *ibid.*, p. 733)<sup>28</sup>

Richard (*Ibid.*) critica as generalizações feitas por muitos grupos quanto à atuação das feministas em um campo comum e defende a necessidade das feministas em focarem nas prioridades que aparecem dentro do seu grupo de estudo, transformando, assim, os estudos

---

28 “[...], las mujeres han desarrollado en la escena cultural más reciente un trabajo intensamente teórico que entra en ardua competencia intelectual con la producción de conocimiento habitualmente situada bajo contrato masculino. Pero esta producción teórica lleva inscrita la marca predominante Del contexto internacional que más fuertemente la sustenta y la organiza a través de su cadena de universidades y series editoriales que hacen circular los discursos desde los centros de validación metropolitana hacia la semi-periferia latinoamericana”.

feministas em um campo de atuação múltipla. Nesse sentido, ela comenta especificamente o feminismo na América Latina. Richard lembra que o modo como cada indivíduo vive, se comporta e pensa é relacionado com o sistema de representação da linguagem; este exprime os processos de subjetividade que estão diretamente relacionados às formas culturais e às relações sociais.

A autora (1996) remete à complexidade das desconstruções culturais, que previamente foram normatizadas pelas sociedades “dominantes” e que têm sido assumidas pelo feminismo teórico de tendência pós-estruturalista, sendo estas exercidas predominantemente pelo universo europeu e norte-americano. Richard (Ibid.), enfim, discursa sobre a necessidade que a América Latina teve e tem em se desassociar e desenvolver seu próprio discurso feminista. Como consequência, ela percebe que algumas feministas, devido às condições específicas da América Latina – de opressão, exploração e miséria – exigiriam das feministas latino-americanas muito mais ação que discurso, mais compromisso político que indagações filosóficas e mais denúncias testemunhais que emaranhados desconstrutivos. São discussões em relação ao imaginário “puramente” latino-americano.

É certo que o paradigma da autoridade da “cidade letrada” traçado pela inteligência ressonante do conquistador foi imposto sobre a pluralidade etnocultural dos corpos e das línguas domesticadas à força do cânone erudito da palavra ocidental. [...] O “propriamente” latino-americano é um conteúdo que se recria segundo diferentes conexões simbólico-sociais que movem localmente limites de inclusão/exclusão que separam e opõem entre si o próprio e o alheio, o superior e o inferior, o metropolitano e o periférico. Essas múltiplas interações de contextos indicam o dominante e o subordinado [...] em co-relações de poder sempre novas e mutantes. Fixar para sempre o feminino na imagem do corpo-natureza da América Latina como território virgem deshistoriciza o significado político das práticas subalternas (femininas, latino-americanas) ao negar a prática de realizar *operações de códigos* que reinterpretam os signos da cultura dominante

segundo novos – e rebeldes – contratos de significação. (Id., *ibid.*, p. 737)<sup>29</sup>

Richard, assim como outros estudiosos em assuntos sobre relações de poder, comenta sobre aquilo que ela denomina como “divisão global do trabalho”, que reserva o privilégio da *teoria* às academias metropolitanas (mesmo referentes a assuntos periféricos) e a *prática* à periferia latino-americana.

A autora conclui seu texto criticando tais práticas e enaltecendo as produções feministas desenvolvidas na própria América Latina devido à pluralidade cultural encontrada nesta parte do continente. Há, de fato, muito estudo próprio desenvolvido na América Latina que demonstra a necessidade da não-homogeneização dos Estudos de Gênero ou mesmo dos Estudos Feministas.

[...] o feminismo é uma categoria que deve ser permanentemente reinterpretada segundo a ênfase crítica que exige as circunstâncias discursivas nas quais se move. O feminino, portanto, não é um dado – pré-crítico – de uma identidade já resolvida, e sim algo a modelar e a produzir: é uma elaboração múltipla e heterogênea que inclui o gênero em uma combinação variável de outros significantes para entrelaçar diferentes modos de subjetividade e diferentes contextos de atuação. Esta concepção interativa da diferença-mulher é, sem dúvida, a que melhor serve para a reflexão do feminismo latino-americano, já que permite *pluralizar* a análise das muitas gramáticas da violência, da imposição e da segregação, da colonização e da dominação, que se intersectam

---

<sup>29</sup> “Es cierto que el paradigma de autoridad de la “ciudad letrada” trazado por la inteligencia razonante del conquistador se ha impuesto sobre la pluralidad etnocultural de cuerpos y lenguas domesticadas a la fuerza por el canon erudito de la palabra occidental. (...) Lo “propiamente” latinoamericano es un contenido que se recrea según diferentes conexiones simbólico-sociales que mueven localmente límites de inclusión/exclusión que separan y oponen entre sí lo propio y lo ajeno, lo superior y lo inferior, lo metropolitano y lo periférico. Estas múltiples interacciones de contextos resitúan lo dominante y lo subordinado (...) en siempre nuevas y móviles correlaciones de poderes. Fijar para siempre lo femenino en la imagen del cuerpo-naturaleza de América Latina como territorio virgen (...) deshistoriza el significado político de las prácticas subalternas (...) al negarles la posibilidad de realizar las operaciones de códigos que reinterpretarán los signos de la cultura dominante según nuevos – y rebeldes – contratos de significación”.

na experiência da subalternidade. (RICHARD, 1996, p. 742)<sup>30</sup>

Dessa forma, fica possível perceber que os Estudos de Gênero, assim como os Estudos da Tradução, apresentam inúmeras variações culturais em diferentes graus de importância, conforme o contexto em que uma determinada atividade intelectual de qualquer um dos campos de estudo esteja sendo produzida.

Costa (2004, p. 189) também observou as “variações” de importância e percebeu que a contemporaneidade é marcada pelo desaparecimento de “vias de mão única” e o surgimento de “zonas (cada vez mais voláteis)” de tradução, cabendo assim à crítica feminista examinar cuidadosamente o processo de tradução cultural das teorias e conceitos feministas.

A autora (Ibid., p. 190) comenta sobre os “vistos da tradução”, ou seja, a tradução somente pode se tornar possível através da presença daquilo que ela chama de um “aparato material” – que ela explica como a materialidade constituída por e constitutiva de contextos de recepção. Em resumo, esse “aparato” é tudo aquilo que organiza a tradução, a publicação, a circulação e a recepção dos textos, é ele que proporciona o “visto” de circulação do texto e também influencia na escolha de quais teorias/textos são traduzidos e re-significados a fim de que se adaptem à intelectualidade local.

### ***2.2.3. Importância***

Segundo Godard (1990), questões de linguagem e gênero tornaram-se uma preocupação central para as teóricas feministas e para a tradução de suas teorias. Godard fala sobre as teóricas feministas francesas que se deparam com problemas relacionados à tradução para o inglês, pois tentam quebrar com o discurso dominante, ou seja, elas percebem a tradução, na teoria do discurso feminista, como uma

---

30 “(...) lo femenino es una categoría que debe ser permanentemente reinterpretada según la acentuación crítica que exigen las circunstancias de discurso en las que se mueve. Lo femenino no es, entonces, el dato – precrítico – de una identidad ya resuelta, sino algo a modelar y producir: una elaboración múltiple y heterogénea que incluye el género en una combinación variable de significantes otros para entrelazar diferentes modos de subjetividad y diferentes contextos de actuación. Esta concepción interactiva de la diferencia-mujer es sin duda la que mejor sirve a la reflexión del feminismo latinoamericano ya que permite pluralizar el análisis de las muchas gramáticas de la violencia de la imposición y de la segregación, de la colonización y de la dominación, que se intersectan en la experiencia de la subalternidad”.

produção e não como uma reprodução (GODARD, 1990, p. 90). Dessa forma, sumariamente, puderam então concluir que as teorias do discurso estão intimamente ligadas às teorias da tradução. A autora demonstra no seu texto algumas razões que levaram a essa conclusão: os problemas levantados nas versões do francês para o inglês trouxeram à tona muitas questões tradutórias. A autora levanta uma pergunta logo no início do seu texto sobre as traduções de trabalhos feministas para a língua inglesa:

As traduções feministas procuram esconder que são de fato traduções e têm a intenção de aparecer de forma naturalizada na língua inglesa; ou será que procuram exercer a função de textos, de escritas, que salientam a produção ainda acima de seus significados? (Id., *ibid.*, p. 87)<sup>31</sup>

Questões relacionadas a esse tema, levantadas por Godard, esclarecem a importância dos Estudos da Tradução em textos de natureza feminista e, de forma ainda mais abrangente, textos de qualquer natureza política e cultural. Tanto os discursos feministas americanos como os discursos feministas franceses sobre tradução estão relacionados à identidade e diferença, assim como à nacionalidade e ao gênero. As práticas emancipatórias são demonstradas através da construção de novos significados. O discurso feminista trabalha para romper e pluralizar o discurso dominante, na procura por alcançar uma diferenciação. “[...] o discurso feminista funciona para subverter o monólogo do discurso dominante.”<sup>32</sup> (Id., *ibid.*, p. 88).

A autora acredita que a tradução e transcodificação feministas fazem emergir as dificuldades de quebrar o silêncio para abrir o espaço de comunicação de experiências e ideias entre as mulheres através das línguas. Assim, o confronto entre línguas no feminismo se torna explícito. São diferentes realidades culturais traduzidas para outros contextos diferentes e que, conseqüentemente, trazem experiências desconhecidas.

Godard conclui seu texto lembrando que as práticas tradutórias variam ao longo do tempo. A teoria da equivalência foi uma teoria dominante por muito tempo e, para essa teoria, a tradução é uma transposição de uma língua para outra e, dessa forma, preserva-se o

---

<sup>31</sup> “Do the translations seek to hide the work of translation and appear as naturalized in the English language, or do they function as texts, as writing, and foreground their work upon meaning?”

<sup>32</sup> “(...), *feminist discourse works to subvert the monologism of the dominant discourse*”.

significado. O “equivalente natural” é aquele que mais se aproxima da mensagem da língua de partida. O tradutor é visto como uma mão mecânica invisível e a tradução não passa de uma cópia. Teorias mais recentes vêem o tradutor como um decodificador e recodificador, e que a língua não é transparente. O tradutor passa, então, a ser um produtor e o status supervalorizado do texto-fonte passa a ser reavaliado, afinal, o texto-fonte, em um contexto tradutório, é meramente um texto “cego” às implicações ideológicas de suas manipulações textuais para o contexto de chegada. Essa nova teoria que visa diferenciar as traduções é uma vantagem à tradução feminista que chama a atenção para a diferença, um fator-chave em processos cognitivos.

Sherry Simon (1996, p. 136) reafirma o que as outras autoras dizem: que os estudos culturais auxiliam na compreensão da complexidade de gênero e cultura. Acrescenta ainda as consequências implicadas dentro das realidades múltiplas atuais dos “pós” (pós-estruturalismo, pós-colonialismo e pós-modernismo): primeiro, o poder da língua em construir uma realidade é enfatizado; segundo, as mudanças culturais contemporâneas são salientadas pelas relações de poder; e, terceiro, um universo onde novidades totais acabam sendo um fenômeno raro, as grandes atividades culturais envolvem a “reciclagem” de um material já existente. Sendo assim, todas essas três perspectivas mencionadas, segundo a autora, são proeminentes para que a tradução seja uma criação cultural que envolve mudanças.

Dessa forma, sendo este trabalho uma intersecção entre Estudos da Tradução e Estudos de Gênero, e percebendo que ambos trabalham com rupturas de antigos paradigmas, a complexidade que envolve trabalhar simultaneamente com esses dois temas pode abrir portas no sentido de esclarecer que cada texto e cada tradução de um texto envolvem uma série de variáveis singulares para cada situação com que se está lidando e que generalizações ficam cada vez menos prováveis.

### **2.3 Centro e Periferia**

Falando sobre questões do universo literário, Casanova (2002) discute sobre as línguas de grande circulação que, para ela, são principalmente o francês e o inglês. Ela diz que essas línguas:

[...] são as lidas não apenas por aqueles que as falam, mas também por aqueles que acham que os que escrevem nessas línguas ou são traduzidos para elas merecem ser lidos. São por si só “autorizações” para circular literariamente, pois

atestam o pertencimento a um “lar” literário. (Id., ibid., p. 36).

Ainda que o texto escolhido para este trabalho não pertença ao “universo literário”, que seria a abordagem de Pascale Casanova, seu pensamento pode ser adaptado para o atual contexto levando em consideração que no campo dos Estudos de Gênero são esses mesmos dois universos linguísticos que possuem uma “centralidade intelectual”.

Costa (2000, p. 43) afirma que a problemática da tradução tornou-se um novo espaço de debate feminista. As relações dentro da tradução cultural vão além de dimensões das assimetrias linguísticas, mas fazem principalmente parte de um jogo entrelaçado nas relações de poder. Assim, artigos referentes ao campo de Estudos de Gênero que são escritos originalmente em português e traduzidos para o inglês procuram retirar um “passaporte” para o que Casanova denomina “lar literário”, que, devido às circunstâncias específicas deste estudo, adapto para o nome de “lar intelectual” dentro dos Estudos de Gênero. A língua inglesa, mais do que primeira língua em diversos países do mundo, atualmente tem circulado dentro dos universos acadêmicos de diversos outros países que não a utilizam como primeira língua.

### ***2.3.1. Mapas intelectuais***

Casanova (2002) se apropria da teoria dos estudos do historiador francês Fernand Braudel (1985) para a elaboração de um mapa histórico mundial intelectual. Braudel construiu um mapa político e artístico mostrando que, ao longo dos anos e dos séculos, a centralidade tende a se deslocar de um lugar para o outro. As diferenças do mapa político para o intelectual, segundo sua teoria, é que o primeiro é menos estável e tende a mudar mais rapidamente, ao passo que o segundo sofre mudanças mais lentas (Id., ibid., p. 24).

Analizando um contexto sobre questões de valores, de relações de poder de língua/cultura e tradição, os mapas da literatura estudados pela autora são construídos por um sinal de autoridade literária, que são as línguas de grande circulação; quanto mais antigas os “clássicos da literatura”, que ela chama de lei temporal do universo literário, quanto mais longo o passado nacional, mais reconhecidas são as existências dessas produções (CASANOVA, 2002, p. 118). Os países dominados

literariamente<sup>33</sup> mais dificilmente conseguem ser colocados no mesmo tipo de situação. As regiões dominadas política, cultural e linguisticamente também são herdeiras dessas tradições culturais. As produções intelectuais também têm seus “lares centrais” e o que for produzido fora deles também é carregado de suas heranças, em uma relação de apoio e dependência.

Ainda assim, é possível acontecer algum tipo de emancipação, no caso da literatura norte e latino-americana, que ignoraram a crença popular herdada do povo e da língua colonizadora procurando a originalidade (Id., *ibid.*, p. 112). No feminismo, a procura por questões específicas trouxe a muitos países que aqui chamo de periféricos a necessidade do desenvolvimento do feminismo pós-colonial, o que não deixa de ser uma independência dentro do universo intelectual.

Segundo Casanova (*ibid.*), quanto maior o número de políglotas e de tradutores, maior o intercâmbio entre as culturas e mais a cultura central se prolifera dentro das culturas periféricas. Essas pessoas trazem aquilo que aprenderam na cultura central para os seus países periféricos e Casanova concorda que, quanto maior o número de políglotas que falam determinada língua, mais essa língua se torna central, ou seja, dominante (*Ibid.*, p. 36). Mas, dessa mesma forma, esses mesmos políglotas e tradutores também conseguem divulgar as culturas periféricas a uma cultura central, através de uma língua central.

A autora ainda afirma que tradutores e críticos são os responsáveis pelo enriquecimento cultural. As produções intelectuais centrais são trazidas para a periferia através dos políglotas e dos tradutores, e assim, conseqüentemente, são adotadas e adaptadas para os países a que elas foram destinadas. Mais do que isso, uma produção intelectual periférica só pode ser reconhecida mundialmente se a mesma for expressa em uma das línguas centrais. As traduções dos artigos da Revista Estudos Feministas também são uma tentativa de promover o trabalho realizado nela para um universo mais internacional. Para isso, levar questões específicas nacionais à língua inglesa traz a possibilidade das produções elaboradas no Brasil serem lidas e percebidas, não só pelos norte-americanos, mas de serem consagradas em uma língua central.

---

<sup>33</sup> Casanova observa que para que uma obra seja considerada *A Literatura*, ela deve ser considerada clássica. “A lei temporal do universo literário pode ser enunciada da seguinte forma: *é preciso ser antigo para ter alguma chance de ser moderno ou de decretar a modernidade*. É necessário ter um longo passado nacional para almejar a existência literária plenamente reconhecida no presente” (Casanova, 2002: 118)

### **2.3.2. Relações de Poder**

Niranjana (1992, p. 47) discursa sobre as teorias da tradução através de uma visão pós-colonialista e percebe a importância que até então os ocidentais deram, em termos de tradução, de partir do ponto da tradução do conhecido para o universo do desconhecido. Historicamente, traduzir uma cultura está para que ela seja inteligível em outra, para que uma cultura entenda a outra. Através da tradução, é possível tentar estabelecer relações de poder em que uma cultura passa a estar presente na outra.

A autora percebe a necessidade da noção das teorias da tradução estar vinculada ao conceito de um crescimento humanista através de um estudo pós-colonialista, que abre para questões culturais que consideram as relações de poder e também de historicidade, assim como as desigualdades (ou assimetrias) das línguas diferentes dos últimos séculos, em que a tradução ocupou um quadro “conceitual, idealista e empirista” no senso comum (Idem, 48).

Assim, Niranjana chama de “teoria inocente da linguagem” as teorias conservadoras da tradução e que atualmente podem ser debatidas dentro do campo de Estudos da Tradução sobre as “realidades”, colocadas na sua obra desse modo, entre aspas. Concordando com as palavras de Bassnett, Niranjana repete a ideia de que não há sentido em discutir sobre uma tradução definitiva já que a tradução está intimamente ligada ao contexto em que ela é produzida.

Especulando sobre as relações de poder, Niranjana (Idem, 60) percebe a ligação dos Estudos da Tradução com atividades missionárias, o trabalho dos antropólogos e o papel dos administradores coloniais, vendo a tradução muitas vezes como um desejo de construir o mundo primitivo, de representá-lo e de falar em nome dele; através das relações assimétricas entre colonizador e colonizado.

De forma mais específica para o contexto da tradução do gênero feminista, Cláudia de Lima Costa também aborda questões que se referem a relações de poder:

No contexto do tráfego nacional de teorias e conceitos, a questão da tradução cultural se faz um espaço privilegiado, por um lado, para elaborar análises críticas sobre a representação, o poder, as assimetrias entre linguagens e, por outro, para examinar e situar aquelas práticas

constitutivas do sujeito do feminismo e de seu lugar de enunciação. (COSTA, 2000, p. 45)

Costa evidencia também possíveis riscos que alguns aspectos de ruptura e de visibilidade das mulheres desapareçam na tradução através do uso do discurso dominante, que podem representá-la como um objeto sem história.

### ***2.3.3. Centro e Periferia no Universo Feminista***

Adaptando a teoria de Pascale Casanova para este estudo, o universo dos Estudos de Gênero, substituído pelo universo literário discutido pela a autora, as questões que circundam centro e periferia também podem ser utilizadas. Tal estudo traz à tona como o Brasil foi, assim como outros países, influenciado por essa carga maciça de demonstrações feministas intelectuais desde o movimento sufragista anglo-americano do final do século XIX, que não tardou em repercutir no Brasil<sup>34</sup>, até as demonstrações mais recentes e também mais complexas, abordando questões diversificadas relacionadas ao feminismo. Mesmo vivendo um contexto social relativamente diferenciado dos países “centrais”, foram as feministas e os intelectuais desses países que influenciaram e influenciam a teoria que se desenvolveu no Brasil. Céli Pinto (2003) comenta sobre os palcos de fortes acontecimentos políticos, de uma grande revolução de costumes e de uma radical renovação cultural tanto na Europa como nos Estados Unidos, e, paralelamente, no Brasil onde ocorria um período de ditadura militar, repressão e morte. Nesse sentido, o movimento feminista nos dois hemisférios possui características que estão intimamente ligadas a tais fatores. Os primeiros grupos feministas surgiram em 1972 no Brasil, em São Paulo e no Rio de Janeiro, e esses foram inspirados no feminismo do Hemisfério Norte.

Logicamente, a necessidade de lutas feministas e do reconhecimento dos Estudos de Gênero como um campo surgiu no país por motivos específicos. Muitos intelectuais afirmam que a principal luta das mulheres hoje no Brasil é contra a violência doméstica, vindo a ser um grande problema singularmente específico e polêmico. Contudo, não há como fazer um estudo teórico na área de gênero senão

---

<sup>34</sup> No Brasil o movimento se estendeu pelas três primeiras décadas do século XX com os mesmos ideais do hemisfério norte, ou seja, a luta pela inclusão das mulheres à cidadania (Pinto, 2003).

comparativo ao conhecimento teórico e histórico desenvolvido nos países “centrais”, como aparece no artigo de Bila Sorj (2008), o qual levanta questões sobre as políticas públicas que foram trazidas pela REF. No trecho a seguir, ela fala especificamente sobre o tipo de feminismo desenvolvido no Brasil:

Podemos denominá-lo de "feminismo republicano", que tem como principal característica a ênfase nas reivindicações de direitos ao Estado e na demanda de intervenção estatal para corrigir as desigualdades de gênero. Assim o Estado é chamado para proteger as mulheres contra a violência doméstica, contra um judiciário atrasado, contra a discriminação no trabalho etc. O Estado se constitui, desse modo, no principal vetor da mudança; e as políticas públicas são a principal ferramenta para alcançar os objetivos desejados. Podemos afirmar que no Brasil, comparativamente aos Estados Unidos, temos um tipo de feminismo mais voltado às reivindicações de caráter social, inclusivas, transversais às classes sociais, enquanto nos Estados Unidos, berço do "feminismo liberal", a ênfase recai sobre a liberdade entendida como autonomia individual. Claro que o feminismo liberal e igualitário reconhece que o exercício da autonomia individual depende de certas condições que estão insuficientemente presentes na vida das mulheres, todavia o Estado não é visto como o agente principal na promoção dessas condições. (SORJ, 2008, p.130)

Mesmo que diferente em diversos aspectos sociais, a base do estudo do feminismo no Brasil ainda traz comparativas ao feminismo desenvolvido no Hemisfério Norte. Podemos perceber nesse exemplo que esse estudo comparativo com os Estados Unidos é um indicativo de que a luta feminista norte-americana, historicamente, foi intensa e, ao mesmo tempo, influenciou teoricamente outros lugares do mundo.

Sobre essas duas regiões que denominei como “centrais” neste trabalho, Sherry Simon (1996) dedica um capítulo de sua obra intitulada “*Gender in Translation – Cultural Identity and the Politics of Transmission*” especialmente às questões tradutórias que se referem às obras francesas relacionadas aos Estudos de Gênero para o feminismo anglo-americano. A autora percebe também a importância às

significâncias culturais que esses dois universos culturais exercem nesse campo de estudo.

Dentre outras questões abordadas no capítulo, Simon, através de sua pesquisa, evidencia diferenças entre um e outro feminismo, o anglo-americano e o francês. O feminismo americano procura o autoconhecimento feminino, enquanto o francês afirma que não há autoconhecimento algum. Acima de tudo, Simon evidencia a maior de todas as diferenças:

A principal diferença entre os feminismos na América do Norte e na França é certamente percebida através da linguagem. Mas o que linguagem significa aqui? Evidentemente não é a importância dos códigos específicos usados pelas autoras francesas. Significa muito mais o desafio que as teóricas feministas remetem a estrutura conceitual do patriarcado, um modo masculino de perceber e organizar o mundo, uma visão masculina que, por séculos está codificada na aprendizagem e que parece assim natural e inevitável. Enquanto as feministas anglo-americanas evidenciaram essas consequências linguísticas de opressão [...] o feminismo na França está para a desconstrução da estrutura simbólica do patriarcado. (SIMON, 1996, p. 89 e 90)<sup>35</sup>

No livro de Céli Regina Jardim Pinto, “*O Feminismo no Brasil: Suas Múltiplas Faces – Uma História do Feminismo no Brasil*” (2003), a autora procura trazer a história do feminismo brasileiro, reconhecendo que para estudar a teoria feminista brasileira é preciso ir ao “berço” das teorias feministas, ou seja, às intelectuais desses países “centrais”, em especial, França e Estados Unidos; da necessidade de pensar nessas tendências como um estudo dinâmico de produção do conhecimento. Ela cita o trabalho das norte-americanas Joan Scott e Judith Butler, uma obra composta por artigos que levou o título de *Feminists Theorize the Political* para analisar o feminismo através do ponto de vista político e

---

<sup>35</sup> “The main issue of difference between American and French feminism was indeed perceived as one language. But what did language mean here? Certainly not the importance of the specific linguistic code used by French writers. It meant rather the challenge which feminist theorists addressed to the conceptual structure of patriarchy, a masculine mode of perceiving and organizing the world, a male view encoded in centuries of learning so that it appears as natural and inevitable. While Anglo-American feminists had highlighted the linguistic consequences of oppression [...] French feminism lay in deconstructing the symbolic structure of patriarchy”.

teórico ao mesmo tempo. Sendo essas feministas citadas norteamericanas, mais uma vez recorre-se às teorias desenvolvidas fora do país para aprofundar os estudos feministas desenvolvidos no Brasil, e mais uma vez demonstra a centralidade dos Estados Unidos da América na produção daquilo que se refere aos Estudos de Gênero.

Cláudia de Lima Costa (2000) prefere o termo “zonas de contato” ao invés de centro e periferia. Ela justifica esse termo devido às produções não menos importantes desenvolvidas em outros países que não sejam esses. Ainda assim, ela reconhece que:

[...] na divisão global do trabalho o trânsito teórico entre centros metropolitanos e periferias permanece preso a uma troca desigual ou uma lógica intratável: enquanto o centro acadêmico teoriza, espera-se da periferia o fornecimento de estudos de caso. Em outras palavras, a periferia é reduzida ao lado prático da teoria; isto é, num binarismo perverso, ela se torna o corpo concreto em oposição à mente abstrata do feminismo metropolitano. (Id., *ibid.*, p. 44)

Quem observa essa importância, em uma entrevista concedida à REF de janeiro de 2001, é Ella Shohat, uma estudiosa que escreve sobre a complexidade das relações de dominação, sejam elas étnicas, de classes ou de qualquer outra natureza. Na intenção de perceber as peculiaridades de diferentes grupos e da não-generalização, ela parte de um olhar antropológico sobre a experiência de gênero em diferentes comunidades entre si, entre leste e oeste, primeiro e terceiro mundo, mulheres brancas e não brancas com a finalidade de desvendar um outro tipo feminismo, não o feminismo civilizador do ocidente, mas o feminismo relacional das diferentes comunidades e práticas sociais (COSTA; MALUF, 2001, p. 147 e 148). Shohat fala sobre a publicação do seu livro intitulado “*Talking Visions: Multicultural Feminism in a Transnational Age*” (Cambridge: MIT Press, 1999, 566p.) que, segundo suas próprias palavras:

[...] por si só traz um desafio epistemológico, ao quebrar com fronteiras disciplinares e culturais e ao trazer a reflexão sobre diferentes formas de expressão não canônicas no meio acadêmico. (Id., *ibid.*, p. 148)

Shohat enfatiza esse discurso através dessa afirmação da necessidade de relacionar culturas:

Apesar de as regiões terem as suas especificidades, a ideia é discutir comunidades não como isoladas umas das outras, na medida em que todas as histórias e geografias estão mutuamente implicadas. Elas devem ser analisadas umas em relação às outras. [Ibid., p. 150)

Com isso, fica perceptível a necessidade de diálogo entre as diversas culturas para ampliar a comunicação intelectual que se refere aos Estudos de Gênero de um modo geral. O Brasil tem muito a contribuir nesse sentido, e esse é o principal objetivo do projeto de tradução que é proposto no capítulo 4.

### **3 PROJETO DE TRADUÇÃO – SEGUINDO O FUNCIONALISMO PROPOSTO POR CHRISTIANE NORD**

Os tradutores tornam possível a comunicação acontecer entre membros de comunidades culturais diferentes. Eles fazem a ponte no espaço entre situações onde as diferenças em comportamento, expectativas, conhecimento, perspectivas verbais e não-verbais são tantas que não há um ‘solo’ comum suficiente para aquele que envia e para aquele que recebe se comunicarem eficientemente entre eles. (NORD, 2001, p. 1)<sup>36</sup>

Como qualquer tradução, esta também confronta diferenças culturais entre leitores de línguas diferentes. No aspecto linguístico, são apenas duas línguas envolvidas, o português e o inglês (para este projeto, pois, mais uma vez lembrando, a entrevista foi realizada em francês e posteriormente foi traduzida e publicada em português). No aspecto cultural, o Brasil, os Estados Unidos, a França e o Irã aparecem como atuantes na entrevista selecionada.

#### **3.1 Uma tradução envolvida com quatro diversidades culturais**

Inicialmente, como uma das primeiras tarefas da elaboração de um projeto de tradução, é preciso selecionar o público-alvo. A ideia inicial foi de que o público-alvo seria restritamente os norte-americanos que, de algum modo, fossem interessados em Estudos de Gênero dentro do meio acadêmico; esses poderiam ser professores, alunos ou pesquisadores. Posteriormente, ficou perceptível que, quando se trata de um texto que será publicado na língua inglesa, não há como restringir tão severamente o público-alvo. A língua inglesa é atualmente uma língua de grande circulação nos meios acadêmicos e, ainda que, entre muitos deles, a primeira língua não seja inglês, sabe-se que circula como segunda língua nos referenciais bibliográficos e em discussões acadêmicas também. Mesmo que a entrevista seja publicada em uma revista acadêmica norte-americana, ainda assim, ela terá o “visto” para circular em outros países, pois estará traduzida para a língua inglesa e,

---

<sup>36</sup> “Translators enable communication to take place between members of different culture communities. They bridge the gap between situations where differences in verbal and non-verbal behaviour, expectations, knowledge and perspectives are such that there is not enough common ground for the sender and receiver to communicate effectively by themselves”.

se for publicada *online*, ela fica ainda mais acessível para diversos leitores de nacionalidades diferentes.

Considerando essa realidade, foi necessário ampliar o público-alvo para todos os leitores interessados em Estudos de Gênero que não tenham proficiência de ler em português. Contudo, devido a algumas peculiaridades que tratarei a seguir, apesar de ampliado para um público mais abrangente, ainda assim, há de se observar que a tradução será publicada em uma revista acadêmica norte-americana (ou seja, dos Estados Unidos ou do Canadá), e que os leitores dessa nacionalidade devem ser prioritariamente levados em consideração conforme alguns problemas específicos levantados pela leitura do texto em português. Por isso, as/os norte-americanas/os continuam sendo o foco do público-alvo deste projeto.

Posteriormente será explicado porque essa decisão passou a ter tamanha importância dentro do projeto, mas, a priori, cabe aqui dizer que há um amplo potencial de leitores que sejam o público-alvo, afinal é possível considerar todos os leitores interessados em assuntos relacionados aos Estudos de Gênero que não tenham conhecimento suficiente para ler o texto em português. Sendo esse público-alvo tão amplo, a tomada de decisões de natureza cultural se tornaria mais difícil já que o texto-alvo estaria assim destinado às mais diferentes culturas do planeta. Portanto, não se pode desconsiderar que o texto traduzido será lido por diferentes culturas, entretanto, foi pensando mais especialmente na cultura norte-americana que o projeto foi elaborado, permitindo assim, tomadas de decisões mais específicas e direcionadas para a cultura em questão.

### **3.2. Algumas características das culturas envolvidas**

É importante ressaltar que o texto-fonte que está publicado na REF de janeiro-abril de 2008 de forma impressa e *online* já é uma tradução do francês. Ela foi realizada por uma socióloga brasileira, Carmen Rial, ou seja, ela é de um país que, também como o Irã, segundo a própria entrevista desse artigo, possui uma história relativamente recente em termos de produção no campo de Estudos de Gênero, e ambos são bastante influenciados – ainda que de forma diferente – por estudiosas oriundas da França e da América do Norte. Esses países são, de uma forma generalizada, pioneiros no que se refere às produções intelectuais, onde se encontram os prováveis “clássicos” do feminismo (apropriando e adaptando a teoria de Casanova (2002)

que se refere aos clássicos da literatura, como estudado no capítulo anterior)<sup>37</sup>.

Dessa forma, entre outras intenções, uma das propostas da tradução é também tentar mostrar ao público-alvo como o feminismo iraniano é influenciado pela corrente de estudos desenvolvida na América do Norte, e de que forma a corrente francesa também os influenciou. O diálogo entre as duas pesquisadoras deixa claro como ambos os países, Brasil e Irã, conhecem e utilizam determinadas escritoras provenientes de tais lugares.

O texto original trabalha com a mentalidade de duas mulheres provenientes de diferentes contextos culturais, entrevistadora e entrevistada, brasileira e iraniana, respectivamente. O texto-fonte tem como público-alvo leitores acadêmicos brasileiros dentro dos Estudos de Gênero; ou seja, os leitores do texto-fonte podem se identificar com a autora do texto muito mais do que os leitores do texto-alvo, pois eles partilham da mesma nacionalidade e, mais que isso, dos mesmos centros acadêmicos brasileiros. Através do frequente diálogo entre estudosas(os), esses centros trabalham com conceitos culturais semelhantes àquilo que diz respeito aos Estudos de Gênero e também igualmente ou semelhantemente influenciados por essas duas grandes correntes intelectuais da área.

Como brasileira, a autora trouxe aos brasileiros uma entrevista realizada na França sobre o feminismo no Irã de função textual informativa. Essa entrevista foi realizada em francês, mas com o intuito de ser publicada no Brasil, em português. Portanto, o texto, desde sua fase inicial de produção na forma oral e na língua francesa, é conscientemente endereçado aos brasileiros. Nesse sentido, para os leitores da língua-alvo o texto-alvo pode se tornar mais exótico do que o texto-fonte para o seu público original, afinal o texto-alvo é uma produção brasileira sobre um diálogo internacional entre Brasil e Irã traduzido para o inglês.

Apesar do projeto de tradução manter a proposta de oferecer, assim como no texto-fonte, uma visão histórica, política, religiosa e social sobre o feminismo no Irã, a introdução do texto, assim como as perguntas da entrevista, são levantadas por uma brasileira com interesse

---

<sup>37</sup> Dentro dos Estudos Feministas, por exemplo, Simone de Beauvoir na França é muito conhecida pela sua publicação em 1949, de “O Segundo Sexo”; e, logo posteriormente Betty Friedan, nos Estados Unidos da América, tendo seu auge na publicação do livro “Mística Feminina”, em 1963. Ainda que hoje em dia nenhuma das duas seja mais um referencial teórico, há, entre outras, na América do Norte Joan Scott e Judith Butler e na França Luce Irigaray usadas atualmente como referenciais teóricos dentro desse campo de estudo.

intelectual brasileiro nos Estudos de Gênero e pensando no seu leitor-alvo, esse também brasileiro. Esse interesse pode ir às vezes de encontro aos interesses das feministas norte-americanas, mas sendo alguns deles diferentes, ainda assim, a tradução pode ser interessante no sentido de demonstrar como o Brasil, um país que aqui chamei de periférico no que se refere à teoria, porém significativo na atuação do campo de Estudos de Gênero<sup>38</sup>, lida com essas duas correntes teóricas através de como Carmen Rial conduz a entrevista, perguntando sobre e mencionando algumas estudiosas dentro dessa área que lhe são familiares e que fazem parte do universo “central” dos Estudos de Gênero, ou seja, do universo anglo-americano e francês. Esse modo de lidar com as teóricas desses dois lugares, isto é, através de um ponto de vista da “periferia”, pode também ser um objeto de estudo interessante para os Estudos de Gênero.

A semelhança que pode ser encontrada no feminismo entre esses dois países diferentes, Brasil e Irã, é que ambos iniciaram seus Estudos Feministas depois da América do Norte e da França, influenciados pelos movimentos, pelas lutas e por uma procura por uma identidade; ambos se apropriam dos estudos realizados por eles, porém também os adaptaram às suas próprias necessidades<sup>39</sup>. Ambos fazem parte de um grupo de correntes derivadas dentro do feminismo, que surgiu de mulheres pertencentes a contextos diferentes dessas pioneiras; esses originalmente compostos por mulheres de maioria branca, ocidental, cristã de classe média e alta, européias e norte-americanas, surgindo apenas posteriormente outros grupos compostos por outras diferenças étnicas, religiosa ou de classe social<sup>40</sup>.

Logicamente, o feminismo que existia e existe no Irã é diferente do feminismo existente no Brasil, cada um traz na sua história uma luta dentro das características sócio-políticas peculiares de seus países. De qualquer forma, tanto em um país como no outro, as correntes feministas surgiram após os países que hoje foram nesse estudo

---

<sup>38</sup> ver HOLLANDA, H. H. O. B. *Feminismo em Tempos Pós-Modernos*. In: HOLLANDA, H. H. O. B. (org). *Tendências e Impasses: O Feminismo como Crítica da Cultura*. Rocco: Rio de Janeiro, 1994. p. 7-22.

<sup>39</sup> Na própria entrevista, tanto Carmen Rial como Azadeh Kian-Thiébaud mencionam diversas escritoras norte-americanas e francesas e que tipo de popularidade elas têm dentro dos estudos acadêmicos de seus respectivos países.

<sup>40</sup> Cabe dizer que dentro dos países que aqui denominei “centrais” também aparecerem posteriormente outros tipos de feminismos subdivididos em grupos de diversas outras naturezas.

considerados “centrais” terem desenvolvido suas próprias correntes e continuam se referindo às produções destes na área.

### **3.3 Protagonistas e coadjuvantes – a proposta**

A proposta aqui apresentada é de uma tradução. Vários aspectos da entrevista original, como por exemplo, que ela foi realizada por uma brasileira, na França, que foi oralmente realizada em francês e que foi inicialmente publicada em uma revista acadêmica brasileira, são mantidos na tradução da entrevista, inclusive a estruturação do texto. Com isso, o leitor do texto-alvo consequentemente poderá perceber outro aspecto que vai além da proposta inicial do texto-fonte: ele propõe aos seus leitores uma comunicação direta do Brasil com a atuação das feministas do Irã que, por motivos culturais, demonstra uma luta feminista diferente da sua, porém semelhante a um período de novas necessidades de luta e estudo. O texto-alvo procura levar ao público-alvo uma leitura que seja reflexivamente mais indireta que a leitura feita pelos leitores do texto-fonte, ou seja, para estes a distância cultural se resume às particularidades do feminismo no Irã ao passo que para aqueles a distância vai ainda mais além, afinal, para os leitores que lêem em uma língua consagrada na centralidade, ou seja, no inglês, e que não possuem uma ligação cultural direta com nenhuma das personagens do texto, o distanciamento cultural não está apenas nas respostas da entrevistada, mas também nas perguntas da entrevistadora, duas mulheres oriundas de países periféricos diferentes no campo dos Estudos de Gênero se relacionando com esse universo feminista. .

Relembrando o público-alvo deste projeto, acadêmicos interessados em Estudos de Gênero que, primeiramente fazem parte de um grupo muito abrangente de leitores que não leiam na língua portuguesa e tenham conhecimento linguístico em inglês, mas que acaba se afunilando mais especialmente para leitores da América do Norte. Mesmo não havendo produção nenhuma da mão da cultura norte-americana – nem mesmo a tradução para o inglês, a cultura norte-americana é uma das “personagens” principais do artigo, sendo mencionada diversas vezes através da fala tanto de Carmen como de Azadeh. Os leitores norte-americanos, portanto, poderão perceber que tipo de diálogo as produções intelectuais em estudos de Gênero do país deles próprios – e da França – geram entre outras culturas de raízes históricas e sociais bem distintas. De fato, a tradução confronta duas culturas centrais através de redes periféricas. Através desse diálogo, os

leitores norte-americanos poderão perceber que tipo de estudo vem sendo realizado no Brasil e, logicamente, no Irã.

No contexto da tradução, a visão da cultura norte-americana como parte do 'outro' é bem evidente na entrevista já na primeira resposta que Azadeh dá à Carmen no texto, quando se refere aos norte-americanos como terceiros, referindo-se a eles e outras nacionalidades como ocupantes estrangeiros, missionários e cristãos: "existiam escolas para moças, mas eram escolas de missionários americanos, franceses e ingleses, e, sobretudo, eram as mulheres cristãs que as frequentavam." Dessa forma ela descreve, no decorrer da entrevista, a nacionalidade e práticas norte-americanas como parte do 'outro'. A intenção é que esse tipo de discurso seja mantido; os leitores norte-americanos, ao lerem o texto-alvo, perceberão claramente que o discurso não foi destinado a eles, e também, entre outras características trazidas pelo texto, que o diálogo foi realizado entre duas pessoas de culturas periféricas.

No texto-fonte, fica clara a preferência de Azadeh pelos estudos feministas desenvolvidos na França, ela lamenta a falta de conhecimento por parte das feministas iranianas de grandes obras francesas nessa área. Além disso, algumas vezes ela se refere às teorias americanas de uma forma generalizada e distanciada, muito mais que qualquer outra cultura ali mencionada. A entrevistada demonstra em alguns momentos algumas opiniões contrárias a essa teoria generalizada norte-americana. Essa atitude não é totalmente surpreendente no momento em que as teorias feministas que aqui denominei por centrais, ou seja, teorias desenvolvidas na América do Norte e na França, em algumas situações sustentam abordagens intelectuais diferentes, e por vezes, podem também divergir ideologicamente, assim como é descrito por Heloísa Buarque de Hollanda (1994, p. 14) ao discursar sobre as tendências e diferenças entre as produções feministas nesses dois centros, e, se referindo ao pensamento feminista francês afirma que: "[...] o feminino constitui-se como a possibilidade de recaptura de uma unidade perdida, ao contrário das investigações anglo-saxônicas, consideradas "puramente temáticas" pela crítica francesa."

Azadeh, por seguir essa linha de pensamento teórica francesa, algumas vezes faz críticas um tanto severas ao feminismo norte-americano. Nesse caso, este projeto de tradução tem como pretensão suavizar um pouco os comentários da entrevistada, porém não se propõe a omitir esse senso crítico, não há a intenção de poupar os leitores americanos de algumas críticas, mas, para não fugir do objetivo principal, que é chamar a atenção do público-alvo para a interação das produções brasileiras no campo de Estudos de Gênero, ou seja, para

despertar também a atenção das feministas norte-americanas cujas produções Azadeh se mostra bastante crítica. Essa característica da entrevista foi mais uma razão para o afinamento do público-alvo da tradução, como anteriormente mencionado. Outro motivo que leva a escolha da suavização dos comentários de Azadeh para o texto-alvo é um motivo puramente diplomático, não só entre Azadeh e a América do Norte, mas muito mais entre o Brasil e a América do Norte, com o objetivo de estreitar o diálogo e evitando o contrário, o distanciamento entre eles.

A proposta também é de formalizar a linguagem de forma que ela fique mais acadêmica que a do texto-fonte e também de suavizar, dentro do possível, as fortes marcas de oralidade, ou seja, que o texto fique com mais características de texto escrito (apesar da estrutura de entrevista ser mantida) na intenção de manter o principal dos objetivos aqui propostos, de demonstrar a seriedade com a qual o Brasil dialoga com outras culturas de forma acadêmica e competente. O objetivo principal da tradução do texto fonte é mostrar a maturidade da pesquisa feminista no Brasil. Portanto, qualquer possível motivo que venha a inferiorizar de alguma forma o texto para o público-alvo deve ser compensado, para não contrariar esse objetivo principal. Por exemplo, o fato de o texto ter sido escrito por uma brasileira que pode ser classificada como uma intelectual de uma cultura periférica, ou também pelo fato de o texto ser uma tradução e não um original, pode ser considerado negativo para o público-alvo e deve, de alguma forma, ser contrabalançado através de uma linguagem mais em conformidade com o registro usual de um texto acadêmico da cultura de chegada. Isso vale também para leitores fora dos EUA, pois através das convenções do registro acadêmico anglo-saxônico inevitavelmente passarão a ler o texto pelo filtro dessa cultura, isto é, mesmo que algumas das características de um texto acadêmico não existam na cultura de origem desses leitores, eles o exigirão de um texto que estão lendo em inglês, pois passaram por uma socialização através de suas leituras anteriores de textos acadêmicos em inglês.

Levando sempre em consideração o foco onde se localiza o público-alvo, a intenção por trás de todo o esforço da tradução e publicação do artigo traduzido é que seus leitores percebam a seriedade do trabalho que vem sendo realizado aqui no Brasil no campo de Estudos de Gênero.

A entrevistada, Azadeh, também teve suas próprias intenções quando cedeu a entrevista à Carmen Rial. É importante ressaltar que ela é a principal atuante do artigo, ou seja, com exceção do primeiro

parágrafo introdutório e de um número de perguntas, a fala pertence a ela, com respostas longas às perguntas da entrevistadora. No entanto, sabe-se que a entrevista foi realizada em francês, o que significa que a autora entrevistadora e também tradutora já fez com que as palavras da entrevistada passassem pelas consequências de uma primeira tradução e mediação para o público leitor brasileiro. Coube à própria autora considerar as intenções da entrevistada ao traduzir o artigo para o português.

A tradução para a língua inglesa levará em consideração principalmente as intenções da autora do texto que abre o artigo com suas próprias palavras em português e também conduz a entrevista em francês. A possibilidade que a intenção da entrevistada ganhe uma interpretação errônea ao ser traduzida para o inglês existe, pois suas palavras sofreram uma segunda tradução. Nesse caso, foi feito um contato com Azadeh via *e-mail*, que revisou a entrevista traduzida para o inglês com o intuito de evitar que ela corra o risco de ter seu discurso lido tão diferentemente daquele que um dia ela pronunciou.

Quanto à autora do texto, Carmen Rial, também houve um diálogo via *e-mail* para que ela ficasse a par do trabalho que estava sendo feito e também para resolver algumas dúvidas em relação ao texto publicado em português, consultando a gravação da entrevista em francês. No entanto, Carmen não pôde ceder a entrevista original gravada em francês para uma avaliação ainda mais aprofundada, pois não se encontrava no Brasil durante o período de estudo.

Para o reconhecimento dessa tradução como uma produção acadêmica brasileira séria dentro do contexto acadêmico norte-americano, certos cuidados na elaboração do projeto de tradução foram necessários. A escolha da linguagem acadêmica adequada é crucial nesse sentido. Além dos fatores interculturais e da dimensão de inversão de centro-periferia, ainda há outras questões delicadas que foram consideradas na elaboração da tradução. Por exemplo, como já anteriormente mencionado, a entrevista, provavelmente por ser originalmente um diálogo oral, carrega certa informalidade que a autora preferiu manter durante sua transcrição para a língua escrita e tradução para a língua portuguesa. A entrevista já passou por alguns processos de transformação até ser publicada para o leitor-original brasileiro. A tentativa de alcançar a aceitação da entrevista pelo novo público-alvo através da busca por uma linguagem mais formal na tradução para o inglês foi uma constante no processo tradutório, por isso que houve um certo abrandamento de marcadores de oralidade e informalidade, porém, não houve em momento algum, a tentativa de eliminar a oralidade tão

nítida para o público-alvo original, ela apenas foi adaptada aos padrões usuais para uma entrevista acadêmica do contexto norte-americano.

Ainda assim, a intenção da autora e entrevistadora deve incondicionalmente sofrer algumas alterações, pois além das características culturais linguísticas, a entrevista sofre uma mudança drástica de público-alvo. Tanto os leitores do texto-fonte como os leitores do texto-alvo são, de fato, leitores interessados em Estudos de Gênero dentro de um meio acadêmico. Os primeiros são leitores de um país periférico interessado em uma produção desenvolvida por uma conterrânea. Os segundos, no entanto, entre o grande grupo de leitores são uma parte, aqueles que pertencem a um país central interessado em uma produção desenvolvida por uma autora oriunda de um país periférico. Levando essa questão em consideração, percebe-se uma mudança de foco: no texto-fonte, as discussões levantadas sobre as teorias dos países centrais na questão do feminismo (América do Norte e França), são discutidas por mulheres originalmente de países periféricos (Irã e Brasil), e tal discussão é retransmitida para um país periférico (Brasil). Dentro do contexto de Estudos de Gênero no Brasil, a autora é conhecida e respeitada; no contexto da tradução, ela é um nome novo. No caso da tradução, a discussão é principalmente direcionada para o público norte-americano através de uma visão periférica desses dois países em questão. Assim, o leitor do texto-alvo, estando na qualidade de uma posição central em produção teórica dentro dos Estudos de Gênero, pode perceber que a periferia se pronuncia com produções também contributivas para os Estudos de Gênero. A entrevista pode despertar também o interesse nas feministas em perceber um ponto de vista de uma iraniana, Azadeh, intermediada por uma brasileira.

Para finalizar, segue uma tabela ilustrativa que elucida os principais pontos destacados pelo projeto de tradução discutido neste capítulo:

	<b>Texto-alvo:</b>	<b>Texto-fonte:</b>
<b>Fatores externos:</b>		
Emissor	Carmen Rial	Monique Pfau
Intenção	Transmitir conhecimento geral sobre o feminismo no Irã (histórico- político e social)	Mostrar um exemplo de diálogo de uma feminista brasileira com outro país (nesse caso, o Irã)
Receptor	Acadêmicos brasileiros leitores da REF	Acadêmicos da área de EG que não tenham proficiência em português – especialmente os norte-americanos
Meio	Revista Estudos Feministas	Através de uma revista acadêmica
Lugar	Florianópolis - Brasil	A decidir
Tempo	2008	Futuro próximo
Propósito	Informar questões sobre o feminismo no Irã e fazer uma comparativa ao feminismo brasileiro.	Divulgar produções brasileiras deste campo e atenuar os conflitos culturais gerados pela tradução do texto
Função textual	Informativa	Informativa-apelativa
<b>Fatores internos:</b>		
Tema	Feminismo no Irã	Feminismo no Irã
Conteúdo	Perguntas e respostas sobre o feminismo no Irã	Perguntas e respostas sobre o feminismo no Irã
Pressuposições	Comparativa ao feminismo brasileiro (pelas perguntas da entrevistadora)	Qualidade de diálogo entre os dois países

Estruturação	Introdução/ Perguntas e respostas estruturadas em parágrafos	Introdução/ Perguntas e respostas estruturadas em parágrafos
Léxico	Texto acadêmico, porém informal e com marcas de oralidade	Texto acadêmico, linguagem formal e suaves marcas de oralidade
Sintaxe	Simples	Mais elaborada
Efeito do texto	Perceber que há proximidades (através da literatura internacional) entre dois países periféricos apesar da situação totalmente diferente de cada país	Mostrar que os países periféricos não são meros consumidores acríticos da teoria dos países centrais

**Tabela 1** Projeto de tradução

## **4 ALGUNS RESULTADOS - AS DECISÕES TOMADAS**

Procurando atingir os objetivos propostos no projeto de tradução e seguindo um modelo funcional de tradução, decisões tiveram que ser frequentemente tomadas. Decisões essas, intencionais e conscientes. Elas foram classificadas em quatro categorias de acordo com o projeto de tradução: o contexto da diversidade cultural, os comentários de Azadeh, a formalização e o abrandamento da forte oralidade do texto e a criação de visibilidade para os Estudos de Gênero no Brasil no contexto-alvo da tradução. Além dos exemplos que são citados posteriormente, durante o ato tradutório, surgiram momentos em que foi necessário tomar decisões que não foram previstas pelo projeto. Ainda assim, para essas situações que surgiram de forma imprevista, a decisão tradutória teve que se moldar de modo a não contradizer com as funções estabelecidas pelo projeto de tradução. Dentro das quatro categorias estabelecidas, coloco aqui algumas decisões minhas que considere relevantes e que demonstram com clareza o resultado do projeto de tradução colocado na prática.

Por ser uma entrevista em que as participantes já tinham em mente o meio de comunicação e o país em que ela seria divulgada, algumas informações são percebidas somente nas entrelinhas do texto-fonte. Sendo a entrevista agora analisada para um contexto tradutório, para uma língua e um lugar diferente, essas informações vêm à tona com uma carga semântica mais forte para o contexto da cultura-alvo. Devido às questões desse tipo, certas decisões tiveram que ser cuidadosamente analisadas na tentativa de manter a proposta do projeto de tradução. Foram examinados alguns recortes do texto em português e sua tradução para o inglês, esses alinhados para análise e divididos em quatro grupos com seus respectivos subtítulos. Além dos quatro grupos de análise apresentados posteriormente há mais um vasto número de trechos traduzidos que abririam possibilidades de discussão em relação ao projeto. Os trechos selecionados para essa discussão estão entre aqueles que eu considere como os mais representativos.

### **4.1 O contexto da diversidade cultural**

Trabalhar com tradução está diretamente relacionado a trabalhar com culturas, como já mencionado por uma série de teóricos previamente citados, entretanto, neste caso fica ainda mais perceptível essa questão, pois o texto trata de aspectos culturais e políticos, além de estar

envolvido nos aspectos das culturas–fonte e alvo que não devem ser negligenciadas, ainda que uma tenda a se sobressair sobre a outra. Coube então, tomar decisões tradutórias baseadas no projeto de tradução.

Como anteriormente mencionado, uma das propostas desta tradução é apontar o contexto histórico, político e social do feminismo no Irã, o que, de fato, também é uma das propostas do texto-fonte. Nesse caso, para dar continuidade à mesma proposta do texto-fonte, algumas mudanças estruturais são necessárias. Por isso, o texto-alvo sofreu algumas alterações no intuito de enfatizar esse contexto feminista iraniano na língua inglesa. O título, como em qualquer obra escrita, é a representação de um texto em poucas palavras. O título da entrevista demonstrou alguns aspectos delicados no momento de ser traduzido.

Título original:	Título traduzido:
Princesas, sufragistas, islâmicas, laicas, onguistas, escritoras – a luta feminista no Irã: entrevista com Azadeh Kian-Thiébaut.	Women in Iran: Princesses, Suffragists, Writers, Seculars, Islamics, NGO activists: a feminist struggle – interview with Azadeh Kian-Thiébaut.

**Tabela 2** O contexto da diversidade cultural - 1

O título original procura resumir todo o contexto da entrevista; Ao traduzir o título dessa maneira visou-se manter todo esse mesmo contexto que Carmem Rial tenta resumir em poucas palavras. A autora cita todos os grupos femininos abordados ao longo da entrevista e, em um segundo momento, ela especifica o que essas mulheres têm em comum, ou seja, a luta feminista. Por último, ela traz a fonte dessas informações adquiridas, que foi através da entrevista com Azadeh. Dessa forma, o longo título não deixa a desejar quanto à clareza dos três grandes aspectos do artigo. Por esse motivo, para os problemas que surgiram no ato tradutório, algumas soluções tiveram que ser encontradas.

Um dos problemas, e terminologicamente o mais evidente, foi a respeito da palavra “onguista”, que não se encontra nos dicionários da língua portuguesa, ou seja, atualmente ainda não consta como um termo formal da língua. Ainda assim, não é incomum encontrar tal termo de forma escrita e falada, pois é um termo amplamente utilizado e futuramente pode ser dicionarizado. Entretanto, ainda que sendo um neologismo e

socialmente aceito, não foi encontrado em nenhum dicionário bilingue português-inglês ou da língua inglesa algum termo que se aproximasse semanticamente do termo em português<sup>41</sup>. Dessa forma, já seria impossível seguir uma ordem estrutural como no original onde, no texto-fonte, os adjetivos como “islâmicas” e substantivos como “laicas” ficam organizados sendo separados por vírgula, tendo uma ordem lógica e estética, pois cada uma carrega seu significado de forma homogênea. O uso do termo “*NGO activists*” faz com que a homegeneidade seja interrompida, mas pareceu a solução mais viável no intuito de manter a proposta da clareza quanto ao contexto histórico e social do feminismo no Irã. Ao longo do texto, aparece também o termo “onguização” que, assim como na questão do título em que aparece um adjetivo inventado através da sigla ONG, aqui aparece como verbo. Como solução, a decisão foi traduzir por “*NGO formation*”, onde, pelo contexto, mais uma vez fez-se necessário inserir uma palavra de apoio, nesse caso, um substantivo que, junto à sigla, forma a ideia proposta pelo texto.

Outro problema diz respeito ao gênero das palavras; no português, os substantivos e adjetivos conseguem inserir o conceito do feminino ou do masculino automaticamente. No inglês, é preciso recorrer a um substantivo de apoio, nesse caso, “*women*” poderia ser uma delas, para manter a mesma ideia de que são atividades exercidas por mulheres. O valor dessa luta feminista, no entanto, enfraqueceria no texto se todas aquelas atividades exercidas fossem citadas antes de aparecer a palavra “*women*”, afinal são muitas as qualificações de diferentes grupos de mulheres no Irã. Se a palavra “*women*” fosse inserida após citar todas essas qualificações, a intensidade do original se perderia. Por isso, optou-se por uma mudança maior na estrutura, que o título seja começado com a palavra “*women*”, para enaltecer a importância dessa palavra na intenção de que o conceito de que tudo que venha a seguir esteja relacionado às mulheres.

Outro fragmento, também de análise relevante, é o que segue abaixo, o qual demonstra no original essa abordagem sobre o contexto feminista de forma mais tímida e informal, e a tradução se propõe a salientar essa informação:

---

<sup>41</sup> Ver dicionários nas referências.

Texto-fonte:	Texto-alvo:
<b>Carmen Rial:</b> Você poderia, em uma visão panorâmica, nos apontar os principais momentos do Movimento Feminista no Irã?	<b>Carmen Rial:</b> Could you give us a general idea about the most memorable moments in the history of the Feminist Movement in Iran?

**Tabela 3** O contexto da diversidade cultural – 2

Esse fragmento, na verdade, sofreu uma formalização, ou aquilo que Berman chamaria de “enobrecimento”<sup>42</sup> (neste trabalho optei pelo uso do termo “formalização”): na tradução dos termos “principais momentos” do texto-alvo para “*most memorable moments*”, acontece, de fato, uma assonância, ou seja, aqui encontram-se três palavras consecutivas que começam com a letra “M”. Essa mesma combinação de palavras no texto-alvo causou uma carga semântica mais pronunciada que a do texto-fonte.

Além disso, a carga semântica desse mesmo fragmento “*the most memorable moments in the history*” que foi usado para a tradução de “os principais momentos”, como uma escolha intencional, serviu para enfatizar a primeira sugestão do projeto de tradução, que é de dar ao leitor do texto-alvo o contexto do feminismo no Irã. Isso não significa que outras escolhas que se assemelhassem mais ao léxico do original também não trariam tal sentido, como, por exemplo, “*the main events*”. A escolha, contudo, serviu para enfatizar o conteúdo histórico da pergunta tal qual para atingir também outro objetivo do projeto: formalizar o texto no intuito de afirmar uma seriedade aos leitores americanos sobre os Estudos de Gênero no Brasil.

O texto-fonte traz claramente a oralidade da entrevista, como uma conversa que de fato aconteceu. Isso também é perceptível no texto-alvo; não houve a intenção de que não fosse. Entretanto, no texto-alvo houve uma procura em deixar o texto com menos marcas de oralidade; ainda que tenha sido mantida a forma de diálogo, para que a informação dele ficasse sempre muito clara para o público-alvo – sendo essa uma das preocupações em relação à tradução desde seu projeto – houve a busca do texto atingir em um nível mais apurado, o formato de um texto escrito e ideal para a leitura.

---

<sup>42</sup> Ver BERMAN, Antoine. *A Tradução e a Letra- ou o albergue do longínquo*. Rio de Janeiro: 7 letras/PGET, 2007, p. 48-62 (sobre as tendências deformadoras).

Seguindo a discussão sobre questões culturais, abordarei agora mais especificamente questões que envolvem a cultura brasileira e, nesse caso, a do público-alvo escolhido da forma mais abrangente, ou seja, não somente os norte-americanos, mas qualquer leitor interessado em assuntos relacionados a Estudos de Gênero ou feminismo no Irã que não tenham competência linguística em português. O caso a seguir é uma nota de rodapé que fica em ambos os textos, localizada no final da entrevista. Ela é referente ao filme “Persépolis”, baseado nas histórias em quadrinhos da iraniana Marjane Satrapi e que estava por ser lançado na França naquele ano de 2007. Carmen Rial, como tradutora da entrevista para a língua portuguesa, inseriu a seguinte nota explicativa:

Texto-fonte:	Texto-alvo:
NT: <i>Persépolis</i> foi considerada a melhor história em quadrinhos de 2004 pela Feira do Livro de Frankfurt. O primeiro volume da série foi lançado no Brasil (Companhia das Letras) em agosto de 2007.	TN: Persepolis was considered the best comic in 2004 by Frankfurt Book Fair.

**Tabela 4** O contexto da diversidade cultural - 3

Claramente se percebe aquilo que Berman (2007) define como encurtamento, e esse é, provavelmente, o encurtamento mais rigoroso de toda a tradução em termos de redução de informação. De qualquer modo, se todas as premissas do projeto forem seguidas à risca, não há razões para manter a segunda frase da nota já que a tradução não se dirige ao público brasileiro e ela só é interessante a ele, na medida em que o leitor brasileiro estiver interessado em procurar mais informações a respeito desta obra no Brasil. A primeira frase, por outro lado, pode ser de interesse global, já que o leitor poderá assim extrair uma informação mais globalizada sobre a obra.

O próximo exemplo também relacionando às culturas, porém agora mais especificamente sobre o aspecto linguístico. Em uma língua existem habilidades que não necessariamente existem na outra. Certas adaptações, às vezes, se fazem necessárias na tradução para atingir o valor de carga semântica proposta e isso exige estratégias específicas. O recorte que segue, uma pergunta da entrevistadora, parece relativamente simples, entretanto, devido a um item do projeto de tradução denominado formalização, uma pequena mudança na estrutura teve que aparecer

Texto-fonte:	Texto-alvo:
<b>Carmen Rial:</b> E o direito ao repúdio? O Alcorão não prevê que, se uma mulher afirma três vezes que não quer mais estar casada, diante de uma testemunha, isso vale como um divórcio?	<b>Carmen Rial:</b> How about the repudiation right? The Alcoran does not predict anything about a married woman who stated three times that she no longer wants to keep her marriage in front of an eye-witness as a divorce, does it?

**Tabela 5** O contexto da diversidade cultural 4

No português, são definidas perguntas escritas ao colocar um ponto de interrogação no final da frase e assim ela deixa de ser uma frase afirmativa e torna-se então uma frase interrogativa. No inglês não é tão simples assim; perguntas, além de um ponto de interrogação, também iniciam com um verbo auxiliar. Até então, não seria problema em fazer isso com a segunda pergunta de Carmen. O que fez a diferença é que sua pergunta é também negativa. Isso não impede de elaborar uma pergunta na negativa no inglês. Entretanto, a formalização, como já dito anteriormente, faz parte do projeto de tradução e, como estratégia para cumprir essa tarefa, evitei todas as contrações possíveis da língua inglesa. Ora, uma pergunta negativa em inglês exige uma contração que, nesse caso, seria o *'doesn't'*. Por isso, a escolha foi utilizar o denominado *"question tag"*, que é uma afirmação ou negação seguida de uma pergunta de confirmação na negativa ou afirmativa, esta sendo oposta à frase que vem antes da vírgula. *Question tags* são marcas de oralidade e enfatizam o teor da pergunta. Semanticamente, contudo, eles têm uma característica de que não se trata somente de uma pergunta, mas um pedido de confirmação por parte daquele que utiliza. Nesse caso, houve a perda da imparcialidade de Carmen na pergunta. Assim, a língua inglesa ofereceu nesse ponto uma possibilidade ideal de expressar ao mesmo tempo a oralidade presente no texto em português e o fato da entrevistadora simpatizar claramente com a entrevistada, porém, de uma forma típica da língua e cultura-alvo, embora isso não estivesse presente no texto em português neste trecho.

Como um último exemplo dentro dessa categorização cultural, como já anteriormente dito, a tradução passou por uma revisão pela entrevistada Azadeh<sup>43</sup>. A intenção, ao fazer isso, é estar de acordo com

<sup>43</sup> Apesar da autora do texto ser Carmen Rial, o discurso é de Azadeh. Por isso, houve a preocupação em que Azadeh revisasse o texto. Carmen, por outro lado, foi contatada para

o projeto de tradução que procura ser o mais diplomático possível entre todas as culturas em questão. Além do mais, também procura estar de acordo com o conceito de lealdade proposto por Christiane Nord, como foi estudado no segundo capítulo deste trabalho. Assim, mesmo Azadeh não podendo comparar a tradução com a entrevista realizada em francês em 2007 – ela não tem conhecimento linguístico da língua portuguesa –, ela pôde revisar a tradução, pois conhece seu próprio discurso. Dessa forma, ela revisou alguns aspectos linguísticos indicando os termos mais comumente utilizados dentro do seu campo de estudo na língua inglesa, e focou sua atenção às questões relacionadas ao seu próprio discurso, alterando, inclusive, toda uma carga informacional de alguns trechos. De forma geral, ela concordou com a tradução, todavia, houve mudanças bruscas, inclusive relacionadas à fala de Carmen e não somente às dela. Segue abaixo o trecho mais modificado nesse sentido. Ele é o final de uma resposta sobre censura no Irã, em que a entrevista exemplifica um problema que aconteceu com ela mesma em relação a isso:

Texto-fonte:	Texto-alvo (sem a revisão de Azadeh):	Texto-alvo (com a revisão de Azadeh):
<p>[...], e hoje eu acabei de saber que um artigo que escrevi não pode ser publicado porque eu falo de uma mulher que esteve presa.</p> <p><b>Carmen Rial:</b> Eles vão proibir todo o artigo ou apenas essa parte?</p> <p><b>Azadeh Kian-Thiébaud:</b> Só essa parte. Ou eu a retiro ou ele não será publicado.</p>	<p>[...], and today I have just found out that an article I have written cannot be published because I mention something about a woman who was in prison.</p> <p><b>Carmen Rial:</b> Is your article going to be fully forbidden or only this part of it?</p> <p><b>Azadeh Kian-Thiébaud:</b> Only this part. I can either remove it or not publish it at all.</p>	<p>Several women's magazines, feminist websites and women NGOs were closed down and activists were arrested and imprisoned.</p> <p><b>Carmen Rial:</b> Do publications need authorization?</p> <p><b>Azadeh Kian-Thiébaud:</b> -Yes.</p>

**Tabela 6** O contexto da diversidade cultural - 5

questões mais específicas e também para ficar a par deste trabalho, como já mencionado anteriormente.

As correções feitas por Azadeh constituíram a versão final da tradução. Sendo essa modificação acima citada tão extrema, Azadeh, por algum motivo, não quer que essa informação fornecida no texto-fonte esteja consagrada na língua inglesa e, por questões diplomáticas e devido a possíveis problemas que isso possa causar a ela, sua vontade foi respeitada.

#### **4.2. Os comentários de Azadeh**

A entrevistada se posiciona claramente quanto à sua opinião no que se refere às correntes feministas americanas e francesas. Por atuar na França e trabalhar com a corrente feminista francesa, ela não demonstra grande satisfação com o fato de o feminismo no Irã ser muito mais guiado pela corrente americana do que pela francesa. Esses comentários estão inseridos durante o seu relato no texto-fonte sobre a luta feminista no Irã.

Em alguns momentos, tais comentários podem se sobressair na contextualização histórica e social do feminismo no Irã; talvez não para os leitores do texto-fonte, escrito para brasileiros, mas certamente para leitores do texto-alvo, escrito para intelectuais das mais diversas culturas proficientes na língua inglesa e, principalmente, para os norte-americanos. A proposta, como já mencionada, não é de apagar a opinião de Azadeh, mas de suavizá-la procurando a diplomacia, com o fim de que tais comentários não desviem a atenção dos leitores em relação à proposta principal do projeto, podendo assim, demonstrar interação acadêmica do feminismo brasileiro com outros contextos, nesse caso, o contexto feminista do Irã.

O primeiro exemplo que segue, e provavelmente o mais perceptível nesse sentido, traz à tona o desagrado da entrevistada quanto a uma questão particular da conduta das feministas americanas ao conceituarem o feminismo da França.

Texto-fonte:	Texto-alvo:
O que é publicado no Irã como literatura feminista é o que vem dos Estados Unidos. Um pouco também da Inglaterra, mas, sobretudo dos Estados Unidos. E assim elas reproduzem os erros das americanas, por exemplo, retomando o que estas chamam de "french feminism" e que, como você sabe, na França não é absolutamente considerado como feminismo.	Everything published as feminist literature in Iran comes from the USA. There is also a little bit from England, but mainly from the USA. They, like the Americans, reproduce the use of the term 'French Feminism', a term which is not taken as feminism in France at all.

**Tabela 7** Os comentários de Azadeh – 1

Como se pode perceber, a crítica de Azadeh é um tanto intensa no original. A proposta de amenizar muito a crítica também pode ser perigosa, pois, mais do que as palavras, lida-se com o discurso de Azadeh, que é um dos fatores que mais devem ser levados em consideração nessa tradução.

Existem dois momentos em que a entrevistada critica o uso do "french feminism": um é quando ela menciona que as iranianas "reproduzem os erros das americanas" e outro é quando ela diz que "na França não é absolutamente considerado como feminismo". Para manter o senso crítico, porém mais suavizado, optei apenas por omitir "os erros das americanas", o que seria provavelmente o mais forte dos comentários, mas mantive o uso do verbo "reproduzir" e também a frase final onde ela enfatiza que isso não é mesmo considerado feminismo na França para que ficasse registrada a opinião de Azadeh.

O segundo problema desse fragmento está relacionado ao momento em que Azadeh diz à entrevistadora "como você sabe", ainda se referindo ao uso do termo "french feminism" pelas americanas. Nesse caso, a opção foi também de omitir esse momento para que não houvesse uma cumplicidade entre elas contra as americanas, ao menos no texto traduzido. Essa decisão foi tomada para que não parecesse, em momento algum, que o feminismo brasileiro é um discípulo exclusivo do feminismo francês, e realmente não é, pois essa tradução tem como intenção a propagação de produções brasileiras nos Estados Unidos.

Existem alguns outros momentos em que Azadeh demonstra esse descontentamento com o fato de o feminismo no Irã ser fortemente influenciado pela corrente americana. Para a maioria das feministas

americanas, ao contrário do que Azadeh pensa, isso não é uma desvantagem; as autoras norte-americanas devem se sentir orgulhosas por terem diversas de suas obras utilizadas por um país de terceiro mundo com um contexto cultural um tanto diferenciado do americano. Por isso, é importante que elas percebam que há críticas negativas quanto ao seu trabalho, mas, seguindo essa proposta de tradução, que as percebam, mas que essas não cheguem a um ponto ofensivo nem predominante para os leitores do texto-alvo.

Texto-fonte:	Texto-alvo:
Porque no Irã se tem realmente uma importação do feminismo norte-americano. Elas procuram compreender a teoria americana, traduzem artigos de feministas americanas e publicam iranianas que estão nos Estados Unidos, que dialogam com essa literatura e que reproduzem o mesmo caminho.	In fact, feminism is imported from North America; they study American theory, they translate articles from American feminists and publish articles from Iranians feminists who are in the USA. They interact with this literature and they produce their work along the same path.

**Tabela 8** Os comentários de Azadeh – 2

Nesse recorte existem duas críticas negativas trazidas pela entrevistada. Primeiramente, o uso do termo “reproduzem o mesmo caminho” no que se refere ao trabalho das feministas iranianas. Azadeh, numa mesma frase, usa duas vezes a ideia que as iranianas estão copiando das americanas. Novamente, o conceito de Azadeh não foi apagado quando a tradução utiliza-se de “*along the same path*”, mas suaviza-se a crítica de forma a substituir o termo “reproduzem” para “*produce*”. A segunda crítica é quando ela faz a afirmação sobre as iranianas, no sentido de que elas “procuram compreender a teoria americana” e assim dialogar com ela. A decisão, nesse caso, foi a de trazer um pouco mais de seriedade para essa atividade, tentando desmerecer menos (ou nada, talvez) essa prática das feministas iranianas e da teoria americana, utilizando “*they study American theory*”.

No recorte a seguir, Azadeh lastima a falta de diálogo que existe entre as feministas iranianas e as ocidentais, devido à dificuldade das primeiras em se deslocarem para países estrangeiros, bem como a recusa das segundas em irem ao Irã devido, principalmente, à obrigatoriedade em portar o véu enquanto mulheres:

Texto-fonte:	Texto-alvo:
Eu, por exemplo, recebi o pedido de feministas iranianas que queriam convidar intelectuais francesas, feministas francesas e americanas. E eu respondi que sentia muito, mas que elas não iriam, elas não aceitariam colocar o véu.	I have received, for instance, a request from Iranian feminists who wanted to invite French intellectuals and American and French feminists. I said that I was very sorry but they probably would not go, they would not accept such demand as wearing a veil.

**Tabela 9** Os comentários de Azadeh - 3

Nesse caso, a suavização foi no sentido de que, no texto-fonte, Azadeh afirma com uma certeza maior que as ocidentais dos países em questão não iriam ao Irã dialogar. Durante o ato tradutório, a preocupação apareceu no momento em que esse texto pode ser lido por alguma ocidental que não pensa exatamente assim, afinal, o comentário em português está generalizado para todas como um grupo único. Ao fazer parte de uma língua de ampla circulação como o inglês e passar por mãos ocidentais, esse grande grupo ocidental é constituído por indivíduos que podem ou não pensar e agir da maneira como afirmada por Azadeh no texto-fonte. Na busca por um texto o mais diplomático possível, a solução foi apenas o acréscimo do termo “*probably*”, afirmando que elas provavelmente não iriam, procurando uma generalização menor.

#### **4.3. A formalização e a suavização da oralidade do texto**

De todas as propostas sugeridas, essa foi a que ocorreu mais frequentemente durante o processo de tradução. Formalizar a linguagem não é um caso específico, mas acontece ao longo de todo o texto. De modo geral, o texto-fonte carrega uma linguagem menos formal que o texto-alvo, essa escolha deve-se às razões apontadas no projeto de tradução. Como consequência, o texto também sofreu adaptações nas características orais que Carmen decidiu manter a partir da entrevista oral em francês. Mais uma vez, lembrando, o principal motivo que levou a essa decisão foi que, através de uma linguagem formal, há a tentativa de mostrar ao leitor do texto-alvo que tal entrevista constitui uma produção brasileira séria na área de Estudos de Gênero. O texto traduzido ao inglês respeita as normas da cultura alvo para entrevistas de pesquisadores sérios dentro de contextos acadêmicos. Reproduzir

linguisticamente as marcas de oralidade usuais em entrevistas em contextos acadêmicos no Brasil daria margem a uma interpretação errônea do texto de partida, ou seja, poderia desvalorizar o conteúdo perante os leitores da tradução ao inglês, dando espaço ao preconceito já existente de que o trabalho acadêmico de países periféricos não é tão sério quanto nos países centrais.

Nos termos de Nord, o objetivo dos leitores da tradução não é conhecer quais são as estruturas linguísticas que denotam oralidade em português brasileiro e qual é o grau de informalidade aceito numa entrevista acadêmica publicada no Brasil. O objetivo é conhecer as opiniões da autora e da entrevistada. O conceito de lealdade com autora (e entrevistada) e com os leitores do texto traduzido é crucial para legitimar as adaptações aqui defendidas, principalmente para não desvalorizar o trabalho da autora e entrevistada perante o público-alvo (o que seria contrariar o principal propósito da tradução e publicação no contexto da cultura alvo); logo, para não decepcionar o interesse dos leitores da tradução na informação contida no texto original.

Não foi somente por essa razão que o projeto definiu uma formalização da linguagem. O conteúdo da entrevista demonstra clareza de que tal texto é uma tradução. A entrevista, no texto original e ainda mais no traduzido, carrega características “exóticas” para seus respectivos leitores e não houve tentativa de que assim não fosse. Os norte-americanos, por exemplo, são tratados como terceiros, assim como os franceses. A entrevistada é iraniana e fala sobre o Irã; a entrevistadora, brasileira, questiona sobre correntes teóricas francesas e americanas. Nada disso foi oculto na tradução. De fato, a formalização da linguagem acarretou numa tentativa de compensação para o caso de uma suposta discriminação quanto à natureza do texto. Através de uma linguagem escrita mais formal, existe a tentativa de que o texto seja lido com mais seriedade.

Os exemplos são inúmeros e não seria possível discutir cada um neste trabalho, por isso apenas alguns foram selecionados. Seguem em anexo no final deste trabalho a entrevista original publicada pela REF e sua respectiva tradução. Dessa forma, será perceptível que esse cuidado proposto pelo projeto teve que ser tomado durante todo o texto. Eis o primeiro recorte selecionado:

Texto-fonte:	Texto-alvo:
A língua francesa não é muito falada no Irã, entre os iranianos de modo geral. No Irã, a partir dos anos 1950, o inglês substituiu o francês. Antes, o francês era a segunda língua. Hoje, os jovens, sobretudo, são anglófonos.	French is not considerably spoken among the Iranians as used to be. English replaced French from the 1950s. Before French had been the second language. Nowadays English tends to be spoken among the youth.

**Tabela 10** A formalização e a suavização da oralidade do texto - 1

No original, Carmen manteve a oralidade da fala de Azadeh. As características orais, entretanto, foram ignoradas pretendendo-se, com isso, promover uma formalidade na linguagem escrita. Azadeh, no original, faz muitas pausas marcadas por vírgulas, conforme ela vai trazendo seu conhecimento e memória à tona. Na tradução, apesar do número de frases ter aumentado de três para quatro, houve a tentativa de condensar a informação, o que Antoine Berman chamaria de “encurtamento” dentro das “tendências deformadoras”. Com isso a fala perde sua oralidade e conseqüentemente formaliza-se ao ser transformada em linguagem escrita.

Muitas escolhas lexicais também procuraram atingir tal objetivo. O uso de “*considerably*” para expressar o que no original está como “de modo geral” e o uso da voz passiva na última frase são dois exemplos trazidos pelo fragmento exibido, mas também são exemplos de tentativas corriqueiras que ocorreram durante todo o processo tradutório.

Leves substituições gramaticais auxiliaram nesse quesito em formalizar o texto, alguns exemplos seguem como os dos seguintes fragmentos do texto-fonte e, abaixo de cada trecho, a sua respectiva tradução:

*Mas o aborto é proibido pela religião.*  
*Abortion, however, is religiously forbidden.*

*É um regime muito repressivo, não se pode esquecer isso.*  
*We always have to keep in mind that it is under a very repressive regime.*

[...] a maioria dos estudantes nas universidades são mulheres; cada vez mais trabalham fora [...]

[...] most academic students are women and it has been increasing the rate of women working out (...)

Agora, imagine se você escreve sobre lésbicas ou homossexuais [...]

So, imagine if you write about lesbianism or homosexuality [...]

No primeiro exemplo, duas formalizações ou “enobrecimento”, como Berman denomina, apareceram. A primeira foi a tradução da simples conjunção “mas” para “*however*” e também uma substituição da preposição e artigo “pela” mais o substantivo “religião” para o advérbio “*religiously*”.

No segundo exemplo, fazendo parte do contexto do feminismo no Irã, Azadeh quis lembrar que a luta feminista, às vezes comparada à luta dos países ocidentais, deve enaltecer prioridades básicas e desconsiderar outras, pois o sistema é muito repressivo. Opções lexicais como “*keep in mind*” para “não se pode esquecer isso” e “*it is under a very repressive regime*” para “é um sistema muito repressivo” foram também buscas para uma formalização.

No terceiro exemplo também fica clara a formalização de “cada vez mais” para “*it has been increasing the rate of*” deixando a informação mais acadêmica.

No último exemplo dessa série, a escolha foi traduzir os termos que definem pessoas “lésbicas ou homossexuais” para conceitos “*lesbianism or homosexuality*”.

Exemplos como os acima, que sofrem mudanças gramaticais ou até mesmo lexicais e que buscam não alterar o contexto informativo, acontecem diversas vezes no texto. Ao traduzir, a eminente preocupação era se o texto traduzido estava se tornando suficientemente formal.

Questões de corte ou suavização das marcas de oralidade também se repetiram com bastante frequência. Muitas vezes, por exemplo, as palavras de Azadeh apresentavam no final de alguma frase o uso da abreviação “etc”. Essa abreviação foi cortada toda vez que ela era seguida de um exemplo que não fornecesse consistência suficiente para construir solidamente o conceito a que esse “etc” se refere. A frase que segue é um exemplo dos casos:

Texto-fonte:	Texto-alvo:
Agora, por exemplo, nesse caso de lapidação de uma mulher, quando enviei abaixo-assinados, etc... bem, as feministas francesas e americanas apóiam <sup>44</sup> (sic) facilmente.	Recently, for example, in a case of a female genital mutilation, I have made them aware and sent petitions; besides French and American feminists easily support revindications as such.

**Tabela 11** A formalização e a suavização da oralidade do texto – 2

Em casos como o acima, o “etc” foi excluído do texto traduzido. Nesse caso, especificamente, como ele obviamente quer dizer que Azadeh não enviou apenas o abaixo-assinado, mas não é possível imaginar o que mais ela fez, a escolha foi “*I have made them aware*” no sentido de que Azadeh tem procurado conscientizar as ocidentais sobre a situação das mulheres no Irã, tentando assim, não comprometer o sentido informacional do texto.

Outros exemplos de corte de oralidade foram em momentos que Azadeh fala por uma terceira pessoa e Carmen, no português, decidiu colocar esses fragmentos entre aspas:

Texto-fonte:	Texto-alvo:
Assim, elas começam a se reorganizar, e o que considero muito interessante e raro como experiência em relação aos outros países islâmicos é que se nomeiam hoje feministas islâmicas (sic) se dirigem às mulheres laicas, que foram marginalizadas, dizendo "venham, somos diferentes, temos visões diferentes, mas podemos trabalhar juntas".	They started to reorganize themselves, and I myself consider that a rare and very interesting experience regarding this relation with other Islamic countries whereas Islamic feminists ask to lay women, who have been marginalized; to work with them because, even being and having different points of view, they think they can work together.
Se você é um homem, no Irã, você pode dizer ao juiz "eu quero me divorciar de minha mulher". Por que motivo? Sem razão, simplesmente porque quer, e isso é aceito.	In Iran, for a man, he can go to the court and simply say that he wants to get divorced from his wife, with no special reason and this is perfectly accepted.

**Tabela 12** A formalização e a suavização da oralidade do texto – 3

<sup>44</sup> O uso do acento que contraria a norma ortográficas em vigor pertence ao texto original.

Nesses casos, a proposta foi de incorporar essas frases ao corpo inteiro do texto, alterando as frases em que Azadeh fala em nome dessas pessoas, inclusive na primeira pessoa do plural e do singular, respectivamente, e inserindo as informações ao texto mantendo essas pessoas como terceiras. No segundo exemplo também há outra situação que acontece com certa frequência: Azadeh pergunta e em seguida responde sua própria pergunta. Nesses casos, as perguntas foram normalmente eliminadas, quando possível, e também incorporadas ao texto somente como respostas.

Outros casos de adaptação do grau de oralidade são os que Carmen decidiu manter marcas da oralidade conhecidas como “*fillers*” (elementos que preenchem um silêncio ou pausas de planejamento), como o uso do termo “bem” que indica que Azadeh estava pensando e reafirmações como “sim” ou “não” usado duplamente em uma frase para uma mesma informação. A busca foi, portanto, de uma linguagem menos informal na intenção de trazer ao texto a maior fluidez possível sem que se percam as características de uma entrevista.

#### **4.4 A visibilidade dos Estudos de Gênero no Brasil**

Como último item para este capítulo que discute alguns resultados de forma categorizada e também o mais importante objetivo do projeto de tradução, a proposta é de mostrar ao público-alvo como o Brasil interage com outros países dentro dos Estudos de Gênero e que suas produções sejam visíveis e respeitadas como trabalho interessante e sério em outras culturas.

Para atingir o objetivo desta proposta, algumas decisões tradutórias também tiveram que ser cuidadosamente tomadas para que essa questão não fosse de forma alguma negligenciada. Tal escolha feita no projeto implica na explicação de alguns aspectos singulares para que se mantenha a caracterização de produção acadêmica brasileira. Esse tipo de explicação, o que Berman (2007) chamaria de “clarificação” e também “alongamento”, pois de certa forma acrescenta o número de palavras inseridas no texto, acaba sendo uma ferramenta para que a cultura estrangeira seja compreendida na cultura-alvo. Em alguns casos, para esta tradução e para este fim, foi necessário também fazer o que Berman chama de “encurtamento”, pois informações desnecessárias ao público-alvo também aparecem no texto-fonte. Apesar de Berman considerar suas tendências deformadoras como algo ruim, pois ele fala

de traduções literárias, onde a forma é o mais importante, aqui essas tendências deformadoras são utilizadas estrategicamente a serviço do projeto de tradução a fim de alcançar uma tradução mais adequada dentro da proposta sugerida.

Segue de exemplo o parágrafo introdutório do texto:

Texto-fonte:	Texto-alvo:
Conheci Azadeh Kian-Thiébaud através de sua colega Jules Falquet, em uma reunião em torno de um possível convênio entre a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e o CEDREF, que ela dirige atualmente. Séria e objetiva nas suas questões sobre o IEG, a <i>REF</i> e a área de concentração de estudos de gênero do PPGICH, Azadeh aceitou imediatamente o convite para conversarmos sobre o feminismo no Irã, o que lhe propus ao final desse primeiro encontro.	I met Azadeh Kian Thiébaud through her colleague Jules Falquet in a meeting about a possible accord between UFSC and CEDREF, which she is currently running. Being serious about the issues of IEG, <i>REF</i> and the PPGICH area concentrated in Gender Studies, Azadeh accepted my invitation to talk about feminism in Iran, which I proposed at the end of this first meeting.

**Tabela 13** A visibilidade dos Estudos de Gênero no Brasil – 1

Nesse exemplo, decidi inserir duas notas de rodapé, a primeira delas definindo a sigla UFSC como uma universidade localizada no sul do Brasil e a segunda explicando que a REF é uma revista acadêmica publicada pela UFSC e também uma das mais importantes do país. As notas, que podem ser vistas em formato de notas em anexo são, respectivamente, as seguintes: *Universidade Federal de Santa Catarina, located in the southern part of Brazil* e *REF is one of the most important academic feminist journals in Brazil, it is published by UFSC*. Essas notas têm a intenção de situar o leitor do texto-alvo em um dos contextos acadêmicos brasileiros que trabalham com Estudos de Gênero. Dessa forma, eles não correm o risco de ficarem perdidos em uma série de siglas. Para o leitor do original, esse fragmento já é um trecho carregado em notas que explicam as outras siglas também relacionadas a programas brasileiros (CEDREF, IEG e PPGICH). Essas siglas possuem notas de rodapé explicativas no texto-fonte, e foram mantidas no texto-alvo, seus nomes originais na língua portuguesa em itálico e, entre parênteses, foram traduzidas para o inglês com a

finalidade de deixar o leitor do texto-alvo a par desses programas. As siglas REF e UFSC não contêm notas explicativas porque o texto original foi publicado pela REF que é uma revista da UFSC, não necessitando, assim, explicações para o leitor que está ciente disso. Entretanto, não seria o mesmo caso estando o artigo publicado em uma revista acadêmica norte-americana, onde essas siglas necessitam explicação tal como as outras<sup>45</sup>.

Os segmentos que seguem não mostram nenhuma decisão tradutória para uma discussão muito relevante. No entanto, neles é possível perceber dois momentos em que o Brasil se sobressai no texto, que, apesar de ser uma entrevista focada no feminismo do Irã, o Brasil se mostra presente no texto, como articulador da entrevista, fazendo-se visível no texto-alvo.

Texto-fonte:	Texto-alvo:
<b>Carmen Rial:</b> Algum trabalho em particular de Badinter? No Brasil, seu livro sobre a maternidade teve grande sucesso.	<b>Carmen Rial:</b> Could you mention any particular work from Badinter? Her book about maternity has been very successful in Brazil.

**Tabela 14 A visibilidade dos Estudos de Gênero no Brasil – 2**

Nesse momento da entrevista, Carmen fornece ao público-alvo uma informação sobre uma obra de grande influência no universo acadêmico dos Estudos de Gênero no Brasil. Esse tipo de informação manifesta-se com uma carga semântica mais forte no texto-alvo do que no texto-fonte. No texto-fonte, a informação aparece como uma pergunta comparativa entre Brasil e Irã. No texto-alvo, além dessa significação, tal informação proporciona um efeito extra ao público-alvo, é também uma informação sobre o Brasil.

O exemplo seguinte é também uma fala de Carmen, entretanto, desta vez um comentário e não uma pergunta. Esse comentário aparece logo depois de Azadeh mencionar que uma líder da comissão de direitos humanos da ONU foi ao Irã discutir sobre direitos humanos e, para isso, teve que usar o véu. Como consequência, essa atitude proporcionou muitas críticas por parte das feministas ocidentais na época. Carmen, finalmente, completou com o seu comentário:

---

<sup>45</sup> As notas estão no texto original e na tradução, em anexo.

Texto-fonte:	Texto-alvo:
<b>Carmen Rial:</b> O que é uma tolice. Eu mesma já usei o véu, em alguns lugares mais tradicionais na Tunísia, por exemplo – era um modo de me tornar menos visível. E há muitos modos de usar o véu.	<b>Carmen Rial:</b> Which is foolish. I myself have already worn the veil in some more traditional places in Tunisia, for example – and it was a way to make myself less visible. There are also many ways of wearing the veil.

**Tabela 15** A visibilidade dos Estudos de Gênero no Brasil - 3

Nesse texto, o Brasil está sendo representado por Carmen e ela demonstra um nível de tolerância maior do que de outras feministas ocidentais, mencionadas por Azadeh. Carmen se posiciona neste comentário, ela deixa claro que não concorda com a atitude de muitas feministas ocidentais que vêem o véu como uma representação única de opressão às mulheres, ela também acredita que o véu pode significar libertação para as mulheres de famílias extremamente religiosas. No texto-fonte, Carmen é unicamente um indivíduo, ela se representa como Carmen Rial. Para leitoras brasileiras da entrevista original, ela não representa os Estudos de Gênero brasileiros ou o Brasil, pois elas são parte desses dois universos e não necessitam dessa referência. Nos termos do início deste trabalho, para o público original, a entrevistadora não faz parte do “Outro”, a ser conhecido melhor através do texto. No texto-alvo, contudo, isso acontece, ela é mais que um indivíduo, ela também representa o país de origem do texto e ela faz parte do “Outro”. Ela fomenta aquilo que Azadeh lastima durante a entrevista, a falta de diálogo com o Irã por parte do Ocidente devido à recusa das feministas ocidentais portarem o véu para irem ao Irã.

Esse trecho também fornece uma informação em que as feministas no Brasil conseguem dialogar diretamente com as feministas do mundo árabe. Como Carmen ali menciona, além dela não se importar em portar o véu em países árabes, ela também procura se integrar, pois o véu a deixou “menos visível”. Dessa forma, é possível haver mais diálogos e o mundo árabe consegue abrir uma porta de comunicação com outras culturas.

Exemplos como os dois anteriores fazem parte de momentos em que o Brasil se salienta no texto-alvo. Tentando cumprir com os objetivos propostos pelo projeto de tradução, o campo de Estudos de Gênero no Brasil se faz presente. Todavia, nem sempre a presença do

Brasil trazida pelo texto-fonte cabe para a proposta do texto-alvo, como no exemplo a seguir.

O próximo recorte trata de uma nota de rodapé. Nela, a menção ao Brasil não teve espaço para o texto-alvo, por isso ele sofreu aquilo que Berman define por “encurtamento”:

Texto-fonte:	Texto-alvo:
"Relação social entre os sexos" aproxima-se, na França, ao que no Brasil definimos como "gênero". Sobre as categorias francesas, ver entrevista com Michelle Ferrand, publicada na <i>REF</i> , v.13, n.3, p.677-689,2005.	"Social relationship between sexes" is nearly the meaning of the defined term "gender".

**Tabela 16** A visibilidade dos Estudos de Gênero no Brasil - 4

Como soluções para esse problema, três alternativas pareceram possíveis: a primeira seria traduzir toda a informação fornecida pelo texto-fonte. Essa foi logo descartada, pois não há como o leitor do texto-fonte ter acesso a essa entrevista que foi publicada pela REF, pois não se encontra atualmente traduzida. A segunda alternativa seria negligenciar completamente a nota de rodapé e seguir apenas com o texto. Essa alternativa já pareceu mais possível que a anterior, pois essa nota está inserida na fala de Azadeh e é um comentário explicativo de Carmen, o que justificaria o termo “relação social entre os sexos” não ter nenhuma nota de rodapé. No entanto, apesar da personagem principal da entrevista ser Azadeh, o texto é de Carmen e ela quis dar uma nota explicativa a esse termo. Como uma última e ainda não completamente satisfatória alternativa, a opção foi manter a explicação, porém sem as referências que constam no original. Assim, a voz de Carmen não fica totalmente apagada, já que, nesse texto, ela representa os Estudos de Gênero no Brasil.

## 5. Considerações Finais

Dentro das expectativas trazidas pelo projeto de tradução, os resultados foram satisfatórios. O texto-alvo teve seu registro levemente elevado como o proposto, as marcas de oralidade foram abrandadas até coincidirem com o padrão de expectativa para uma entrevista acadêmica dentro da cultura-alvo e as críticas acentuadas realizadas por Azadeh em relação ao feminismo americano de forma generalizada foram suavizadas. Quanto ao objetivo principal proposto pelo projeto, de colaborar com a visibilidade da REF e dos Estudos de Gênero realizados no Brasil para outros países, dentro da proposta do projeto e do resultado, o texto-alvo traz condições que levam essa última proposta se tornar possível. Entretanto, como ainda não foi publicado em nenhuma revista, não há como prever certamente se ele atingirá essa expectativa, ainda que tenha sido a principal busca durante o ato tradutório. É provável que ele atinja essa meta, em vista da pesquisa realizada para que isso acontecesse.

### 5.1. Sobre as funções propostas pelo projeto de tradução

O projeto de tradução contemplou as principais necessidades prévias ao ato tradutório e todas elas foram de natureza cultural. Essas necessidades previstas pelo projeto de tradução foram alcançadas no texto-alvo. Durante todo o ato tradutório, todos os objetivos propostos sempre estiveram simultaneamente em mente em cada decisão tomada. No entanto, durante a tradução também aconteceram algumas situações que não foram previstas no momento da elaboração do projeto. De qualquer modo, elas acabaram sendo problemas secundários, pois o foco da tradução sempre esteve nas principais funções propostas pelo projeto. Por exemplo, no texto-fonte aparecem termos temporais como “recentemente”. Como a entrevista foi realizada em 2007 e publicada em 2008, dependendo do contexto, o evento pode não ser mais considerado recente em 2010. A decisão foi de omitir esses termos, ou relembrar o leitor entre parênteses que a entrevista foi realizada em 2007. Em diversos momentos no texto-alvo, substantivos como “mulher” e “mulheres” ou relacionados a eles aparecem aleatoriamente no texto sem concordar com o termo anterior. Nesse caso, a opção foi de homogeneizar todo o fragmento, ou no plural, ou singular.<sup>46</sup>

---

<sup>46</sup> O aborto é um problema importante. Deve-se assinalar que no Irã os medicamentos contraceptivos são distribuídos gratuitamente pelo Estado e o aborto das *mulheres* casadas é

Esses problemas são de fato secundários. Como Nord (2001, p. 59) mesmo explica, a preocupação deve estar concentrada na principal (ou nas principais) funções que o texto-alvo se propõe a exercer. “Toda a tarefa de tradução deve ser acompanhada por uma instrução que defina quais as condições que o texto-alvo deve realizar em sua função particular.”<sup>47</sup> Desde que esses problemas que aqui chamei de secundários não venham contra os objetivos estipulados pelo projeto, eles não passam a ser um grande problema. Tendo o texto-alvo atingido a função proposta pelo projeto, o texto fica de acordo com os objetivos. Ainda que algumas situações não previstas pelo projeto tenham aparecido, a primeira decisão no momento de traduzi-las foi a de não “ferir” nenhuma proposta do projeto de tradução.

Em termos do conceito de lealdade ao autor (e, nesse caso, principalmente à entrevistada<sup>48</sup>), além dos objetivos propostos pelo projeto de tradução, esse conceito também esteve em mente durante o ato tradutório. Interessante, quanto a isso, foi que, além do objetivo do projeto que procurou a suavização dos comentários de Azadeh em relação às teorias feministas desenvolvidas na América do Norte em um intuito diplomático do Brasil e de Azadeh para com o público-alvo mor do texto-alvo, a revisão que propus que Azadeh fizesse alcançou um nível não só de lealdade a ela mesma, mas de diplomacia para com sua própria cultura – a iraniana. Suas correções dizem respeito, principalmente, ao seu próprio discurso que, agora, consagrado em uma língua central (o inglês), pode afetá-la diretamente. Nesse caso, o objetivo da diplomacia para com as culturas envolvidas se ampliou ainda mais, bem como o conceito de lealdade. Logicamente, foi possível tomar essa atitude para esse texto em especial; nem sempre os autores (ou entrevistados) estão à disposição do tradutor. Por outro lado, hipoteticamente falando, se a entrevistada já não estivesse mais viva, não haveria tanta necessidade de mudar alguns trechos do texto-alvo como Azadeh o fez, pois eles já não a afetariam mais.

Nesse sentido, tratando-se de um texto como esse, que envolve ideologias políticas, o método de tradução funcionalista foi primordial.

---

permitido, desde que o *marido* dê seu aval e que um médico ateste que a gravidez coloca a vida da *mulher* em perigo, mas isso é uma formalidade. Se o *marido* concorda, a *mulher* casada pode abortar sem problemas. Ao contrário, o aborto de *mulheres* solteiras é proibido, mas, no entanto é praticado clandestinamente.

<sup>47</sup> “Every translation task should thus be accompanied by a brief that defines the conditions under which the target text should carry out its particular function”.

<sup>48</sup> Como é uma tradução de um discurso, o discurso é de Azadeh e o nome dela é usado no texto-alvo também. Nesse caso, o conceito de lealdade à entrevistada é mais importante do que à autora (entrevistadora), Carmen Rial.

Sendo um texto de função informativa, ele teve que se manter igual nesse aspecto e, para tal, mudanças foram necessárias. Chesterman (2000, p. 92) é muito categórico no que se refere a isso:

Mude algo. Essa frase ilustraria bem o domínio em que as estratégias operam no espaço entre o texto-fonte e o texto-alvo. “Mude algo” pode ser informalmente marcado como o seguinte: se você não estiver satisfeito com a versão-alvo que aparece imediatamente na sua mente – porque parece gramaticalmente errada, ou semanticamente estranha, ou pragmaticamente fraca, ou o que quer que seja – então mude algo.<sup>49</sup>

Em outras palavras, nem sempre é possível ter o mesmo resultado proporcionado pelo texto-fonte se não houver alterações significativas para o texto-alvo. Isso fica bem claro no texto selecionado para este trabalho, pois ele pede respeito às culturas em questão para que ele seja aceito por culturas como a norte-americana e a iraniana e que enalteça a cultura brasileira através de uma produção e tradução séria que demonstre a capacidade de competência de produção deste país. Pode-se dizer que, de certa forma, o texto-alvo também reconhece os méritos da cultura francesa devido aos comentários de Azadeh, que valorizam o trabalho das feministas na França e também, em uma nota de rodapé inicial que explica o trabalho de Azadeh - que ela inclusive corrigiu na sua revisão, inserindo mais informações sobre ela mesma. Nessa nota de rodapé é possível perceber como uma das universidades francesas abrange o interdisciplinar campo de Estudos de Gênero (na nota consta como Estudos Feministas), já que a informação contida na nota diz respeito ao trabalho de Azadeh na França.

## 5.2 Sobre questões políticas e culturais

Após toda a análise que o texto-fonte passou e dado início ao processo tradutório, foi possível perceber que o texto pode ser classificado como um texto sensível. Ele é um texto que possui fortes questões políticas para as culturas em questão. No caso da norte-americana, tudo que diz respeito às críticas feitas por Azadeh que

---

<sup>49</sup> “Change something. This would well illustrate the domain in which strategies operate: the space between source and target texts. “Change something” could be informally glossed as follows: if you are not satisfied with the target version that comes immediately to mind – because it seems ungrammatical, or semantically odd, or pragmatically weak, or whatever – then change something”.

poderiam levá-los, como leitores do texto-fonte, à rejeição do texto. Para a cultura iraniana, Azadeh também se encontra em uma posição delicada para o texto-alvo: ela rejeita muitas atitudes do governo iraniano em relação ao trabalho feito pelas feministas de seu país – especialmente no que diz respeito à censura – e ela mesma afirma na entrevista que, apesar de viver na França, ela frequenta seu país de origem. Por isso, suas alterações na revisão foram aceitas, pois sendo a entrevista publicada em inglês, esta fica globalmente acessível. Apesar disso, ela manteve muito da sua opinião que se encontra no texto-fonte. Devido a essas características, o texto pode ser classificado como sensível, visto que uma série de cuidados delicados precisaram ser tomados. Por essa razão, toda a análise feita previamente foi imprescindível para que a tradução fosse realizada com todos os devidos desvelos. O estudo da interface entre os campos de estudo interdisciplinares dos Estudos da Tradução e Estudos de Gênero que lidam com questões culturais foi indispensável e ambos têm muito a acrescentar no que se refere a essa área de estudos culturais.

Não que o gênero seja o único elemento que tem relação com diferenças culturais em que tradutores, leitores, pesquisadores, teóricos ou pessoas interessadas em *kulturpolitik*<sup>50</sup> precisam estar conscientes; há muitos outros. Entretanto, a demonstração da importância do gênero junto à demonstração do “efeito da tradução” em traduções feministas chama atenção à sombra sutil das diferenças culturais. (FLOTOW, 1997, p. 95)<sup>51</sup>

Ademais e não menos importante, o estudo sobre questões relacionadas ao centro-periferia e às relações de poder complementaram a questão anterior relacionada a estudos culturais. Dentro daquilo que aqui defini como centro e como periferia no universo teórico feminista, o texto-alvo proporcionou uma inversão de valores nesse sentido. As “periferias” que, nesse caso, são o Brasil e o Irã, discursam sobre os centros, que aqui são a América do Norte e a França. Consagrado em

---

<sup>50</sup> Do alemão, conceito de política cultural: um modo de compreensão cultural que inclui todas as formas possíveis de relações sociais.

<sup>51</sup> “Not that gender is the only element in cultural difference that translators, readers, researches, theorists, or people interested in ‘kulturpolitik’ need to be aware of; there are numerous others. However, the demonstration of the importance of gender coupled with the demonstration of the ‘translation effect’ in feminist translation draw attention to the subtle shading of cultural difference”.

uma língua central, o texto-alvo faz Brasil e Irã se tornarem os “centros” do texto em questão. Sendo assim, o texto-alvo valoriza as produções feministas realizadas nos países periféricos em pauta. De fato, esse foi uma das metas estabelecidas na introdução deste trabalho; ou seja, através do projeto e da tradução seguindo os passos estabelecidos, poder mostrar a capacidade de diálogo e interação por parte de intelectuais feministas brasileiras com o resto do mundo de forma competente.

Intensificando o objetivo citado no parágrafo anterior, o trabalho também se propôs, além de mostrar a capacidade de diálogo de uma intelectual feminista, a promover a REF internacionalmente como revista acadêmica. Dessa mesma forma, o texto-alvo tem condições não somente de enaltecer as produções feministas realizadas no Brasil (e no Irã, como anteriormente dito), mas também de auxiliar no reconhecimento da REF para um universo mais globalizado. A busca por atingir esse resultado aconteceu no momento em que a REF – na qualidade de palavra - aparece no corpo do texto-fonte citado pela a autora, Carmen Rial, que logo no primeiro parágrafo a menciona. No texto-alvo essa menção é seguida de uma nota explicativa, como já mencionada no capítulo dos resultados. Assim, o leitor do texto-alvo poderá tomar conhecimento de sua existência. Além do mais, a nota também enaltece a revista como sendo uma das mais importantes do país em Estudos de Gênero. Além disso, junto ao corpo do texto, o leitor poderá perceber que tipo de trabalho é publicado pela revista. O texto selecionado para este trabalho, por exemplo, pode demonstrar diversos aspectos interessantes sobre a REF. Um deles seria a percepção da preocupação da REF como revista em mostrar ao leitor dela (que tem normalmente como público-alvo professores, estudantes e pesquisadores brasileiros da área ou afins) a capacidade de veicular produções brasileiras competentes, como esta entrevista, por exemplo, que demonstra que no Brasil há possibilidade e competência em dialogar internacionalmente com culturas diferentes colaborando para que os Estudos de Gênero do país produza conhecimento sobre as questões mais amplas e mais específicas.

Outro aspecto que o leitor do texto-alvo poderá perceber sobre a REF é que, como anteriormente mencionado, existem diversas teorias e teóricas(os)<sup>52</sup> feministas norte-americanas e francesas que são aplicadas e discutidas nos centros acadêmicos do país, assim o leitor do texto-alvo tomará conhecimento de que há uma interpretação e discussão dessas

---

<sup>52</sup> A masculinização do substantivo ficou entre parênteses pela razão de que, entre tantas teóricas mencionadas na entrevista, Michel Foucault foi o único homem entre elas.

obras teóricas; isto é, o Brasil está participando de um discurso feminista ocidental. Além disso, também relevante para a REF, o texto-alvo publicado vai contribuir no volume de publicações traduzidas oriundas da REF, isso também auxiliaria na busca de um maior prestígio para a revista que atualmente passa por um momento de expansão que vai além das fronteiras nacionais.

### **5.3. Sobre os objetivos propostos pelo trabalho**

O principal objetivo proposto por este trabalho foi de relatar detalhadamente os passos de um projeto de tradução. O capítulo relacionado a ele procurou ir ao encontro desse objetivo. Ele detalha todas as principais características do texto-fonte e do futuro texto-alvo, desde os fatores externos – como a emissora do texto (autora e tradutora), a intenção da produtora do texto, o receptor, os meios, lugar e data de divulgação, o propósito, a função textual – como também os fatores internos – como o tema, o conteúdo, as pressuposições, a estruturação, o léxico, a sintaxe e os efeitos do texto – de cada um, texto-fonte e texto-alvo, respectivamente. Com isso, o intuito foi procurar uma detalhada compreensão da realidade em que o texto-fonte se encontra e qual realidade almeja-se que o texto-alvo encontre quando publicado. Tais detalhes auxiliaram como guia para que se atingisse o objetivo proposto para a tradução. Assim, para este estudo de caso, cada passo do projeto e, posteriormente, os resultados mais significativos comentados, trazem a justificativa sobre as decisões tomadas para a tradução do texto.

Outras questões mais amplas também fizeram parte dos objetivos deste trabalho. Houve, em todo esse processo, a procura em permitir que eu, na qualidade de tradutora, me fizesse visível na tradução, com a finalidade de contribuir na prática para aquilo que os teóricos chamam de “visibilidade do tradutor”. Chesterman (2000) já aparece previamente nestas considerações finais discursando sobre a necessidade que traduções muitas vezes demandam em “mudar” algo. Tais mudanças mostram a presença de um tradutor como um ser pensante e criativo, e não como uma mão mecânica. Essas mudanças provam que traduções são *produções*, e não *reproduções* como antigos conceitos conservadores em relação à tradução – já discutidos no capítulo dos referenciais teóricos.

Venutti (1995) discute bastante esse assunto em sua obra “A (in)Visibilidade do Tradutor”<sup>53</sup>, e, sobre essa questão, afirma que “tradução é uma produção ativa de um texto que se assemelha ao texto original, mas que mesmo assim se transforma” (1995, p. 13). O que ele chamou de “transformação” foi o que Chesterman antes chamou de “mudança”. Venutti é mais um estudioso do campo dos Estudos da Tradução que acredita que “o processo produtivo da tradução poderá tornar-se visível” (Ibid., 13)

Rosemary Arrojo (1993) também compartilha dessa mesma opinião dos teóricos estudados neste trabalho. Ela também discute sobre o processo evolutivo pelo qual um conceito de tradução muito mais amplo vem aparecendo nas últimas décadas:

[...] traduzir deixa de ser uma atividade inútil ou invisível, que deve passar despercebida, e se assume como uma inevitável forma de conquista ou de tomada de poder, que necessariamente reescreve o passado e se apropria de outras culturas e linguagens. (1993, p. 437.).

Seguindo os conceitos desses teóricos estudados neste trabalho, foi possível, como tradutora, permitir me deixar visível no texto-alvo de diversas maneiras diferentes, como por exemplo, através de notas do tradutor, de breves explicações entre parênteses, do contato com a autora e com a entrevistada, da preocupação sobre a compreensão do público-alvo da forma estabelecida no projeto de tradução, da intenção em respeitar e mediar as culturas envolvidas, dos objetivos em promover a REF e dar visibilidade aos Estudos de Gênero no Brasil, da não preocupação em manter exatamente a mesma forma textual do texto-fonte – pois procurei deixar o texto-alvo mais formal e suavizar a oralidade.

Dessa forma, diretamente ligado à procura pela visibilidade, o tradutor pode tornar possível a quebra com os antigos conceitos conservadores sobre tradução que a viam como cópia do original e não como uma produção criativa. Interferindo no texto-alvo na busca dos objetivos estabelecidos pelo projeto de tradução, o tradutor está revelando que a tradução não é meramente um ato de transposição do texto de uma língua para outra. Havendo um projeto, há uma ideologia por trás dele. A partir desse ponto de vista, o tradutor se depara com a

---

<sup>53</sup> Ver referências.

necessidade de lidar com o ato tradutório como um texto a ser produzido.

E, finalmente, encontrando-se o tradutor embrenhado em uma situação de tradução de valores, conceitos políticos, religiosos, morais; tomando consciência que deve lidar com uma delicada situação em consideração às culturas com as quais estão em questão, não seria legítimo justificar suas interferências?

Acima de tudo, devemos considerar que interferências de qualquer espécie sempre acontecem em traduções, ainda que sejam inconscientes por parte do tradutor. A ideia de *neutralidade* não pode existir, já que o tradutor trata-se de um ser humano repleto de sua própria cultura. Assim sendo, por mais que ele deseje, ele não vai conseguir atingir um grau de imparcialidade absoluta. Por mais que ele queira se apagar e mostrar o autor do texto original somente, suas marcas no texto traduzido existirão. Portanto, se interferências existem, que sejam conscientes.

Neste estudo de caso houve muitas interferências. Todas elas justificadas. Ao estudar o texto-fonte, foram perceptíveis quantos embates culturais ele poderia causar, e o propósito não era esse. Pelo contrário, o propósito era respeitar todas as culturas da melhor forma possível. Se o texto-fonte permitisse que as críticas acentuadas de Azadeh em relação ao feminismo norte-americano aparecessem com a mesma nitidez em que aparecem no texto-fonte, o objetivo em chamar a atenção do leitor do texto-alvo para o diálogo que existe no Brasil nesse campo de estudo poderia ser desviado devido a uma possível reação do leitor em se sentir criticado (nesse caso, tratando-se especificamente do leitor norte-americano). Se não fossem inseridas notas explicativas no texto-alvo, o leitor se perderia em informações que, para o leitor brasileiro, já estão implícitas. Se o registro do texto-alvo não fosse elevado, talvez a linguagem dele não estivesse suficientemente satisfatória para uma futura publicação. Se Azadeh não tivesse revisado sua entrevista e feito algumas alterações no seu discurso do texto-alvo, ela mesma poderia se comprometer como iraniana. Sendo esse texto um texto sensível, muitas questões tradutórias vêm à tona, muitos cuidados tiveram que ser tomados e muitas interferências, como essas mencionadas, tiveram que ser feitas.

Enfim, esse trabalho abre questões para mais estudos de caso relacionados às interferências do tradutor em textos com forte carga cultural e política para a problemática e justificação em legitimar essas interferências. Também abre espaço para uma pesquisa mais aprofundada sobre a interface entre Estudos da Tradução e Estudos de

Gênero que ainda aparece timidamente nos centros acadêmicos do país. E subsequentemente para questões relacionadas às relações de poder dentro do universo da tradução. O texto-fonte e o texto-alvo alinhados podem também colaborar para o estudo de casos de tradução para uma segunda língua, afinal o original está escrito na minha língua-mãe, enquanto tradutora e a respectiva tradução na segunda língua. Para um estudo dessa natureza, os textos em anexo podem servir de apoio para o desenvolvimento de um estudo que seja relacionado aos conceitos, preconceitos e implicações linguísticas e culturais para essa prática.

## REFERÊNCIAS

ARROJO, Rosemary. *Tradução, Desconstrução e Psicanálise* Rio de Janeiro: Imago, 1993.

BASSNETT, Susan. Writing in no Man`s Land: Questions of Gender and Translation. Em: Malcolm Coulthard (ed) *In Studies of Translation*, Special issue of *Ilha do Desterro*, Florianópolis, 28, p. 63-73, 1992.

BERMAN, Antoine. *A Tradução e a Letra – ou o Albergue do Longínquo* (tradução de Marie-Hélène Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini). 7 Letras: Rio de Janeiro, 2007

BULBECK, Chilla. *Re-orienting Western Feminism: women`s diversity in a postcolonial world*. Cambridge Cambridgeshire: Cambridge University Press, 1998.

CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras* (tradução Marina Appenzeller). Estação Liberdade: Brasil, 2002.

CHESTERMAN, Andrew. *Memes of Translation – the spread of ideas in translation theory*. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam/Philadelphia, 2000.

COSTA, Cláudia de Lima. As Teorias Feministas nas Américas e a Política Transnacional da Tradução. *Revista Estudos Feministas*. vol 1. n. 3. UFSC: Florianópolis, segundo semestre de 2000.

\_\_\_\_\_ & MALUF, Sônia Weidner. Feminismo Fora do Centro: Entrevista com Ella Shohat *Revista Estudos Feministas*. . UFSC: Florianópolis, vol. 9 . n. 1. p.147-159, 2001.

\_\_\_\_\_ Feminismo, Tradução, Transnacionalismo. In: SCHMIDT, Simone Pereira. *Poéticas e Políticas Feministas*. Editora Mulheres: Florianópolis, p.187-196, 2004.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. Betty Friedan: morre a feminista que estremeceu a America. *Revista Estudos Feministas*. vol. 14. n. 1. UFSC: Florianópolis, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio Edição Especial – O dicionário da língua portuguesa*. Positivo: Curitiba, 2007.

FLOTOW, Luise Von. *Translation and Gender – Translating in the ‘Era of Feminism’*. University of Ottawa Press: Canada, 1997

GODARD, Barbara. Theorizing Feminist Discourse/Translation. Em: BASSNET, Susan; LEFEVERE, Andre (orgs) *Translation, history and culture*. Londres: Pinter, 1990. pp. 87-96.

LEFEVERE, André. *Translation, History and Culture*. London/NY: Pinter Publishers, 1990.

HOLLANDA, H. H. O. B. Feminismo em Tempos Pós-Modernos. Em: HOLLANDA, H. H. O. B. (org). *Tendências e Impasses: O Feminismo como Crítica da Cultura*. Rocco: Rio de Janeiro, p. 7-22, 1994.

LEAL, Alice Borges. *Funcionalismo Alemão e Tradução Literária: quatro projetos para a tradução de “The Years”, de Virginia Wolf*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) UFSC: Florianópolis, maio de 2007.

LEWIS, Jane; ASTRÖM, Gertrude. Equality, Difference, and State Welfare: labor Market and Family Policies in Sweeden. *Feminist Studies*, v. 18. N. 1, University of Maryland: USA, 1992.

NIRANJANA, Tejaswini. Siting Translation – Representing Text and Cultures: Translation Studies and Ethnography. Em: *Siting Translation, History, Post-Structuralism, and the Colonial Context*. Los Angeles-Oxford: University of California Press, p.47-86, 1992.

NORD, Christiane. Text analysis in Translation. *Theory, Methodology, and Didactic Application of a Model for Translation – Oriented Text Analysis*. Rodopi: Amsterdam, 1991.

\_\_\_\_\_ *Translating as a Purposeful Activity – Functionalism Approaches Explained*. St. Jerome Publishing: Manchester, UK & Northampton MA, 2001.

PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero na pesquisa histórica. *Revista Catarinense de História*, Editora Mulheres: Florianópolis, 1998.

PEDRO, Maria Joana. *Traduzindo o Debate: O uso da categoria de Gênero na História*, Universidade Estadual Paulista: São Paulo, 2006.

PINTO, Célia Regina Jardim. *Uma História do Feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003. (Coleção História do Povo Brasileiro)

RABINE, Leslie Wahl. A Feminist Politics of Non-Identity. *Feminist Studies*, v. 14, n. 1, University of Maryland: USA, 1998.

RAGO, Margareth. Adeus ao Feminismo? Feminismo e (pós)modernidade no Brasil. *Cadernos Ael*: Campinas, Segundo semestre 1995/ Primeiro semestre 1996.

RICHARD, Nelly. *Feminismo, Experiencia y Representación*. Revista Iberoamericana, v. 62, p. 733-744, julho-dezembro 1996.

SHOHAT, Ella. *Talking Visions: multicultural feminism in a transnational age*. Cambridge: MIT Press, 1999.

SIMON, Sherry. *Gender in Translation – Cultural Identity and the Politics of Transmission*. London: Routledge, 1996.

SILVA, Wanessa Gonçalves. *Por um Projeto de Tradução Estrangeirizante: Dr. Faustus, uma tradução comentada e anotada*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) UFSC: Florianópolis, 2007.

SORJ, Bila. A Revista Estudos Feminista e as Políticas Públicas: Qual a Relação? *Revista Estudos Feministas*, v.16, n. 1, UFSC: Florianópolis, Jan/Apr 2008.

TOURY, Gideon. *The Nature and Role of Norms in Translation*. John Benjamins. Amsterdam: Philadelphia, 1995.

TRUMBLE, W. & STEVENSON, A. (ed.) *Shorter Oxford Dictionary – the world's most trusted dictionaries*. Oxford: Oxford - UK, 2002.

VENUTI, Lawrence. *A (in)Visibilidade do Tradutor*. (Tradução de Carolina Alfaro). Rio de Janeiro: Palavra 3, 1995.

WILLIAMS, J. & CHESTERMAN, A. *The Map. A Beginner's Guide to Doing Research*. Manchester, UK: St. Jerome, 2002.

WHITLAM, John & RAITT, Lia Correia. (ed) *The Oxford Paperback Portuguese Dictionary – Português-Inglês, Inglês-Português* Oxford: New York, 1996.

## ANEXO A – TEXTO-FONTE COMPLETO<sup>54</sup>

### **Princesas, sufragistas, islâmicas, laicas, onguistas, escritoras – a luta feminista no Irã: entrevista com Azadeh Kian-Thiébaud Carmen Rial**

Universidade Federal de Santa Catarina

Conheci Azadeh Kian-Thiébaud<sup>55</sup> através de sua colega Jules Falquet, em uma reunião em torno de um possível convênio entre a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e o CEDREF, que ela dirige atualmente. Séria e objetiva nas suas questões sobre o IEG,<sup>56</sup> a *REF* e a área de concentração de estudos de gênero do PPGICH,<sup>57</sup> Azadeh aceitou imediatamente o convite para conversarmos sobre o feminismo no Irã, o que lhe propus ao final desse primeiro encontro. Dias antes, em um colóquio na sala do auditório da rue de Tolbiac repleta de feministas de todas as correntes, eu tinha falado brevemente em favor de uma leitura mais aberta do uso do véu islâmico, apoiando esse tópico no debate da palestra de Paola Bacchetta, de Berkeley, para não lhe (sic) deixar ser uma voz isolada naquela sala, pois, apesar das diferenças, o repúdio ao uso do véu em todos os lugares e em qualquer circunstância une, há muitos anos, as feministas francesas – e, mais além, os intelectuais do país. Azadeh conhecia minha posição; eu não conhecia a dela. A conversa ocorreu na sua sala, em um dos laboratórios do CNRS de Ivry, numa tarde de junho de 2007.

**Carmen Rial:** Você poderia, em uma visão panorâmica, nos apontar os principais momentos do Movimento Feminista no Irã?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** No Irã houve várias ondas. A primeira, e penso talvez a mais significativa, tenha ocorrido em 1905/1906, no momento da revolução constitucional no Irã, primeiro país a ter feito sua revolução constitucional. As mulheres que estavam próximas aos constitucionalistas, quer dizer, suas irmãs, esposas, ou próximas desse meio, se reuniram em associações secretas e começaram a lutar contra o

---

<sup>54</sup> O texto original contém uma série de erros de português, problemas de redação e revisão que não foram corrigidos aqui, ou seja, o texto deste anexo é idêntico à versão originalmente publicada; além disso ele está escrito dentro das regras ortográficas vigentes no ano de sua publicação.

<sup>55</sup> Azadeh Kian-Thiébaud é professora em Paris VII, pesquisadora do laboratório do mundo árabe e indiano do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) e atual coordenadora do Centre d'Enseignement, de Documentación et des Recherches pour les Études Féministes (CEDREF)/Université de Paris VII.

<sup>56</sup> Instituto de Estudos de Gênero da UFSC.

<sup>57</sup> Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC.

absolutismo do rei, ou seja, em favor da revolução, e também pelos seus direitos políticos. Ou seja, no mesmo momento em que se reivindicava o direito político para os homens, essas mulheres os reivindicavam para elas também. Quando o Parlamento se reuniu em 1906, havia muitos clérigos que tinham sido eleitos, e muitos deles eram a favor da revolução constitucional e acreditavam que o Islã não era incompatível com a democracia. Mas quando essas mulheres pediram direitos políticos poucos foram os deputados no Parlamento que as apoiaram, pois os clérigos deputados afirmavam que outorgar direitos políticos às mulheres era contra o Islã. Essas mulheres sitiaram o Parlamento em 1909, o ocuparam e reivindicaram os direitos políticos, mas em vão, sem sucesso. Sadigeh Dowlatabadi foi uma das primeiras feministas. Então começaram a publicar jornais e revistas para as mulheres, defendendo que elas deveriam ser instruídas e que a revolução deveria iniciar-se no interior dos lares. Publicaram duas revistas, *Dânes* (saber) em 1908 e *Shekoufeh* (botão) em 1911. Vendo que não poderiam esperar que o Estado o fizesse, elas começaram a agir, por exemplo, criando escolas para as jovens – existiam escolas para moças, mas eram escolas de missionários americanos, franceses e ingleses, e sobretudo eram as mulheres cristãs que as freqüentavam. As muçulmanas de famílias aristocráticas tinham cursos particulares em casa, e as mulheres do povo eram analfabetas. Então essas feministas começaram a criar escolas, e a traduzir textos diversos sobre o que é ser uma mulher moderna, com noções de higiene, por exemplo, dizendo que se pode estar no lar, mas para ser uma boa mãe se deve também ser educada, limpa.

Desde essa época, constata-se que havia um grande debate sobre o véu islâmico entre essas feministas. Havia as que eram contra e outras a favor. Quer dizer, não a favor, mas que diziam que isso não era o problema principal e que ser moderna não queria dizer necessariamente renunciar às tradições islâmicas, e que não se deveria proibir o porte do véu. A principal reivindicação dessas feministas continuou sendo os direitos políticos, ou seja, o direito ao voto e a ser eleita, que as mulheres pudessem ao mesmo tempo votarem e serem (sic) eleitas. Porque o direito à educação estava já inscrito na Constituição de 1906. Enquanto direito, elas o tinham adquirido, mas mesmo por razões financeiras, na prática, o Estado não pôde realmente abrir escolas para moças. Mas o direito estava lá. O que elas não obtiveram foi o direito político, de um lado, e, de outro, mudar o fato de que o Código Civil estava calcado na lei islâmica. Não havia igualdade entre mulheres e homens. Porém, essas reivindicações continuam a voltar à cena política, por exemplo, nos anos 1940.

Em fevereiro de 1921 chega ao poder o pai do Xá do Irã, o comandante militar Reza Khan, que era um homem, digamos, moderno, mas ao mesmo tempo antidemocrático. Ele instaura um feminismo de Estado que atendia a uma pequeníssima parte das reivindicações das feministas, mas de fato esse feminismo ia no sentido de uma política do Estado. Portanto, esse feminismo de Estado se realizou em detrimento das atividades independentes e autônomas das mulheres. A autonomia do movimento feminista no Irã ficou assim comprometida com o pai do Xá, a partir principalmente dos anos 1930. Ele proibiu o porte do véu, em 1936. Conseqüentemente, uma parte significativa da população urbana, que começava a enviar as suas filhas à escola, e que era religiosa e as enviava com véu, a partir do momento em que o véu foi proibido, essas mulheres passaram a se recusar a enviar as filhas à escola.

**Carmen Rial:** O véu foi proibido somente na escola ou em todos os lugares públicos?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Em todos os lugares, na rua... foi uma medida muito mais dura, mais draconiana do que na Turquia, mesmo, na época. O véu era proibido em todos os lugares, inclusive na rua, e havia policiais que atacavam as mulheres que usavam véu, o que fez com que muitas das famílias religiosas que haviam aceitado enviarem suas filhas à escola as retirassem de lá. Evidentemente, esse tipo de política acaba indo contra as reivindicações feministas. Por outro lado, claro que havia as que se beneficiaram dessas novas medidas, mas foram as de classes superiores.

As reivindicações do movimento feminista retornam, portanto, a partir dos anos 1940, quando o pai do Xá do Irã, que era um ditador muito conhecido por ser muito repressivo, é forçado pelos Aliados, durante a Segunda Guerra Mundial, a deixar o Irã. A partir daí o movimento feminista ganha nova vida, período no qual a causa das mulheres, como em todos os lugares, foi recuperada pelos partidos políticos. Depois de sua saída, muitos partidos – de esquerda, de direita, de centro, nacionalistas – se reorganizaram, e cada um criou sua sessão de mulheres. Assim, a reivindicação pelo direito político retorna, e dessa vez há um projeto de lei que é apresentado ao Parlamento, em favor do direito de voto e da elegibilidade, mas não é acatado novamente pelos deputados que pensam que "é muito cedo", que "não se deve dar direito de voto as mulheres", etc. É somente em 1963 que o Xá do Irã, Reza Pahlevi, o mesmo que será destituído em 1979 pelo Aiatolá Ruhollah Khomeini, outorga o direito político às mulheres – como parte da Revolução Branca, campanha com base na reforma agrária e

modernização social e econômica do Irã –, mas novamente trata-se de um ditador que está no poder, e de todo modo o voto não tinha sentido, uma vez que o sistema político estava fechado e que o ritual eleitoral não interessava aos eleitores. Assim, o direito ao voto chega em um momento em que tudo está bloqueado no sistema político. Ao mesmo tempo, a irmã do Xá do Irã havia criado sua organização de mulheres, que também era uma organização que veiculava o feminismo de Estado, ou seja, defendia que a mulher deveria ser "moderna mas modesta".

**Carmen Rial:** Como se chamava esse grupo?

**Azadeh Kian-Thiébaut:** É a Organização de Mulheres do Irã (Anjouman Haye Nesvan). Era uma organização oficial, governamental, criada pela princesa Ashraf, irmã gêmea do Xá, e que tinha umas 300 filiais em diferentes cidades do Irã, mas que realizava apenas atividades governamentais, oficiais. Ainda assim, a Organização conseguia fazer com que fossem apresentados projetos de lei ao Parlamento e propunha, sem colocar em questão a natureza patriarcal e sexuada do Estado, algumas medidas a fim de melhorar o estatuto legal das iranianas. E a partir de 1967, de fato, há uma mudança no estatuto da lei; até então o código civil era calcado na lei islâmica. Assim, a partir de 1967, numa visão progressista, mas sempre de dentro do Islã, certos direitos são outorgados às mulheres.

**Carmen Rial:** E quem eram as lideranças nessa segunda fase?

**Azadeh Kian-Thiébaut:** A princesa Ashraf, irmã gêmea do Xá. Havia outras mulheres, como por exemplo a senhora Mahnaz Afkhami, que era a responsável por uma organização de mulheres. A Organização de Mulheres do Irã era dirigida pela princesa, mas a senhora Afkhami era também uma das diretoras dessa organização. Depois houve senadoras e deputadas, e algumas delas, como Mehranguiz Dowlatshahi e Mehranguiz Manouchehrian, tiveram um papel preponderante na constituição e na aprovação da legislação dos anos 1960, que conseguiu uma melhora significativa em termos do estatuto legal das iranianas durante o governo do Xá. Mesmo sendo "feministas de Estado", elas tentaram fazer coisas para melhorar a condição legal das iranianas, tendo papel fundamental na promulgação da lei de proteção da família de 1967.

**Carmen Rial:** Quais direitos foram outorgados às mulheres em 1967?

**Azadeh Kian-Thiébaut:** [Essa lei] era composta de 23 artigos, e limitava o direito unilateral do homem ao divórcio e à poligamia, à guarda das crianças, garantia o direito também de as mulheres trabalharem em algumas profissões como a magistratura ou no exército, que era reservado aos homens até então, e as mulheres começam a ser

aceitas. Assim, a lei passa a dar às mulheres mais direitos, mas ao mesmo tempo tudo isso ocorre no quadro de um feminismo de Estado que evidentemente impede a emergência de atividades autônomas e independentes das mulheres. Essas medidas não causam grande entusiasmo na população feminina, ao menos é assim que eu penso. No meu modo de ver, nesse momento havia uma defasagem social: a maioria da população iraniana era rural, a maioria das mulheres era analfabeta, a maioria delas habitava no meio rural, tínhamos um atraso em termos de controle do corpo, o número de filhos por mulher era bastante elevado, uma média de sete crianças. Ainda assim, as mulheres obtiveram direitos, mas quem os utilizou foram as do meio urbano, de classes superiores. A maioria delas não os utilizou e nem sequer sabia que tinha esses direitos. O que quero dizer é que as identidades sociais femininas não existiam realmente nessa época, mesmo entre as que se beneficiaram dessas mudanças de lei. Não havia reivindicações específicas para as mulheres, o que explica em parte por que elas aderiram ao movimento islamista no momento da Revolução no Irã, em 1979. Havia muitas mulheres que se manifestaram nas ruas e que não apresentaram reivindicações específicas para si próprias. Elas compartilhavam as reivindicações gerais, e portanto algumas – não todas – aceitaram portar o véu islâmico, mesmo não sendo islâmicas, e muitas eram laicas.

**Carmen Rial:** O véu era então portado como um símbolo político, como símbolo de adesão à Revolução?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Isso mesmo, certamente. Era um símbolo de contestação, de protesto contra o Xá e contra os Estados Unidos, etc. Mas finalmente esse véu se torna um símbolo muito forte de exclusão, por parte do regime, dessas mulheres laicas, que, depois da Revolução, diziam: "Não, nós não estamos de acordo, nós não queremos usar o véu, não queremos leis islâmicas". E elas foram colocadas de lado, excluídas.

O que estou tentando mostrar é que o movimento de mulheres no Irã começa em 1905, mas se tratava, em um primeiro momento, de mulheres de origem na elite, aristocráticas mesmo, às vezes, e em seguida, nos anos 1950, houve altos e baixos.

Ocorreu, então, o golpe de Estado de 1953, golpe organizado pela CIA, contra o Primeiro-Ministro democrata Mohamad Mossadeq, o mesmo que, quando era deputado em 1946, apresentara um projeto de lei para que as mulheres pudessem ter direitos políticos mas que foi rejeitado pelo Parlamento. Esse golpe de Estado foi também em detrimento dos direitos das mulheres, e somente durante o período democrático, de

liberdades, as feministas puderam se reunir novamente e recolocaram as reivindicações por direitos políticos, direitos sociais e direitos civis. Depois, novamente, a partir dos anos 1960, elas são marginalizadas e ressurgiu o "feminismo de Estado", do Xá, que ocupa o espaço. Com efeito, há melhoras, é ativado o estatuto legal das mulheres, mas em detrimento das atividades autônomas.

**Carmen Rial:** A segunda vaga foi a do feminismo de Estado, portanto. A primeira vaga nós poderíamos aproximar do movimento sufragista, como em outras partes do mundo?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Certamente, eu faço uma relação com o movimento sufragista. As sufragistas do início do século XX se reuniam em associações e em torno de uma revista, *Zabâne Zânan* (A língua das mulheres), de 1919. Nessa época existiam também outras revistas de mulheres: *'Alame nesvân* (O universo de mulheres), de 1920; *Jahâne Zanân* (O mundo das mulheres); *Nâneh-ye bânavân* (A carta das mulheres), de 1921, e *Peyk-e As'adat-e nesvân* (O mensageiro da felicidade das mulheres), de 1928. Entre as mulheres conhecidas como porta-estandarte do feminismo está Sadigeh Dowlatabadi, que foi uma das primeiras feministas que reivindicavam direitos políticos para as mulheres, em 1910, 1920. Shahnâz Azad também, nos anos 1920 e 1930, era contra o véu, a ponto de ser presa. Há também uma princesa, Taj ol-Saltaneh, da dinastia de antes, nos anos 1910 mais ou menos, que era contra o véu.

Carmen Rial: E o que acontece hoje, após a Revolução?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** O que se constata é que, contraditoriamente, depois da Revolução se tem um regime antifeminista que impõe o porte do véu e a lei islâmica que é contra as mulheres, impõe a *sharia*, mas ao mesmo tempo, paradoxalmente, há uma política de modernização que é aplicada, que fez com que hoje, no meio rural também, se observem melhoras. Entre as iranianas, 80% são alfabetizadas; a relação de crianças por mulheres, que antes da Revolução era de sete, caiu para dois; a maioria dos estudantes nas universidades são mulheres; cada vez mais trabalham fora – elas são obrigadas, pois a situação econômica é muito difícil. As mulheres que estudam e também as que não estudam são obrigadas a trabalhar fora, a maioria no setor de serviços, informalmente, no mercado informal. De qualquer modo, elas têm uma renda e o modo como gastam essa renda garante uma maior autonomização em relação aos maridos, e elas obtêm cada vez mais autoridade no interior de suas famílias. Então, eu penso que a mudança maior é que, antes da Revolução, os diferentes movimentos feministas no Irã tinham como protagonistas mulheres laicas e de classes altas,

com algumas exceções. Ao passo que, depois da Revolução, são as mulheres islâmicas, as mesmas que reivindicavam às vezes a aplicação da sharia, que vestiam longos véus pretos, o chador, que adeririam ao movimento islâmico de Khomeini e que, depois da Revolução, gradualmente, compreendem que finalmente o que está acontecendo é prejudicial a todas as mulheres. E assim, depois da Revolução, e sobretudo depois da guerra com o Iraque (que se iniciou um ano após a Revolução e que durou oito anos, na qual elas foram muito ativas, apoiando o governo), elas percebem que a situação das mulheres se deteriorava tanto no plano social, quanto no plano legal e outros, e portanto era necessário ter reivindicações específicas para as mulheres. E elas começam a questionar, gradualmente, notadamente depois da década de 1990, esta leitura, eu diria, muito masculina do Islã e do Alcorão. E como eram de famílias religiosas, muitas com uma educação religiosa, elas começam a reivindicar direitos para as mulheres através de uma releitura do Alcorão e da tradição islâmica, começam a dizer que, "segundo o Alcorão, as mulheres e os homens são iguais", e a partir de (sic) disso elas se nomeiam "feministas islâmicas" e pensam que o Islã não apresenta nenhuma incompatibilidade com o feminismo, do ponto de vista da igualdade de direitos, é claro. A partir de então elas militam por isso. Elas têm revistas e magazines de mulheres, freqüentemente de uma boa qualidade.

**Carmen Rial:** Você poderia listar alguns periódicos?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Por exemplo, a *Zanân*, que em persa quer dizer "A mulher" e é uma revista mensal que aparece em 1992, e que logo nos seus primeiros números publicou uma série de artigos demonstrando que o Alcorão não proíbe as mulheres de escrever éditos religiosos e que elas podem assim tomar a direção religiosa, jurídica e política da sociedade. Havia também uma revista mais acadêmica chamada *Farzâneh*, que quer dizer "Mulher sábia", que apresenta uma leitura igualitária do Alcorão e que se dirige sobretudo aos estudantes universitários, publicando artigos de iranianas na diáspora. Há muitas, a *Zan-e Rouz* (A mulher de hoje), que se dirige às menos instruídas, não feministas, mas mesmo nessa se constata uma busca de melhorar a situação das mulheres, através de uma re-interpretacão da lei islâmica. Portanto, a partir dos anos 1980, essas feministas se tornam bastante ativas e, pelas questões que colocam, os religiosos "com turbantes", os mulás, são obrigados a publicar uma revista a fim de responder às interrogações delas. Foi assim que a Escola Religiosa do Irã, que é o equivalente do Vaticano no Irã, publicou a partir de 1993 uma publicação que se chama *Payam-e Hâjar* (A mensagem da mulher), que

é uma revista exclusivamente masculina. Ao contrário das revistas femininas que citei acima, fundadas e dirigidas pelas mulheres, essa é uma revista publicada pelos homens, na qual os aiatolás tentam encontrar solução para as questões colocadas pelas mulheres. Por exemplo, existem mulheres (religiosas, sendo seu público formado por famílias muito tradicionais e religiosas) que escrevem fazendo perguntas e ao mesmo tempo relatando situações difíceis por que passam por serem mulheres. Essa revista refutou a legalização da poligamia através de uma nova interpretação do versete *Al Nesa* (As mulheres). Assim, elas começam a se reorganizar, e o que considero muito interessante e raro como experiência em relação aos outros países islâmicos é que se nomeiam hoje feministas islâmicas (sic) se dirigem às mulheres laicas, que foram marginalizadas, dizendo "venham, somos diferentes, temos visões diferentes, mas podemos trabalhar juntas". Essa é a perspectiva, por exemplo, da diretora da revista *Zanân* (A mulher). E assim as mulheres laicas ou islâmicas começam, a partir dos anos 1990, a se darem conta de que, apesar de suas abordagens diferentes, suas visões de mundo diferentes, enquanto mulheres, elas compartilham o mesmo problema: de serem oprimidas como mulheres, e que, portanto, uma colaboração é possível entre elas. Evidentemente, as islâmicas utilizam muito da experiência das laicas, pois eram as laicas que tinham essa memória coletiva do movimento feminista, e as islâmicas não conheciam esse movimento feminista. E cada vez mais todas elas, feministas laicas ou feministas religiosas, fazem referência a essa memória coletiva, à existência desse movimento feminista que tem cem anos no Irã e que se coloca a questão de por que, cem anos depois, nós não avançamos.

**Carmen Rial:** Como você descreveria o atual momento do movimento feminista no Irã?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** A partir da segunda metade da década de 1990, as ONGs (e no Irã, como em todo o mundo, muitas ONGs são criadas; ONGs de mulheres, laicas, independentes dos partidos políticos, pois os partidos políticos que existem no Irã, pela lei, precisam ser islâmicos). O movimento feminista, ou melhor, os movimentos feministas (é preciso falar no plural) trabalham a partir de 1995 no quadro das ONGs. Nas circunstâncias atuais, as ONGs no Irã são levadas a trabalhar com as mulheres e pelas mulheres, e se proliferam— ONGs de mulheres feministas laicas e também ONGs de mulheres islâmicas. O que é interessante de constatar é que essa "onguização" do movimento feminista tem como consequência uma

aproximação de jovens: muitas estudantes tornaram-se feministas graças a essas Organizações Não-Governamentais.

**Carmen Rial:** Essas ONGs são centradas em que tipo de trabalho social?

**Azadeh Kian-Thiébaud** A primeira ONG ecologista foi criada por mulheres e, dentro do quadro de limites impostos, é eficaz. Ela mobiliza estudantes para se manifestarem por uma diminuição de carros nas ruas, contra a poluição, etc. Mas há também ONGs que trabalham pelas mulheres, que ajudam as mulheres pobres, por exemplo, lhes fornecendo microcréditos, etc. Há outras ONGs que ajudam aquelas com dificuldades de ordem legal. Há outras ONGs que tentam mudar as leis islâmicas existentes, mas através de uma mobilização de mulheres. Então há muitas ONGs desse tipo, que começaram um trabalho e, sobretudo, começaram a ir ao encontro das mulheres. Pois no Irã, como em outras partes do mundo, o movimento feminista permanece entre as classes médias. Recentemente, elas se deram conta de que para serem eficazes, para mudarem as coisas, era preciso ir em direção às mulheres de outras categorias sociais. Em 2006 iniciaram uma campanha que se chama "Um milhão de assinaturas", para mudar as leis discriminatórias, e foram recolher assinaturas em diferentes cidades – por enquanto ainda não no meio rural – onde discutem com mulheres que não são feministas mas que estão descontentes com sua condição, lhes explicando e tentando fazer com que assinem essa petição. Existem outras campanhas, como a campanha contra todos os tipos de violência contra as mulheres, outra contra a segregação, outras para constituir novas militantes, etc.

Essa é a nova vaga do feminismo no Irã, que é a vaga das ONGs que atrai feministas muito mais jovens, que nasceram depois da Revolução, pois a Revolução tem 20 anos. Essas jovens são estudantes menos atraídas pelo movimento, mas, claro, na interação com outras mulheres que estão no movimento há mais tempo, começam a colocar em questão as relações de sexo, de gênero.

Mas esse é o movimento evidentemente dos heterossexuais. Existe no Irã também um movimento homossexual.

**Carmen Rial:** Bem, temos então uma primeira vaga, sufragista, uma segunda que seria o feminismo de Estado e essa terceira vaga que seria a das ONGs. O direito ao sufrágio universal foi mantido pela Revolução?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Sim, as mulheres que obtiveram o direito político em 1963 não o perderam com a Revolução. Elas votam e são eleitas. Há poucas mulheres: só 5% do Parlamento são mulheres. Mas

elas sempre existem. O direito político das iranianas não foi colocado em questão. Ao contrário, o direito civil o foi, pois a lei islâmica concede muito mais direito aos homens do que as (sic) mulheres. E é nesse plano que muitas feministas hoje, por exemplo, na campanha de um milhão de assinaturas, estão centradas nos direitos das mulheres no âmbito privado. Por exemplo, em princípio as mulheres têm direito ao divórcio, mas é muito difícil para uma mulher se divorciar.

**Carmen Rial:** E o direito ao repúdio? O Alcorão não prevê que, se uma mulher afirma três vezes que não quer mais estar casada, diante de uma testemunha, isso vale como um divórcio?

**Azadeh Kian-Thiébaut:** Não, de modo algum. No Irã, todo divórcio é judicial, não existe a repudição. O repúdio existe na Argélia, por exemplo, mas mesmo lá as mulheres não têm direito ao repúdio, apenas os homens podem repudiar. Nem entre os xiitas nem entre os sunitas elas têm direito ao repúdio. Os homens têm em certos lugares, mas não no Irã, onde todos os divórcios são judiciais. Portanto, é preciso ir ao tribunal, diante de um juiz. Se você é um homem, no Irã, você pode dizer ao juiz "eu quero me divorciar de minha mulher". Por que motivo? Sem razão, simplesmente porque quer, e isso é aceito, pois, segundo o código civil, existe o direito unilateral para os homens. Para as mulheres, há o direito, mas sob certas condições. Por exemplo, se o marido bate na mulher; se há mau tratamento; se ele está doente, com uma doença mortal; se é impotente; se ele está preso por cinco anos; se ele está ausente do lar por quatro anos. Nessas condições, uma mulher pode pedir o divórcio, mas é muito difícil para elas. Mesmo se ela é vítima de violência, precisa ir a um médico legal, reunir testemunhas, e ainda assim não é certo que o obtenha. Então essa é uma reivindicação importante das feministas.

**Carmen Rial:** Tanto das feministas islâmicas quanto das laicas?

**Azadeh Kian-Thiébaut:** Sim. Laicas ou islâmicas. "Islâmicas" entre aspas, pois elas são, na minha opinião, muito mais feministas do que islâmicas. Por que chamo de laicas e islâmicas? Essas feministas que eu chamo de islâmicas são as mulheres que se referem ainda hoje ao Alcorão e acreditam que uma re-leitura do Alcorão e das tradições no quadro legal é ainda possível. As laicas são as que se referem às convenções internacionais, aos direitos humanos e que não se referem ao Islã. Elas pensam que, como o Irã é signatário de muitas convenções, deve-se respeitá-las, e, segundo essas convenções, os homens e as mulheres são iguais. Como elas trabalharam muito juntas, se influenciaram reciprocamente. Não se pode dizer que alguém é cem por cento laica ou cem por cento islâmica.

**Carmen Rial:** Mas diferenças de origem social e de capital cultural existem?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Sim, quanto à origem social sim, as feministas islâmicas são na origem de classes inferiores e freqüentemente bem menos instruídas. Por quê? Porque na época do Xá, mesmo que o véu não estivesse proibido, elas não o usavam – eu por exemplo ia à universidade durante a época do Xá e quase não via mulheres com véu. Não era proibido usar o véu, mas elas não usavam. As famílias muito religiosas não enviavam as filhas aos ginásios laicos, e sim aos ginásios religiosos. Mas na administração pública elas não podiam portar o véu. Desse modo, as mulheres originárias de famílias tradicionais eram, de fato, marginalizadas, e não tinham a mesma instrução das mulheres cujas famílias de origem eram laicas, menos tradicionais. Assim, no início havia uma grande diferença de classe social, de nível de estudo e outras. Mas hoje essas diferenças não existem mais porque, depois da Revolução, muitas dessas mulheres passaram a freqüentar as universidades. E foi a vez de as mulheres laicas serem postas de lado, na universidade, nos trabalhos. E quem as substituíram? (sic) As mulheres islâmicas. Portanto, elas garantiram assim sua mobilidade social, sua ascensão social, de modo que hoje têm instrução, trabalho, e hoje não se pode mais falar em diferenças importantes, nem em termos de capital cultural nem em termos de capital social.

**Carmen Rial:** Quais são as outras principais questões do feminismo no Irã? O aborto está entre elas?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** O aborto é um problema importante. Deve-se assinalar que no Irã os medicamentos contraceptivos são distribuídos gratuitamente pelo Estado e o aborto das mulheres casadas é permitido, desde que o marido dê seu aval e que um médico ateste que a gravidez coloca a vida da mulher em perigo, mas isso é uma formalidade. Se o marido concorda, a mulher casada pode abortar sem problemas. Ao contrário, o aborto de mulheres solteiras é proibido, mas no entanto é praticado clandestinamente. O Parlamento mesmo, recentemente, discutiu essa questão e melhorou um pouco a lei, ou seja, eles disseram que era necessário facilitar o aborto das mulheres casadas. Mas o aborto é proibido pela religião. Assim, sabe-se que ele existe, mas não é legal. A legalização do aborto para as jovens não casadas, por enquanto, não faz parte das prioridades das feministas. A prioridade das feministas é o código civil e o código penal, pois, segundo este último, que é o código penal islâmico, o preço do sangue (*diyeh*), ou seja, o valor da vida de uma mulher é metade do valor da vida de um homem. E as feministas há anos lutam para que as mulheres possam ter o mesmo valor por sua

vida, e também lutam pelo código civil, pela igualdade de direitos no casamento, entre o homem e a mulher, e para aumentar a idade mínima para o casamento das jovens. Antes da Revolução, a idade mínima legal era 18 anos. Depois da Revolução, ela foi diminuída para nove anos – uma menininha de nove anos poderia ser casada. Depois de muitos protestos, essa idade foi aumentada para 13 anos. Existem enormes contradições entre a lei islâmica em vigor e a realidade do Irã. Em média, as iranianas se casam com 23 anos. Então, por que 13 anos?

**Carmen Rial:** Mesmo em zona rural...

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Mesmo em zona rural. Depende da zona rural, claro, mas a média nacional para a zona rural é de 19 ou 20 anos. Nas cidades é bem mais tarde que elas se casam. Também a taxa de celibato aumentou muito no Irã. Elas não se casam. Cada vez menos. E isso seja por razões econômicas, seja porque elas são cada vez mais instruídas e não encontram o marido ideal. Eu mesma faço parte de um grupo que milita contra a lapidação das mulheres. A lei existe, as mulheres adúlteras podem ser lapidadas, e recentemente nós tivemos um caso de lapidação.

**Carmen Rial:** As lapidações são raras?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** São raras, mas ocorrem. E nós o que pedimos é que isso seja retirado da lei. E eles dizem que desde 2003 não lapidam mais. Mas através da rede de advogados no Irã nós sabemos que ocorreram lapidações no Irã. E o que nós reivindicamos é a abolição da lei.

**Carmen Rial:** Se entendo bem, as reivindicações atuais das feministas são no sentido de estabelecer na legislação as práticas sociais existentes?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Exatamente, é isso. Nós queremos que, numa sociedade onde a maioria dos estudantes são mulheres, onde as mulheres estão em toda parte, como advogadas, médicas, juízas (Charin Ebadi, Prêmio Nobel da Paz, foi uma das primeiras mulheres juízas no Irã), não se pode dizer que a vida da mulher é metade da vida de um homem. Isso não faz sentido.

**Carmen Rial:** E as juízas, também aplicam essa lei?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Sim. Por exemplo, no Islã cada parte do corpo do ser humano tem um valor. Ora, se há um acidente de carro, se um homem é atropelado, e ferido na perna, sua perna vale duas vezes mais do que valeria a de uma mulher que fosse atropelada. A lei é aplicada cada vez que há um acidente, cada vez que alguém é morto, no cotidiano. Portanto, essa é uma reivindicação muito importante. São reivindicações que finalmente, como você disse, não são reivindicações

revolucionárias que colocam diretamente em questão as relações de poder. No momento, estamos em um quadro de feministas liberais. Trata-se de buscar a igualdade de direitos. Por enquanto não estamos em um quadro de movimento feminista declarado, publicamente visível, que questione as relações de poder. O que se constata é que essas feministas, de modo gradativo, especialmente as mais jovens, têm se tornado cada vez mais radicais. No início elas tinham esperança nas relações com o governo, através de *lobbying*, mas, como elas se decepcionaram, hoje têm buscado as manifestações de rua, e é através de atos de desobediência civil que elas buscam fazer com que as coisas mudem. Mas não sei se esse é o meio mais eficaz, pois não se deve provocar medo.

**Carmen Rial:** Nos aiatolás?

**Azadeh Kian-Thiébaut:** Não, não nos aiatolás, nas outras mulheres. As outras mulheres não estão prontas para entrar em um confronto direto com o poder. Mas todas as mulheres, segundo as pesquisas que tenho feito no Irã, há 15 anos, mesmo as do meio rural querem mudar sua condição de vida, mas não se sentem capazes de ir ao confronto com as autoridades.

**Carmen Rial:** E como se constroem as relações com as feministas do mundo muçulmano?

**Azadeh Kian-Thiébaut:** Paradoxalmente, há muito pouca relação com as outras mulheres da região. As feministas iranianas buscam mais o debate com o Ocidente. Nas revistas há muitos artigos traduzidos, de feministas francesas, de feministas americanas. As questões que interessam às feministas no Irã são as mesmas que atravessam os debates das feministas ocidentais. Há pouca relação, paradoxalmente, com as mulheres da região, com as paquistanesas, com as árabes, ou com as mulheres turcas, por exemplo.

**Carmen Rial:** A maioria das feministas, portanto, se organiza seja em torno de revistas, seja em torno de ONGs. Quais são as questões polêmicas que dividem esses diferentes grupos?

**Azadeh Kian-Thiébaut:** Questões de ordem tática. Elas são muito divididas nesse aspecto. Por exemplo, uma parte das feministas, que estão organizadas em torno das revistas *Zanân*, *Farzâneh*, *Payam-e Hâjar* e *Zan-e Rouz*, é contra o confronto, e dizem que "se deve continuar o trabalho gradual que se faz há 15 anos", "não se deve se manifestar na rua", "os custos das manifestações são muito elevados".

**Carmen Rial:** As manifestações estão proibidas?

**Azadeh Kian-Thiébaut:** Legalmente as manifestações não são proibidas. Mas quando há uma manifestação os policiais chegam e

batem nas manifestantes. E atualmente existem policiais, mulheres, que são enviadas cada vez que há uma manifestação de mulheres, e que batem mais forte até que os homens. Isso é interessante. Também a situação se deteriorou, pois até 2004 as islâmicas parlamentares eram feministas, que buscavam melhorar as leis e a situação das mulheres, mas o novo Parlamento é muito conservador e entre as 13 deputadas existem 11 que são antifeministas. A primeira coisa que elas fizeram quando eleitas foi defender que o Irã não assinasse a convenção contra toda forma de segregação contra as mulheres. Elas dizem que as mulheres portam mal o véu, que se deve reprimi-las por isso, e há até uma que disse que a poligamia é uma boa coisa. Estas, que chamo de antifeministas, hoje estão no poder, no governo, no Parlamento, e o movimento feminista iraniano entra em um momento muito difícil, pois antes de 2004 havia um apoio no Parlamento, com os reformistas, e hoje elas não têm nenhum apoio. É um momento muito difícil. Cada vez que tentam manifestar ou reivindicar, elas são reprimidas.

Sobre o que as divide, a tática é um ponto. Em outras questões, como por exemplo, na campanha de um milhão de assinaturas, não há qualquer divisão; elas trabalham juntas, islâmicas e laicas. Ou, na campanha contra as violências contra a mulher, não há distinção clara. O que podemos dizer é que as islâmicas pensam em termos do Islã e que nesse quadro se pode chegar à igualdade, e as laicas acham que isso é impossível e que portanto deve-se sair desse quadro religioso. E lá é onde elas se dividem. Porém, haja vista que no Irã ainda não se tem uma verdadeira igualdade, essa divisão não se tornou um entrave ao trabalho comum dessas mulheres, que conseguem trabalhar juntas.

**Carmen Rial:** Por que só um milhão de assinatura? Isso não é pouco para a população do Irã?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** A população do Irã é de 160 milhões de habitantes. Um milhão é um solo. Se elas conseguem um milhão de assinaturas de mulheres, já consideram bom, simbolicamente. Mas com esse Parlamento e com esse governo, mesmo que você tenha 10 milhões, isso não mudará nada. Com essas antifeministas no poder, o que se pode esperar? Uma coisa boa é que as feministas concluíram finalmente que não valia a pena haver esse debate somente entre elas, ou seja, algumas milhares de feministas militantes, e resolveram ir ao encontro das mulheres comuns. E isso na minha opinião é positivo nessa campanha.

**Carmen Rial:** Qual a influência das feministas americanas e francesas? Pode-se falar em estudos de gênero no Irã?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** A língua francesa não é muito falada no Irã, entre os iranianos de modo geral. No Irã, a partir dos anos 1950, o inglês substituiu o francês. Antes, o francês era a segunda língua. Hoje, os jovens, sobretudo, são anglofônos. Isso quer dizer que nas universidades, nas escolas, nas madrassas,<sup>58</sup> o inglês é ensinado. Isso quer dizer que o acesso à literatura anglófona por parte dessas feministas é muito mais fácil do que a literatura francófona. O que é publicado no Irã como literatura feminista é o que vem dos Estados Unidos. Um pouco também da Inglaterra, mas sobretudo dos Estados Unidos. E assim elas reproduzem os erros das americanas, por exemplo, retomando o que as estas chamam de "french feminism" e que, como você sabe, na França não é absolutamente considerado como feminismo. Mas, no Irã, se pensa que isso é o feminismo francês: Luce Irigaray, Hélène Cixous e Julia Kristeva. Porque no Irã se tem realmente uma importação do feminismo norte-americano. Elas procuram compreender a teoria americana, traduzem artigos de feministas americanas e publicam iranianas que estão nos Estados Unidos, que dialogam com essa literatura e que reproduzem o mesmo caminho. Uma das únicas francesas que, aliás, é cada vez mais traduzida no Irã é Elizabeth Badinter, pelas feministas laicas universalistas, que romperam com o Islã e que são contra os particularismos, que são muito pró-Occidente, que têm como referência principal o feminismo ocidental (e elas se enganam, pois não há o feminismo ocidental). E assim elas traduzem Badinter. Mas publicá-la não significa que a conheçam. Pois, se você perguntar a elas "o que diz Badinter?", você se dá conta de que elas não sabem.

**Carmen Rial:** Algum trabalho em particular de Badinter? No Brasil, seu livro sobre a maternidade teve grande sucesso.

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Não, no Irã é sobretudo sua crítica aos particularismos que é retomada. Nos departamentos predominam os Women's Studies. Não é Feminist Studies ou Gender Studies. Depende do período. Existem períodos em que as professoras podem ensinar textos de feministas mais radicais e outros períodos em que é preciso ter cuidado – e atualmente passamos por um período assim, de cuidados. Não há praticamente nada sobre a teoria *queer* – que eu saiba, ela não é conhecida no Irã. Estuda-se sobretudo a sociologia da família, ou seja, a mulher enquanto mãe e esposa.

**Carmen Rial:** E o movimento homossexual?

---

<sup>58</sup> NT: Escolas religiosas islâmicas.

**Azadeh Kian-Thiébaud:** O homossexualismo é proibido no Irã, não se pode dizer que se é homossexual ou lésbica. A lei prevê a pena capital.

**Carmen Rial:** Nesse caso, então, há igualdade?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** É, há igualdade. Mas é preciso levar em conta que no Irã, como aliás em outros países, as lésbicas são menos reprimidas, e mesmo não reprimidas. Porque são mais invisíveis e porque no Alcorão há um versete específico para os homens homossexuais e não há nada sobre as mulheres.

**Carmen Rial:** Porque "as mulheres não têm sexo"...

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Sim, como você diz. E assim elas não são reprimidas. Não temos casos de execução de lésbicas, e no início (do período pós-Revolução) temos casos de execuções de homens homossexuais, por causa de suas práticas sexuais. Eles conseguem viver, desde que não se mostrem socialmente, desde que permaneçam escondidos.

**Carmen Rial:** Há lugares de encontro, bares?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Sim, há parques e cafés da moda que são lugares de encontro de homossexuais e outros de lésbicas. E as pessoas sabem. Eles vêm se encontrar nesses lugares de *rendez-vous*. Existem também travestis, que não são aceitos, ao passo que os transgêneros são aceitos. Há operações legais, uma questão resolvida há alguns anos, pela simples razão que eles reconhecem, evidentemente, apenas dois gêneros, ligados evidentemente ao sexo, o masculino ou o feminino, e, como não se pode estar entre os dois, se deve ajudar alguém a ser um ou outro. É dentro dessa visão que a operação é admitida e se faz. Acontece mesmo que se casem depois da mudança do sexo.

**Carmen Rial:** E isso é socialmente aceito?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Não é, mas acabou entrando nos costumes, pois segundo a lei isso pode ser feito, as famílias concernentes passaram a aceitar, e agora é uma questão de tempo para que seja socialmente aceito. O que quero dizer é que entre as feministas não há conhecimento da teoria *queer*, nem reivindicações em favor da luta das lésbicas ou da luta dos homossexuais. Não se tem isso. Nenhuma revista, acadêmica ou não, nenhuma conferência pode falar desse tema. Ao passo que pode falar dos direitos das mulheres.

**Carmen Rial:** Há lésbicas nos grupos feministas?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Sim, mas elas não participam enquanto lésbicas, simplesmente como feministas. Elas militam junto com as outras. Elas não exprimem reivindicações específicas de lésbicas, pois seriam reprimidas em seguida. Mesmo as feministas que reivindicam direitos para as mulheres são cada vez mais reprimidas. Agora, imagine

se elas reivindicassem direitos para as lésbicas e para os homossexuais. É um regime muito repressivo, não se pode esquecer isso.

**Carmen Rial:** Há censura?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Sim, há sanções por todos os lados. Sobretudo depois de 2005, a situação se deteriorou muito. Existem livros que eram publicados antes e que tiveram suas reedições proibidas. Por exemplo, nós, no CNRS, publicamos nas revistas; no Irã não, e hoje eu acabei de saber que um artigo que escrevi não pode ser publicado porque eu falo de uma mulher que esteve presa.

**Carmen Rial:** Eles vão proibir todo o artigo ou apenas essa parte?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Só essa parte. Ou eu a retiro ou ele não será publicado. No Irã, todo livro, revista, jornal deve obter a autorização do Ministério do Guia Islâmico.<sup>59</sup> Portanto, eles lêem tudo. Existem hoje no Irã cerca de 10 mil títulos de livros que estão proibidos. Agora, imagine se você escreve sobre lésbicas ou homossexuais... Não apenas o livro não será publicado mas você também será presa como propagadora. Ou quando se encontra casos visíveis, se prende. Mas na realidade as lésbicas e os homossexuais existem e tentam levar uma vida normal.

Não começamos a traduzir. Não começamos a falar de *queer*. Nós estamos ainda reduzidas às preocupações que concernem às iranianas diretamente.

**Carmen Rial:** Quem são as outras teóricas feministas influentes? Joan Scott é conhecida?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Não, Joan Scott não é conhecida. Quer dizer, ela não foi traduzida. Mas talvez seja o caso de propor a tradução, enfrentando esse problema da censura. Eu tenho amigas que são feministas e que têm editoras, e que traduziam muito e publicavam muitos livros feministas, mas atualmente não o fazem por causa da censura. Quando você traduz um autor que é feminista, que coloca em questão a dominação masculina, que questiona a relação social entre os sexos,<sup>60</sup> ele não será publicado. Essa é também uma das razões principais. Além disso, o livro custa muito caro no Irã, e por isso não há um acesso fácil.

**Carmen Rial:** E a Internet? O Irã é um país muito informatizado.

---

<sup>59</sup> Ministère de la Guidance Islamique, em francês.

<sup>60</sup> "Relação social entre os sexos" aproxima-se, na França, ao que no Brasil definimos como "gênero". Sobre as categorias francesas, ver entrevista com Michelle Ferrand, publicada na *REF*, v. 13, n. 3, p. 677-689, 2005.

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Sim, relativamente. Mas comprar pela Internet é difícil no Irã. Para quem tem acesso é mais fácil, e é possível, mas, se já é caro na França e na Europa, imagine o preço que isso vai custar para um universitário iraniano... Seu salário não cobre. Ocasionalmente, recebo pedidos de envio de livros de colegas iranianas e os mando, mas elas não podem fazer isso de modo sistemático. O acesso das mulheres, sobretudo das feministas, a esses livros é muito restrito. Por exemplo, algumas feministas laicas há alguns anos tiveram a idéia de criar uma biblioteca para mulheres: criaram um centro cultural e pediram a quem pudesse que enviasse livros do estrangeiro ou que lhes ajudasse a comprá-los. Depois, elas foram acusadas de tentar organizar uma revolução dos livros, de introduzir a literatura subversiva ocidental. As ONGs no Irã não têm direito legal de receber verbas do estrangeiro. Existem projetos de bibliotecas feministas, mas que não são realizados por falta de verba.

**Carmen Rial:** Há censura no acesso à Internet? Os artigos de Judith Butler estão on-line...

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Sim, há censura, que não alcançará sites como o Amazon. Os artigos são acessíveis, mas é preciso conhecer Judith Butler para acessá-lo. Não digo que não existam acessos, mas são poucos. Falo de autores que lemos e que não são traduzidos, nem publicados, que não fazem parte das leituras nas universidades. Assim, os estudos femininos não acompanham o debate atual no Ocidente. O que é compreensível. Os estudos femininos têm uma história muito recente, e não são todos os departamentos que os apresentam. Ao contrário, eles existem em poucas universidades.

**Carmen Rial:** Estão ligados às Faculdades de Ciências Sociais?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Sim, às Faculdades de Ciências Sociais. São as professoras de Demografia, de História, de Sociologia, de Antropologia também, que ensinam nesses departamentos, mas o título obtido é o Doutorado em Estudos Femininos. Isso é que é interessante. Mas ao mesmo tempo isso começou há pouco. Eu, por exemplo, participei do conselho editorial *da* revista (da revista, pois é a única) de Women's Studies, na Universidade de Teerã, pois é lá que isso tem lugar, mas efetivamente a maior parte dos artigos são trabalhos de campo. É uma revista ligada à Universidade de Teerã e não se pode publicar ali idéias que incomodam. E ainda assim a responsável por essa publicação teve problemas e foi obrigada a pedir demissão. Estamos passando por um período muito difícil. Essas mulheres se desiludiram, perceberam que o *lobbying* junto ao governo não conseguiu nada, e paradoxalmente elas são cada vez mais ativas, elas são cada vez mais

reivindicativas, se arriscam mais, vão aos parques, às ruas, buscam outras mulheres. E, ao mesmo tempo, há muitas autoras, romancistas, escritoras e outras que continuam a escrever e que se dizem feministas. Existem muitas feministas que são escritoras.

**Carmen Rial:** Um feminismo através de metáforas.

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Exato. Hoje através de metáforas por causa da censura, mas antes houve um período, de 1988 a 2003, em que se podia escrever muitas coisas. Elas escrevem unicamente sobre as mulheres, os personagens principais são elas, com seus problemas e suas resistências. Não apenas os problemas, mas como lutam, como resistem, como colocam em questão as relações de poder. E há também diretoras de teatro, de cinema.

**Carmen Rial:** Você pode citar algumas?

**Azadeh Kian-Thiebaud:** Sim, posso citar, pois, num artigo que publiquei recentemente, falo das Organizações (sic) Governamentais, que se multiplicaram por dez nos últimos anos – havia 54 em 1995 e hoje elas são 600. Há Goli Taraqi e Shahrnoush Parsipour, que vivem hoje nos Estados Unidos, escreviam e publicavam já no final dos anos 1970 e continuam a escrever. Elas são muito populares, entre as mulheres. E Shahrnoush tem um livro que se chama *As mulheres sem os homens*, assim mesmo. Depois, temos uma geração mais jovem, há feministas, mas de diferentes tendências. Há Zoya Pirzad, que acaba de ser traduzida em francês, e é alguém que tem uma abordagem muito sutil nos seus romances e novelas. Ao passo que Fariba Vafi é uma feminista, laica, mais marcada. Qazaleh Alizadeh (que morreu em 1996), Monirou Ravanipour. Mahsa Moheb-ali, também, faz muitas denúncias, é mais direta e mais reivindicativa. Ela é bem mais jovem – justamente, a radicalidade depende da geração, mas também da abordagem.

**Carmen Rial:** Todas se reivindicam enquanto feministas?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Não, não todas. Mahsa Moheb-ali se diz feminista, Leili Farhadpour também. São feministas bastante conhecidas, mas as outras, bem, depende. Não necessariamente.

**Carmen Rial:** E hoje, para além das escritoras, há líderes?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Não. Não sei se você conhece um pouco o movimento de mulheres na Tunísia, no Egito, etc. Na Tunísia havia, por exemplo, Taher Haddad, que é considerado por muitos – não por mim, que rejeito a idéia de que um homem possa ser o "pai do feminismo". Mas muitos tunisianos e tunisianas se orgulham de Taher Haddad e o consideram assim, o que para mim é contraditório em termos. E também, no Egito, Qasim Amin, que também era um reformista, e é

considerado como "pai do feminismo" no Egito. No Irã, não houve pai. As feministas desde o início eram mulheres e o debate era entre elas – havia também homens que participavam desse debate, mas não havia um líder ou uma líder, não havia um pai do feminismo, o que faz com que hoje também não haja um ícone. No Egito, temos Huda Shaàrawi, que é uma mulher, e que é o ícone do feminismo egípcio, desde os anos 1920. No Irã não tivemos um ícone, havia muitas mulheres. Taj al-Saltaneh, que era uma princesa, era contra o véu, e o véu era um objeto de debate nos anos 1910. E hoje também o feminismo no Irã não tem um líder, e eu digo: graças a Deus, pois isso ajuda na autonomia e independência do movimento. Senão, ele poderia ser recuperado facilmente pelos partidos políticos, pois foi o caso em outros lugares.

**Carmen Rial:** E os homens participam hoje do movimento? Há apoio no Parlamento?

**Azadeh Kian-Thiébaut:** Sim, mas não no Parlamento. Hoje não temos nenhum apoio no Parlamento. Havia um ou dois homens no Parlamento precedente, reformistas, que efetivamente se implicavam freqüentemente e apoiavam as reivindicações feministas. Hoje há também. Por exemplo, quando essas feministas decidiram se manifestar nas ruas, alguns desses homens, entre os quais um ex-deputado e alguns estudantes, as apoiaram e foram presos por isso. Hoje, algumas dessas feministas tomaram como modelo Olympe de Gouges, a feminista francesa que nos anos da Revolução Francesa escreveu *A Carta dos Direitos da Mulher*, e elas estão redigindo a *Carta dos Direitos da Mulher no Irã* e sei que há alguns homens que estão participando da redação dessa carta. Sim, há homens, mas essa é uma adesão recente e eu desconfio muito. Pois o único movimento de resistência no Irã é o das mulheres, que faz um grande barulho, que se manifesta, que se conhece, etc. E eu me pergunto se não é um modo por parte desses homens, que são políticos, de instrumentalizar o movimento de mulheres para seus fins políticos. Eu particularmente sou contra a participação dos homens na redação dessa carta de direitos das mulheres, acho que não há sentido. Eles podem apoiar o movimento, mas não redigir em seu lugar, e mesmo com elas eu não sou favorável a essa idéia. Em todo caso, existem homens, para responder a sua questão.

**Carmen Rial:** As mulheres tiveram um papel importante no governo Mohammad Khatami, precedente...

**Azadeh Kian-Thiébaut:** Muito, e é isso o que digo. Elas apoiaram muito o presidente Mohammad Khatami, reformista, em 1997, votaram e foram muito ativas na eleição do Parlamento de 2000-2004, e se desiludiram, pois quase nada mudou. Khatami decepcionou as

militantes ao recusar nomear ministras no seu governo do qual fizeram parte apenas duas mulheres: Zahra Shoja'i, sua conselheira para assuntos de mulheres e presidente do Centro de Participação das Mulheres, e Ma'soumeh Ebtekar, vice-presidente e responsável pela proteção do meio ambiente. A partir daí, elas se deram conta de que não podiam contar com o governo, não podiam contar com o Parlamento, e a partir de então começaram a criar muitas ONGs, pensando que é através de um movimento de *grass roots*, através de um movimento social, que poderemos mudar as coisas. E não através de *lobbying*.

**Carmen Rial:** Simone de Beauvoir, ela é conhecida?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Sim, ela foi traduzida. A primeira revista feminista laica no Irã que obteve autorização de publicação em 1998 se chama *Jens-e Dovom* (O segundo sexo), dirigida por Nouchine Ahmadi-Khorasani. Contrariamente às revistas islâmicas, essa revista se volta resolutamente para as referências ocidentais, o que mostra sua importância. Alguém como Marguerite Duras teve sua obra totalmente traduzida em persa. Há feministas, autores que são traduzidos.

**Carmen Rial:** Michel Foucault?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Sim, mas não totalmente. Seus escritos sobre a Revolução Iraniana foram traduzidos imediatamente, pois ele apoiou a Revolução, mas não a *História da sexualidade*. Apenas as obras que não trazem problemas ao regime atual. E antes, muitos filósofos franceses, alemães, norte-americanos foram ao Irã e dialogaram com intelectuais iranianos. As mulheres, não. Pois o porte do véu é obrigatório no Irã e as feministas ocidentais se recusam a usarem o véu. Isso tem sido um grande obstáculo ao diálogo. Eu, por exemplo, recebi o pedido de feministas iranianas que queriam convidar intelectuais francesas, feministas francesas e americanas. E eu respondi que sentia muito, mas que elas não iriam, elas não aceitariam colocar o véu.

**Carmen Rial:** E o que você pensa disso? Isso não impede o diálogo?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Sim, evidentemente. O que as mulheres feministas buscam, elas que não podem vir ao estrangeiro, seria o diálogo, seria as ocidentais e os ocidentais irem lá. Não se pode vir aos milhares ao Ocidente, mas podemos convidar uma dezena. E seria o caso de elas, ocidentais, irem, aceitarem os poucos convites que se pode fazer. Seria o caso de se transpor essa barreira, pois as feministas iranianas também não querem o véu, mas são obrigadas a usá-lo. E assim, recusando-se a ir, finalmente estão negando a existência e a importância do trabalho que se faz lá. Eu, pessoalmente, gostaria que esse diálogo pudesse existir. Ao mesmo tempo, me dou conta das dificuldades, pois, por exemplo, nos Estados Unidos, quando uma líder

da comissão de direitos humanos da ONU precisava ir ao Irã para justamente discutir sobre os direitos humanos, que em si mesmo era um fato muito positivo, ela foi obrigada a usar um véu, um véu simbólico, é verdade, mas um véu. E ela foi duramente atacada pelas feministas ocidentais, que diziam: "Como você ousou ir ao Irã e portar um véu". Então, que feminista ocidental aceitará usar o véu? Ela será incluída no index pelas outras.

**Carmen Rial:** O que é uma tolice. Eu mesma já usei o véu, em alguns lugares mais tradicionais na Tunísia, por exemplo – era um modo de me tornar menos visível. E há muitos modos de usar o véu.

**Azadeh Kian-Thiébaud:** No Irã não é uma opção, e mesmo as estrangeiras são obrigadas a usá-lo.

**Carmen Rial:** Mas há muitos modos de usar o véu...

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Sim, claro. As jovens hoje portam uma bandana, quer dizer, algo muito simbólico. Mas para as feministas francesas... bem, sabemos o que pensam do véu, o que faz com que esse diálogo não seja estabelecido diretamente. Evidentemente que, quando há manifestações no Irã, quando há mobilizações, uma parte das feministas ocidentais apóia. Agora, por exemplo, nesse caso de lapidação de uma mulher, quando enviei abaixo-assinados, etc... bem, as feministas francesas e americanas apóiam facilmente. Apoios desse tipo são comuns. Badinter, por exemplo. Mas ir lá, não. Os homens, ao contrário, sim. Há muitos filósofos franceses, americanos, alemães que vão. Habermas esteve lá há alguns anos, e ficou muito impressionado com os iranianos. Richard Rorty, que morreu recentemente mas que era um dos principais filósofos norte-americanos, foi e escreveu sobre o Irã. Paul Ricoeur também foi. E todos ficaram impressionados, pois o Irã tem intelectuais atualizados com o debate atual. Os estudantes que lêem em inglês os conhecem. Habermas disse que não tinha idéia de ser tão conhecido assim lá, de que o tinham lido. E penso que as feministas francesas, inglesas e outras seriam agradavelmente surpreendidas de perceberem que são conhecidas, que são lidas, que há um debate, que os seus trabalhos – sobretudo das que escrevem em inglês – são traduzidos. Existem muitos livros em forma de enciclopédias de movimento feminista que foram traduzidos em persa, que são conhecidos. Por exemplo, Christine Delphy não foi traduzida, evidentemente, mas nessas enciclopédias sempre há um parágrafo sobre ela.

**Carmen Rial:** Michelle Perrot é conhecida?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Não. Quer dizer, pelas enciclopédias sim, mas não seus livros. Justamente, as mulheres que trabalham nesses

departamentos de Women's Studies são todas anglófonas, pois estudaram nos Estados Unidos, e há uma que estudou na Áustria.

**Carmen Rial:** São muitos os que ainda hoje vão estudar no estrangeiro?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Sim, são muitos esses estudantes que estudam no estrangeiro e que depois voltam, ou não voltam, depende. E existem alunas na França, como na Inglaterra, e em muitos lugares.

**Carmen Rial:** Com bolsa do governo?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Não, com seus próprios recursos. De qualquer modo, uma jovem não pode ir ao estrangeiro sozinha, ela precisa ser casada ou vir com a família. E ela não pode receber bolsa quando está sozinha. Os homens sim. Mas não se dão (sic) bolsas para quem não tiver contato com o poder. Eles são bem selecionados, os que têm bolsa são pró-regime.

**Carmen Rial:** Última questão: *Persépolis*,<sup>61</sup> a história em quadrinhos, e agora o filme, premiado em Cannes em 2007, teve uma enorme repercussão no Ocidente. Você acredita que haverá ecos no Irã dessa narrativa sobre a história recente iraniana através do olhar de uma menina?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Olhe, eu fiquei muito surpresa de saber que os iranianos não conheciam *Persépolis*. O livro é muito conhecido na França, nos Estados Unidos. Marjane Satrapi, a autora, não era conhecida no Irã, salvo por algumas pessoas. Ela é, sobretudo, conhecida na França, no Ocidente. Mas o governo iraniano protestou oficialmente contra a atribuição desse prêmio, e isso foi publicado nos jornais no Irã, e os iranianos que lêem jornais sabem que há um filme intitulado *Persépolis*, fundado sobre os quadrinhos de Marjane Satrapi. Agora, trata-se de uma história que concerne a uma juventude particular no país, não se pode esquecer isso. Não é uma história universal. É uma jovem, originada de uma família ocidentalizada, de um determinado meio, e não se pode generalizar. O filme será mostrado na França, então vamos ver qual será a repercussão. Pois o filme circula mais facilmente no Irã. Eu vi no Irã filmes americanos que ainda não tinham sido lançados na França, e que chegaram ao Irã em DVD, clandestinamente, pois eram proibidos. Eu imagino que *Persépolis* vai rapidamente entrar nesse circuito clandestino, as pessoas o verão e na próxima vez que eu for ao Irã vou perguntar suas opiniões e o que pensam do filme de

---

<sup>61</sup> NT: *Persépolis* foi considerada a melhor história em quadrinhos de 2004 pela Feira do Livro de Frankfurt. O primeiro volume da série foi lançado no Brasil (Companhia das Letras) em agosto de 2007.

Marjane Satrapi. Conheço pessoalmente Marjane Satrapi; ainda não vi o filme, penso que conta sua experiência, as infelicidades, o que aconteceu consigo. Mas a partir disso não se pode generalizar, pois o filme gira em torno do véu: o véu foi muito mal recebido por ela, assim como por mim e pelas jovens desse meio, que fazíamos parte da elite ocidentalizada. Quando deixei o Irã em 1980, o véu ainda não era obrigatório para todas as mulheres. Eu nunca tinha usado o véu, pois minha família de origem é laica, e meu pai era completamente contra o véu. Ele detestava o véu, minha mãe não usava nem ninguém de nossa proximidade. Assim, eu deixo o Irã sem véu e durante 14 anos fiquei no exílio. Em 1994 eu decidi, depois de ter terminado os estudos, voltar ao Irã para recomeçar meu trabalho de campo. Precisava obter um passaporte iraniano, e para isso era necessário tirar uma foto com véu. E eu não conseguia fazê-lo. Durante um mês – eu não exagero –, durante um mês eu tinha um véu na bolsa e passava em frente aos *photomaton*<sup>62</sup> e às lojas de fotografia, eu parava mas... não consegui colocar o véu, mesmo para uma foto. Meus pais, minha mãe me telefonavam e perguntavam: "Você já conseguiu o passaporte? O que estás esperando?" E eu disse: "Mamãe, eu não consigo, não consigo colocar o véu". E minha mãe me disse: "Mas o que você pensa? Só porque nós somos obrigadas a vestir o véu, isso quer dizer que somos mulheres submissas aqui? Venha ver você mesma, vai valer a pena". E foi por essa razão, ir para ver, que finalmente eu aceitei tirar a foto com o véu e usá-lo no Irã. Conto isso para dizer que eu sou contra o véu, contra o uso obrigatório do véu, Marjane Satrapi também o é, mas há muitas mulheres no Irã para quem, "graças" ao véu (e coloco isso entre aspas), mulheres de origem de famílias tradicionalistas que, "graças" ao véu, puderam ir às universidades e trabalharem, depois da Revolução. Quer dizer, para elas, o véu significou um instrumento de emancipação.

**Carmen Rial:** Permitiu o acesso ao espaço público.

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Sim, o acesso ao espaço público. Para nós, o véu significou que fomos excluídas, e Marjane Satrapi em *Persépolis* fala dessas mulheres. Eu fazia parte dessas mulheres, mas como socióloga consigo ver que nós éramos minoria, que a maioria das mulheres fazia parte dessas que puderam se emancipar, ir à universidade, ter acesso à universidade, ter acesso ao espaço público, porque o véu tornou-se obrigatório. É isso que as feministas no Ocidente precisam aceitar.

Paris, junho de 2007.

---

<sup>62</sup> NT: Máquinas de tirar fotografias.

## APÊNDICE A – TEXTO-ALVO COMPLETO

### **Women in Iran: Princesses, Suffragists, Writers, Seculars, Islamic, NGO activists: a feminist struggle – interview with Azadeh Kian-Thiébaud.**

#### **Carmen Rial**

Universidade Federal de Santa Catarina

I met Azadeh Kian-Thiébaud<sup>63</sup> through her colleague Jules Falquet in a meeting about a possible accord between UFSC<sup>64</sup> and CEDREF, which she is currently running. Being serious about the issues of IEG,<sup>65</sup> REF<sup>66</sup> and the PPGICH<sup>67</sup> area concentrated in Gender Studies, Azadeh accepted my invitation to talk about feminism in Iran, which I proposed at the end of this first meeting. A few days before, in a conversation that took place in a room of the auditorium of *rue de Tolbiac*, which was full of feminists from all kinds of currents, I had briefly talked about a more flexible viewpoint regarding the use of Islamic veil. This topic was supported by the debate in Paola Bacchetta's lecture, from Berkeley, in order of not letting her be an isolated voice in that room, because, despite all the differences, the aversion towards the use of veil at any circumstances and places has joined French feminists together for long time as well as French intellectuals. Azadeh knew which my position was, I did not know hers. The conversation took place in one of the CNRS laboratory of Ivry, her office, in a June afternoon of 2007.

**Carmen Rial:** Could you give us a general idea about the most memorable moments in the history of Feminist Movement in Iran?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** There were several waves in Iran. The first one, I suppose the most meaningful one, occurred in 1905/1906 while the constitutional revolution in Iran, which was the first country to have its own constitutional revolution, was going on. Women who were close

---

<sup>63</sup> Azadeh Kian-Thiébaud is Professor of Sociology and director of Centre d'Enseignement, de Documentación et des Recherches pour les Études Féministes (CEDREF) at the University of Paris VII-Diderot. She is co-director of Fédération Nationale de Recherche sur le Genre en France (Fédération RING), and a researcher in the laboratory of the Iranian and Indian worlds at the Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS).

<sup>64</sup> TN[MP]: Universidade Federal de Santa Catarina, located in the southern part of Brazil. The interview was in French and then was submitted to two translations; from French into Portuguese by Carmen Rial (CR) and from Portuguese into English by Monique Pfau (MP); Translator's notes are identified with the corresponding initials in square brackets.

<sup>65</sup> *Instituto de Estudos de Gênero* (Institute for Gender Studies) at UFSC.

<sup>66</sup> TN[MP]: REF is one of the most important academic feminist journals in Brazil, it is published by UFSC.

<sup>67</sup> *Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas* (Interdisciplinary Post-Graduation in Human Sciences) at UFSC.

to the constitutionalists, which means their sisters, or wives or relatives, joined together in secret associations and started fighting against the king's absolutism; they were pro-revolution and they also fought for their political rights. This means that, at the same time men were demanding their political rights, these women were demanding political rights for them too. In 1906, when the Parliament had a meeting, there were a lot of clerics who were elected and many of them were in favor of constitutional revolution and they believed Islam was not incompatible with democracy. However, when these women asked for political rights there were not many deputies who supported them, because the cleric deputies stated that political rights given to women were against Islam. These women surrounded and occupied the parliament in 1909 demanding political rights, but they were not well succeeded. Sadigeh Dowlatabedi was one of the first feminists. Thus, newspapers and magazines started to be published; they spoke in favor of the idea of women being educated and revolution starting at home, indoors. Two magazines were published, *Danesh* in 1908 and *Shekoufeh* in 1911. As they noticed they could not wait for the State to do something, they acted by themselves; they created schools for girls – there were school for girls, but these schools were created by Americans, French and English missionaries where most of the attendants were Christians. Muslim women from aristocratic families had private courses at home and women from ordinary people were illiterate. These feminists began making schools and translating different sorts of texts telling what a modern woman is; for example, giving notions of hygiene, saying that it would be possible to be a housewife, however, in order to be a good mother is required to be clean and educated.

There was a huge debate about the Islamic veil among those feminists since this time. There were some who were against and some who were in favor of it. I mean, they were not in favor of veil, but they said this was not the main issue and being a modern woman does not necessarily mean to renounce Islamic traditions, which means that they should not be forbidden to wear their veil. These feminists' main revindication carried on politic rights, which meant the right of voting and being elected. The right of having education had already been written in the 1906 Constitution. Theoretically, they had achieved this right; although, for financial reasons the State could not actually open school for girls. Anyway, the result was there. On the other hand, they did not achieve any political right and neither could they change the fact that the Civil Code was enrooted in the Islamic law. Equality could not be found

between women and men. However, such revindications kept on coming back to the political scenes, as in the 1940s, for example.

In February 1921, Shah's father takes the power over, a military commander called Reza Khan, who might be called modern but also anti-democratic. He sets up a State feminism which granted a very little part of feminist revindications, however, this feminism would go in accordance with a State politics. Therefore, this State feminism was carried out against women's independent activities. Thus, with Shah's father the independence of feminist movement was jeopardized, mainly from the 1930s on. He forbade the veil in 1936. As a result, a significant part of urban population, which had started to send their daughters to school; and they were also very religious, which meant they had sent their daughters with veil to school; from that moment on, these women refused to send them to school.

**Carmen Rial:** Was the veil forbidden only at schools or in all public places?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Everywhere, even in the streets... It was a very strict decision more draconian than in Turkey, even at that time. Veil was forbidden everywhere, even in the streets, there were police officers attacking women who were wearing veil and causing many religious families who had accepted to send their daughters to school to remove them from there. Logically, this kind of law ends up going against feminist revindications. On the other hand, eventually there were those who benefited from these new decisions but those from the upper classes.

Revindications from feminist movement come back from the 1940s, when the Shah's father who was a well-known dictator for being very repressive is forced to leave Iran by the Allies in the Second World War. From this time on, feminist movement gets a new life, a period in which women's cause was recovered by political parties, as it happened everywhere. After Shah's departure, many parties – from left and right wing, from center or nationalists – they reorganized themselves, and each of them created their women's section. Thus, once again the revindication for political rights returns; and at that time with a law project which is presented to the Parliament for the right of voting and being elected. However, it is not deferred by the deputies again because they think “that it is too early” and also that “women should not be given the right of voting”, and so on. Only in 1963 that Iran's Shah, Mohammad Reza Pahlavi, the same who will be removed in 1979 by Ayatollah Ruhollah Khomeini, grants the political right to women – as part of White Revolution in which his campaign is based on agrarian

reform and social and economical modernization in Iran -, but as he is another dictator who is in charge, voting does not make sense once the whole political system is closed and the electoral ritual is not interesting to the electors. Therefore, the right of voting reaches a moment that everything is obstructed in the political system. At the same time, Shah's sister had created her own women's organization which was also an organization that conveyed State feminism whereas it defended the idea that a woman should be "modern but modest".

**Carmen Rial:** How was this group called?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** It's Iran's Women Organization (Sazman-e zanan). It used to be an official and governmental organization created by princess Ashraf, Shah's twin sister and there were about 300 branches in different Iranian cities but it worked only with governmental activities. Even so, the Organization was able to present law projects to the Parliament and to propose some terms that aimed to improve the legal statute for Iranian women without questioning the State patriarchal and sexual nature. Then, from 1967 on the statutory law changes; up to that moment the civil code was enrooted in the Islamic law. Thus, from that time on, regarding a progressist vision but still following the Islamic concepts, some rights are granted to women.

**Carmen Rial:** And who were the leaders in this women's organization?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Princess Ashraf, Shah's twin sister. There were other women, as, for instance, lady Mahnaz Afkami, who was responsible for a women organization. The princess headed Iran's Women Organization, although Mahnaz Afkami was also one of the directors of it. After that, there were women senators and deputies and, some of them like Mehranguiz Dowlatshaho and Mehranguiz Manoucherian had a significant role in the 1960s' legislation, in its constitution and approval; it conquered a noticeable improvement in the legal statute for Iranian women during Shah's mandate. Even being "feminists of State", they tried to make improvements the Iranian women legal conditions, and they had an essential role in 1967 when the family protection law was promulgated.

**Carmen Rial:** Which rights were granted to women in 1967?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** This law was constituted by 23 articles and it limited the unilateral right to men to polygamy and divorce, to children's guard, it also guaranteed the women's right to work in some professions such as in the magistrate and in the army, which were reserved only to men until that moment; from that time on, women started to be accepted. Thus, this law grants more rights to women; however, all of this takes place in a state feminism framework which

stops women's autonomous and independent activities as a consequence. These decisions do not give a great enthusiasm to the feminine population, at least it is what I believe. From my view point, there was a social lack at that moment: most Iranian population was rural, most of its women was illiterate, most of them lived in rural areas, there was a delay regarding body control, there was a high rate of children per women; an average of seven kids. Even though, women were granted some rights, who really used them were the ones from urban areas, from upper classes. Most women did not use these rights and did not even know they had them. What I actually mean is that the social identities did not really exist at that time, even among those who were benefitted from these law changes. There were not specific revindications for women; which partly explains the reason why they joined the Islamic movement in the Revolution period, in 1979. There were several women who manifested in the streets and did not present specific revindication for themselves. They shared the general revindications and therefore some of them – not all of them – accepted to wear the Islamic veil, even not being Islamic, and a lot of them being lay.

**Carmen Rial:** Was the veil then wore as a political symbol, as a symbol of Revolution support?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** It surely was. It was a contesting symbol demonstrating against Shah and against the United States domain. But eventually the same veil becomes a very strong symbol of exclusion by its regime; and these lay women used to say after the Revolution: “We do not agree, we do not want to wear the veil, we do not want Islamic laws”. So, they were put aside, they were excluded.

What I have been trying to show here is that women's movement in Iran starts in 1905, but, at this first moment it was a movement from the upper classes, aristocratic sometimes; and after that, in the 1950s, it was followed by ups and downs.

Then, the coup d'état happened in 1953, a coup organized by CIA, against the democrat prime-minister Mohamed Mossadeq, the same man who, as a deputy in 1946, presented a law project requiring political rights to women which was denied by the Parliament. This coup d'état came also for the damage of women's right and only in the democratic period, the period of freedoms, feminists were able to join together again and restart their revindications for political, social and civil rights. Afterwards, from the 1960s on, once again they are marginalized and the state feminism, from Shah, takes place one more

time. Effectively, there are improvements; the legal statute is activated, although damaging independent activities.

**Carmen Rial:** Therefore, the second moment was the state feminism. Can we call the first moment something similar to the suffragist moment as in other parts of the world?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Definitely. I myself relate it with suffragism. Suffragists from the beginning of the 20th century used to meet in associations and also for a magazine, *Zabane Zanan* (women's language), from 1919. There were also other women's magazine in this period: *Alame nesvan* (women's universe); *Nameh-ve banavan* (women's letter), from 1921, and *Peyk-e As'adat-e nesvan* (Women's happiness massager), from 1928. Among women known as the head of feminism I can mention Sadigeh Dowlatabi who was one of the first feminists to revindicate political rights to women, in the 1910s, 1920s. Also, Shahnaz Azad who was against the veil in the 1920s and 1930s, and she was nearly arrested. There was a princess, Tajo l-Salteneh, from the previous dynasty, about the 1910s, who was against the veil as well.

**Carmen Rial:** And what has been happening nowadays, after the Revolution?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** It has been asserted that, paradoxically after the Revolution there is an antifeminist regime which imposes the veil and the Islamic law, which is against women, imposes *sharia*. However, at the same time there are politics of modernization that has been applied and has been causing current improvements in the rural areas. Among Iranian women, 80% are literate; the rate of children per women has decreased, before the Revolution it was seven and now it has decreased for two; most academic students are women and it has been increasing the rate of women working out– they have to because of the hard economical situation in the country. Student and non-student women need to work out; but most of their jobs are in the informal sector. Anyway, they have an income and the way they spend this money guarantees more independence in relation to their husbands; they also get more authority in the inner of their families.

In this sense, I believe the most noticeable change, comparing to different feminist movements that had taken place before the Revolution, in which the main agents had been lay women and those from the upper class apart from few exceptions; after the Revolution the main agents were then the Islamic women; the same ones who had sometimes revindicated to *sharia* application, who had worn long black veils, the *chador*, who had joined Khomeini's Islamic movement and then, after the Revolution, they gradually have finally understood that

the situation is harmful to all women. So, after the Revolution and mainly after the war against Iraq (which started one year after the Revolution lasting eight years and they were very active in it by supporting the government), they noticed that women's situation was getting extremely damaged in many areas; the social and the legal sector, among other ones, and therefore specific revindications were necessary to women. They gradually started to question this interpretation of the Quran; a very masculine interpretation, I would say, especially after the 1990s. As they were from religious families, several of them educated in a religious way; they started to revindicate for women's rights through a reinterpretation of the Quran and the Islamic tradition, they said that "according to Quran, women and men are equals", and from this moment on, they have named themselves "Islamic feminists"; they believe that Islam does not present any kind of incompatibility with feminism, from a view point of equal rights, obviously. From that time on they have been fighting for that. They have women's magazines and journals and they are usually from a very high quality.

**Carmen Rial:** Could you list some of them?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Yes, *Zanan*, for example, which in Persian means "women" comes up in 1992 and from its very first editions a series of articles showing the Quran does not forbid women writing religious edicts was published, that they can thus take religious, juridical, and political directions in their society. There was also a more academic magazine called *Farsaneh* that means "Wise woman" and presents an equalitarian interpretation of the Quran; it published Iranian women's article in the Diaspora and it is directed mainly to educated women, students and the like students. There are many of them; *Zan-e Rouz* (Today's woman), which is directed to less educated and non-feminist women, even though it can be noticed that it is seeking for an improvement in women's situations through a reinterpretation of the Islamic law. On account of that, from the 1980s, these feminists become very active and by their raised questions, mullahs, who are the "religious men with turbans"; they find themselves forced to publish a magazine aiming to clarify their doubts. In this sense, from 1993, the Religious School in Iran, something that can be compared with the Vatican in Iran, have been publishing a magazine called *Payam-e Hajar* (The women's message), which is exclusively directed to men. Differently than the other feminist magazines that I have already mentioned which were founded and directed by women, this one is published by men and there the ayatollahs try to find solutions to

questions raised by women. For example, there are women (they are religious; its public is compounded by very traditional and religious families) who write asking questions and, at the same time, describing difficult situations they have been through for being women. This magazine has refuted polygamy legalization through a new interpretation from the verse *Al Nesa* (the Women). They started to reorganize themselves, and I myself consider that a rare and very interesting experience regarding this relation with other Islamic countries whereas Islamic feminists ask to lay women, who have been marginalized; to work with them because, even being and having different points of view, they think they can work together. This is the perspective of *Zanan* magazine's director, for instance. Thus, secular or Islamic women started, from the 1990s, to realize that, despite their different points of view; they share the same problem as women: they are oppressed; so, it is possible to be cooperative among themselves. Of course, Islamic women have been using the lay women's experience a lot, because lay women were the ones who had this collective memory of feminist movement and the Islamic one did not know this movement before. All of them, independent of being lay or Islamic, more and more have been referring to this collective memory each time, the existence of a feminist movement which is a hundred years in Iran and the current question is why after a hundred years we have not developed yet.

**Carmen Rial:** How would you describe the current moment of feminist movement in Iran?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** From the second half of the 1990s, NGOs are created (in Iran, as all over the world, NGOs are created, NGOs of women, lay people, independent of political parties because by law political parties need to be Islamic in Iran). Feminist movement, I mean, feminist movements (we need to say it in the plural form) have worked in the NGOs framework. In the current circumstances, NGOs in Iran are leaded to work with women and for women; they have been spreading out – NGOs of lay feminist women and also of Islamic feminist women. It is interesting to notice that this moment of NGOs foundation for the feminist movement has caused an approach among young girls; several students became feminists because of these Non-Governmental Organizations.

**Carmen Rial:** Are these NGOs focused on what kind of social work?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** The first environmentalist NGO was created by women and it is efficient regarding its imposed set of limits. It motivates students to demonstrate in support of lessening cars in the streets, against pollution and so on. However, there are also NGOs that

work for women, for poor women, for example, as granting them microcredit, etc. There are other NGOs which help those who have legal difficulties. Others which try to change Islamic laws, but through women's mobilization. So, there are several of this kind of NGOs, they have started some kind of job and, above all, they have started to be on the side of women. In Iran, as in other parts of the world, feminist movement keeps among middle classes. They recently have realized that, in order to be efficient, in order to have things changed, they need to go towards women from other social classes too. In 2006 they started a campaign which is called "One million signatures", with it they mean to change prejudicial laws; they have been to different cities to collect signatures – not in the rural area yet (2007) – where they have discussed with non-feminist women who are not satisfied with their condition, explaining and trying to make them sign this petition. There are other kinds of campaigns, like the one against any kind of violence against women, another against segregation, or the one that recruits new militants, etc.

This is the new trend of feminism in Iran, the moment of NGOs which attracts much younger feminists, women who were born after the Revolution because the Revolution has had already 20 years. These young girls are students and they are less attracted by the movement, however, they logically join other women who have been joining the movement longer and then they can start to question sexual and gender relations.

Although, this is clearly a heterosexual movement. There is also a homosexual movement in Iran.

**Carmen Rial:** We have then the first moment, which is the suffragist one; the second that we can call State feminism; and this third moment that is the NGOs one. Was the right of universal suffrage kept by the Revolution?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Yes, women who were granted political rights in 1963 did not lose it in the Revolution. They vote and they are voted. There are few women, though: only 5% are women in the Parliament. But they are always there. Their political right was not questioned. On the contrary the civil right was questioned; the Islamic law grants much more rights to men than women. And this is the private scope that nowadays feminists are centered, as for example, campaigning for a million signatures. Women, for instance, have the right of getting divorced; however, it is extremely difficult for a woman to get the divorce herself.

**Carmen Rial:** How about repudiation right? The Quran does not predict anything about a married woman who stated three times that she no longer wants to keep her marriage in front of an eye-witness as a divorce, does it?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** No, not at all. All kinds of divorce are judicial in Iran, there is no such thing as repudiation. You can find repudiation in Argelia, for example. Even though, women do not have this right, only men. Not even among Shiites or Sunnites women have the right of repudiation. Men have this right in some places, not in Iran, though, where all divorces are judicial. Therefore, it is necessary to go to the court and be in front of a judge. In Iran, for a man, he can go to the court and simply say that he wants to get divorced from his wife, with no special reason and this is perfectly accepted because, according to the civil code, there is a unilateral right for men. On the other hand, for women, there is the right of getting divorced, but under certain conditions. For example, if the husband smacks the wife; if there is any kind of bad treatment; if he is sick with a mortal disease; if he is sexually impotent; if he has been in jail for five years; and if he has been absent from home for four years. Under such conditions, a woman may try to get divorced; anyway, it is very difficult. Even if she is a victim from her husband's violence, she needs to go to a medical legal doctor; she needs to have eye-witnesses and, even like that, she might not get her divorce. This is an important revindication from the feminists.

**Carmen Rial:** Does this work for lay feminists as well as for Islamic ones?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Yes. For both of them. And "Islamic" between inverted comas, because they are much more feminist than Islamic, in my opinion. Why do I distinguish them in lay and Islamic? The ones I call Islamic are those women who still find references in the Quran and believe that it is still possible to have its traditions reinterpreted. Lay women are those who are held in international conventions; in human rights and do not make reference to Islam. As Iran is signatory of many conventions, they think they must be respected, and, according to these conventions, men and women are equals. As they work together a lot, they influence each other reciprocally. It is not possible to say that someone is entirely lay or entirely Islamic.

**Carmen Rial:** Are there social origins and cultural capital differences, though?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Yes, regarding social origins are from inferior classes and usually a lot less educated. This because at Shah's age, even not having veil forbidden, they did not wear them – I myself, for instance, would go to the university at Shah's age and barely could see women wearing the veil. It was not forbidden but they did not wear it. Extremely religious families did not put their daughters in lay Gymnasiums but in religious ones. However, in public organs they could not wear the veil. In this sense, women who came from traditional families were actually underprivileged and did not have the same level of education that women from lay and less traditional families had. Thus, in the beginning there was a huge difference regarding social class, educational level and others. Despite of the current days, in which these differences no longer exist; after the Revolution several of these women started to attend universities. Afterwards, lay women were put aside at work and at the university being replaced by Islamic women. Therefore, Islamic women have guaranteed their social mobility and progress in a way that they are literate, they have jobs and nowadays you cannot talk about important differences anymore, neither in terms of cultural capital nor in terms of social capital.

**Carmen Rial:** What are the other main issues regarding feminism in Iran? Is abortion among them?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Abortion is a serious problem. First of all, I must say that contraceptive pills are freely distributed in Iran and abortion is legal for a married woman, as long as her husband allows her and also a doctor prescribes that her pregnancy is a risky one. Anyway, this is just a formality; if her husband agrees, a married woman can easily get an abortion. On the contrary, abortion for a single woman is forbidden, although, it is done clandestinely. Even the parliament has discussed about this issue and has improved the law a little; they said that it was necessary to ease abortion for married women. Abortion, however, is religiously forbidden. It exists, they know but it is not legal. Although for young single women, it is not part of feminist priorities in Iran at the moment. Their priority is the civil and the penal code, because the last one, the Islamic penal code, the blood price (*diyeh*), which means that a woman's life is worth only half of a man's life. For many years feminists have been fighting against this law, in order to achieve the right of having the same value for women's lives. Also, regarding the civil code, they have been fighting equality of rights in the marriage, between man and woman, and the raise of minimum age for a girl to get married. Before the Revolution, the minimum age was 18 and after it was reduced for 9 years old – a nine

year-old girl could be married! After many protests, they raised this minimum age for 13 years old. There are so many noticeable contradictions between Islamic current law and reality in Iran. The average of a girl getting married in Iran is around 23 years old. The question then is, why 13 years old?

**Carmen Rial:** Even in rural areas...

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Even in rural areas. It depends on the rural area, of course, but the national average in rural areas is 19 or 20 years old. In the cities they get married much later. Also, the celibacy rate has increased a lot in Iran. They do not get married. It has been happening less and less often. The reasons can vary, they are sometimes for economical reasons or because they have been achieving higher educational levels or even because they do not find an ideal husband. I myself belong to a group which militates against female genital mutilation. There is the law in fact; unfaithful women can be mutilated and not long ago we have had one case of female genital mutilation.

**Carmen Rial:** Are female genital mutilations rare?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** They are rare, but they do happen. We have been asking it to be removed from the law. It is said that it has not been happening since 2003, however, we have known through a net of lawyers in Iran that these mutilations happen in the country and we have applied for its extinction in the law.

**Carmen Rial:** As far as I understand, feminists' current revindications are for establishing actual social practices in the legislation, am I right?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Exactly, that is it. In a country where most students are women, where women are found everywhere as lawyers, physicians, judges (as Charin Ebadi, who got the Nobel prize for peace, was one of the first women judge in Iran) it is no longer possible to sentence that a woman's life is worth half of a man's life. This does not make sense.

**Carmen Rial:** How about female judges, do they also apply this law?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Yes. In Islam, for example, each part of the body has a determined value. If there is a car accident, if a man is knocked down and gets his leg injured, his leg is worth twice as a woman's leg would be if she was knocked down. This law is applied every time there is an accident, that someone is killed, in a daily life. Therefore, this is a very important revindication. As you have said, they are not revolutionary revindications which are directly related to power relation issues. At the moment, we have been through a liberal feminist framework. It is all about searching for equal rights. We are not in a moment of a visibly declared feminist movement framework by now, I

mean, nothing that can be clearly seen in public, which contests power relations. Although, it has been noticed that these feminists, specially the younger ones, have gradually become more and more radical. In the beginning they had hopes of having relations with the government by lobbying, but as they got very disappointed they have been going through street demonstrations and, through civil disobedience they mean to make things change. However, I do not particularly think this is the most efficient way because fear should not be incited.

**Carmen Rial:** In Ayatollahs?

**Azadeh Kian-Thiébaut:** No, not in ayatollahs; in other women. Other women are still not ready to affront straight away with the power. Nevertheless, according to my researches I have done in Iran, all women have wanted to change their life conditions for the last 15 years, even those from the rural areas, but they do not feel capable enough to confront the authorities.

**Carmen Rial:** How are the feminist relations constructions in the Muslim universe, then?

**Azadeh Kian-Thiébaut:** Paradoxally, there is no much relation with other women in the region. Iranian feminists seek for a debate with the Western world. There are a lot of translated articles from French and American feminists in the journals. Issues that are interesting for Iranian feminists are the same that cross over feminist debates in West. Contradictory, there is a little relation with women in the region, with Pakistanis, Arabs and Turks, for example.

**Carmen Rial:** Therefore, most feminists organize themselves around journals and NGOs. What are the polemic issues that split these different groups?

**Azadeh Kian-Thiébaut:** Tactic issues. Regarding this aspect they are a lot divided. For example, part of feminists, the ones who are organized around the journals *Zanan*, *Farzaneh*, *Payam-e Hajar* and *Zan-e Rouz* are against the confront and they say that 'the gradual work that has been done for the last 15 years must keep going', and 'street demonstrations should not be done' as 'the demonstration costs are very high'.

**Carmen Rial:** Are demonstrations forbidden?

**Azadeh Kian-Thiébaut:** By law, demonstrations are not forbidden. Although, when a demonstration takes place, the police come and hit the demonstrators. Nowadays, there are even police women who are sent every time there is women's demonstration and they hit them even stronger than men do. This is quite interesting. The situation has also worsened because until 2004 the Islamic Parliamentarian women were

feminists, they searched for law and situation improvements but the new Parliament is very traditional and out of 13 female deputies there are 11 who are antifeminist. The very first thing they did when elected was to support Iran in not signing the convention against any kind of segregation against women. They say that women do not wear the veil properly and they must be repressed because of that and there is one of them who even said that polygamy is a good thing. Those, who I name antifeminists, are now in the power, in the government, in the Parliament and feminist movement in Iran passes through a very hard moment because before 2004 it was supported somehow in the Parliament by the reformists, but nowadays they do not have any kind of support. It is a really hard moment. They are repressed every time they try to demonstrate or revindicate.

Regarding whatever split them up; tactic is one of the reasons. However, in other issues as, for instance, one million signature campaign, there is no division at all; they do work together, Islamic and lay women. Or even campaigning against violence against women, there is no clear distinction. We can say that Islamic women think about Islam and regarding it, it is possible to achieve equality. On the other hand, lay women think that such a thing is impossible and therefore they should leave this religious framework. There is the point where they get divided. Despite of not having true equality in Iran, such division has not become a barrier between their common works, which means they can work together.

**Carmen Rial:** Why only a million signatures? For Iranian population this number is very small, right?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Iran has 70 million inhabitants. One million is to open up some space. Having one million women's signatures they will consider symbolically a good number. But even if you have 10 million signatures under this Parliament and government nothing will be changed. Having these antifeminists in the power there is nothing to hope for. A good thing, though, is that feminists have finally come to a decision that this debate is not completely useful if they keep it among themselves, which means only some thousand of active feminists. So, they have decided to widen it up to common women. In my opinion, this is a positive point in this campaign.

**Carmen Rial:** What influences Americans and French feminists have upon it? Is it possible to speak about Gender Studies in Iran?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** French is not considerably spoken among the Iranians as used to be. English replaced French from the 1950s. Before French had been the second language. Nowadays English tends to be

spoken among the youth. This means that English is taught at the universities, schools and madrassas<sup>68</sup>. It also means that English spoken feminist literature is much more accessible than French spoken feminist literature. Everything published as feminist literature in Iran comes from the USA. There is also a little bit from England, but mainly from the USA. They, like the Americans, reproduce the use of the term 'French Feminism', a term which is not taken as feminism in France at all. However, that is what is taught about Feminism in France: Luce Irigaray, Hélène Cixous e Julia Kristeva. In fact, feminism is imported from North America; they study American theory, they translate articles from American feminists and publish articles from Iranian feminists who are in the USA. They interact with this literature and they produce their work along the same path. Elizabeth Badinter is one of the only French who is more and more translated in Iran; she is translated by the lay Universalists who broke up with Islam and they are against particularisms, they are strongly pro-West as they have as main referential western feminism (which is a mistake; in fact, there is not any western feminism). So, they translate Badinter. Even though she is published, it does not mean she is known. If you ask them about Badinter you will learn they actually do not know her.

**Carmen Rial:** Could you mention any particular work from Badinter? Her book about maternity has been very successful in Brazil.

**Azadeh Kian-Thiébaud:** No, above all, her criticisms about particularism are retaken in Iran. Women's Studies are predominant in the departments, not Feminist or Gender Studies. It all depends on the period. There are some moments that the teachers are allowed to teach out of feminist texts which are more radical and there are other moments when they need to be more careful about it – currently we have been through a moment we have to be more careful. Basically, there is nothing regarding 'queer' theory – as far as I am concerned, it is not known in Iran. The studies are mainly about family sociology, I mean, a woman performing as a mother and a wife.

**Carmen Rial:** How about the homosexual movement?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Homosexuality is forbidden in Iran, nobody is allowed to say that they are homosexual or lesbian. The law sentences capital punishment.

**Carmen Rial:** So, is there equality in this sense?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Yes, there is equality. However, it is necessary to remember that in Iran as other countries lesbians are less

---

<sup>68</sup> TN[CR]: Islamic religious schools.

repressed or even not repressed at all. This is all because they are more invisible and also because there is a specific verse in the Quran about homosexual men and nothing about homosexual women.

**Carmen Rial:** Because 'women do not have sex'...

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Yes, as you have said. Thus, they are not repressed. We do not have any case of lesbians' execution, and in the beginning of the post-Revolution period we do have some cases of homosexual men's execution, because of their sexual practices. They can live as long as they keep them hidden.

**Carmen Rial:** Are there meeting places like bars?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Yes, there are trendy parks and cafes which are *rendez-vous* for homosexuals and other ones for lesbians. People know about it. They meet at these venues. There are also transvestites who are not accepted as the same time as transgenders are. There are legal surgeries; this is an issue which was solved out some years ago for the simple reason that it is logically recognized only two genders which are linked with sex; male or female. As being between both of them is not possible; they must help people to be in one of them. From this viewpoint the surgery is legal and it is done. It is also possible to get married after changing sex.

**Carmen Rial:** Is this socially accepted?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** No, but this started to be part of the costumes, because according to the law this may be done, so families that are concerned started to accept it and now it is a matter of time to be socially accepted. What I mean is that, among feminists there is neither the knowledge about 'queer' theory nor revindications regarding lesbians or homosexuals' fight. There is no such thing. There is no magazines about this subject, whatever academic or not; conferences are not allowed to talk about it whilst women's rights can be talked about.

**Carmen Rial:** Are there lesbians in the feminist groups?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Yes, but they do not join them as lesbians, only as feminists. They militate with the other feminists. They do not express specific revindications for lesbians; otherwise they would be immediately repressed. Even feminists who revindicate for women's rights have been more and more repressed. Can you imagine if they reclaimed lesbians or homosexuals' rights? We always have to keep in mind that it is under a very repressive regime.

**Carmen Rial:** Is there censorship?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Yes, there are rules regarding it everywhere; especially after 2005 when the situation got much worse. Some books

which used to be published had their re-editions forbidden. Several women's magazines, feminist websites and women NGOs were closed down and activists were arrested and imprisoned.

**Carmen Rial:** Do publications need authorization?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Yes. Every book, journal, magazine or newspaper need to be authorized by Ministry of Islamic Guide<sup>69</sup> in Iran. This means they read everything. There are about 10,000 forbidden titles nowadays in Iran. So, imagine if you write about lesbianism or homosexuality. Not only will the book not be published as you will be arrested as a propagator. Even when a homosexual citizen is visibly noticed, they are arrested. But, there are in fact lesbians and homosexuals and they do try to have a normal life.

We have not started translating; we have not started talking about queer theory. We have still been reduced to concerns that straightforwardly affect Iranian women.

**Carmen Rial:** Could you mention other influential feminist scholars? Is Joan Scott well-known?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** No, Joan Scott is not known. Perhaps is a matter of proposing a translation, facing the censorship problem. I have got some friends who are feminists and have got publishers, they used to translate and publish several feminist books; they do not do it anymore because of censorship, though. When a feminist author who questions men domination and the social relationship between both sexes<sup>70</sup> is translated, the book will not be published. This is one of the main reasons. Furthermore books are very expensive in Iran, that is why there is not an easy access to it.

**Carmen Rial:** How about Internet? Iran is a very computerized country.

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Yes, it is quite computerized, even though it is hard to purchase through Internet in Iran. For those who can access it is easier, but if it is already expensive in France and Europe, imagine the cost of this for an Iranian universitarian... Their wages do not reach it so far. Occasionally Iranians colleagues ask me books and I send them but this cannot be done systematically. This access is very restricting for women, especially for feminists. Lay feminists, for instance, had had the idea of opening a library for women some years ago, they had created a cultural center and had required some books to be sent from

---

<sup>69</sup> TN[MP]: The term was translated from French *Ministère de la Guidance Islamique* as the interview was originally done in French.

<sup>70</sup> "Social relationship between sexes" is nearly the meaning of the defined term "gender".

other countries for people who were able to do it and also their help to buy them. Afterwards, they were accused of trying to organize a book revolution, of introducing a subversive western literature. NGOs in Iran have no legal rights to receive budget from abroad. Although there are feminist libraries projects, they are not done for a lack of budget.

**Carmen Rial:** Is there censorship regarding Internet access? Judith Butler's articles are on-line...

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Yes, there is censorship on the Internet that will not reach sites as Amazon, for example. These articles are accessible but you need to know Judith Butler in order to access them. I cannot say they are not accessed; they are, but only a little. I talk about authors we read and they are neither translated nor published, which means they are not part of the reading required at the universities. Thus, Feminine Studies do not keep up with the current Western debate, which is absolutely understandable. The history of Feminine Studies is very recent and not all university departments present them. On the contrary, they only exist in few universities.

**Carmen Rial:** Are they linked to Social Sciences centers?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Yes, they are linked to Social Sciences centers. They are Demography, History, Sociology and Anthropology professors that also teach at these departments but the interesting thing is that they achieve the title of PhD in Feminine Studies. However this has not started for a long time. I have joined the editorial counseling of *the Women's Studies* magazine ("the" because it is the only one) of Tehran University, for example, because there is where you can find space for such a work even though most articles are field work. This magazine is linked to Teheran University and it is not possible to publish disturbing ideas there at all. Although, the woman responsible for this publication had some problems and was forced to resign. We are going through a very difficult period. Those women were let down, they have noticed that the lobby paired to the government have not conquered anything and as a paradox those women are more and more active, they are claiming more, taking more risks, they demonstrate in the parks, on the streets and they seek for other women. At the same time there are several female authors, novelists, writers who keep writing and call themselves feminists. A lot of feminists are writers.

**Carmen Rial:** Feminism through metaphors.

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Exactly. Nowadays, because of censorship, feminism is through metaphors, although from 1997 to 2003 there was a period in which they could write a lot. Currently, they only write about women, they are the main characters with their own problems and their

own resistance. It is not only about the problems, but also how they fight, how they resist and how they classify the power relations. There are also female theatre and film directors.

**Carmen Rial:** Could you mention some of them?

**Azadeh Kian-Thiebaut:** Yes, I can mention because in a recent article I published, I talk about the amount of Governmental Organizations that has increased ten times in the last few years – there were 54 in 1995 and today they are 600. There are Goli Taraqi and Shahrnoush Parsipour, who live in the USA nowadays, they have been writing and publishing since the end of the 1970s and today they are still doing it. Among women they are very popular. Also, Shahrnoush wrote a book entitled *Women without Men*. Right after, there is a younger generation of feminists, but from different tendencies. Zoya Pirzad who has recently been translated into French; she is someone with a very subtle approach in her novels. On the other hand there is Fariba Vafi; lay feminist but well marked. Qazaleh Alizadeh (who died in 1996), Shahrnoush and Monirou Ravanipour. Mahsa Moheb-ali has also done several disclosures; she is more objective and more demanding. She is far younger too – radicalism does not depend on the generation but the way it is approached too.

**Carmen Rial:** Do they all revindicate as feminists?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** No, not all of them. Mahsa Moheb-ali calls herself a feminist, so does Lili Farhadpour (she was arrested and imprisoned following the contested June 2009 presidential elections). They are well-known feminists but not necessarily the others. It depends.

**Carmen Rial:** Can we find leaders beyond the writers nowadays?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** No. I am not sure if you are aware about women's movement in Tunisia or in the Egypt. There was in Tunisia, for example, a man called Taher Haddad, who is considered the 'father of feminism' by many people – not me, though. I do reject the idea of a man being one. However, several Tunisians, women and men, are proud of Taher Haddad and do consider him the father of feminism, which is somehow contradictory for me. In Egypt too, Qasin Amin who was also a reformist is known as a 'father of feminism' as well. There was no 'father' in Iran, though. From the beginning, Iranian feminist were women and the debate was among themselves – there was also some men who joined the debate, but there was no leader, no father of feminism and as a result, nowadays there is no icon of it in Iran. There is Huda Shaarawi in Egypt, she is a woman and has been an icon of Egyptian feminism since the 1920s. But not in Iran, there were always

too many women. Taj al-Saltaneh was a princess, she was against the veil and veil was an issue of discussion in the 1910s. Even today, there is no leader for feminism in Iran and I must say: thanks God, because this helps to keep the movement autonomy and independence. Otherwise, it could easily be taken by political parties, because it has happened in other places.

**Carmen Rial:** Do men join the movement nowadays? Is there support about it in the Parliament?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** There are men joining it, actually. Not in the Parliament, though. There were one or two men in the previous Parliament who were reformists and used to effectively claim for feminists by supporting their revindications. Nowadays, apart from Parliament there are some men, too. For example, when some feminists decided to demonstrate in the streets, some of these men, like an ex-deputy and some students, supported them and for this reason they were arrested.

Nowadays, some feminists have taken Olympe de Gouges' as a representative feminist from France who wrote the *Letter on Women's Rights* during the French Revolution and they are writing the *Letter on Women's Rights in Iran*) and some men are joining its production. Yes, there are some men and this is a very recent situation, which I myself do suspect. It is because the only resistance movement in Iran is the feminist one, it shakes a lot the country through demonstrations and it is well known. I ask myself whether these men, considering them as politicians, are not finding a way of taking advantage of it for political reasons. I am particularly against men joining this writing for women's rights, I think it does not make sense at all. They definitely can join the movement, but not write for it, and even being with these women; I am not in favor of this idea. However, there are some men to answer your question.

**Carmen Rial:** Women had an important role in the previous government of Mohammad Khatami.

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Definitely. That is what I mean. They supported a lot the reformist president Mohammad Khatami; in 1997 they voted for him and were also very active in the Parliament elections from 2000 to 2004. Anyway, they got disappointed because nearly nothing had changed. Khatami let them down by refusing to name more than two female ministries in his government; the first one, Zahra Shoja'i, his counselor for women's issues and president of Women's Participation Center; the second, Ma'soumeh Ebtekar, vice-president and also the responsible for environment protection. From that point on,

they realized they could not count on the Parliament and then they started creating several NGOs thinking that it must be through a ‘grass root’ movement, I mean, a social movement, that something may be changed; not from the lobby, though.

**Carmen Rial:** How about Simone de Beauvoir, is she known in Iran?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Yes, she has been translated. The first lay feminist journal in Iran that achieved its authorization for publishing it in 1998 is called *Jens-e Dovom*, which in English means ‘The Second Sex’ directed by Nouchine Ahmadi-Khorasani. Unlike Islamic journals, this one turns its attention purposefully towards to Western references, and this can show its importance. Someone as Marguerita Duras had her work entirely translated into Persian.

**Carmen Rial:** How about Michel Foucault?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Yes but not entirely. His writings regarding the Revolution were immediately translated because he had supported it, although *History of Sexuality* has not been translated. Only the titles that are not considered a problem by the current regime. Beforehand, several French, German and North-American philosophers dialogued with Iranian intellectuals in Iran. Women did not, though. Because wearing veil is mandatory in Iran and Western feminists refuse to wear it. This has been such a great barrier to dialogue. I have received, for instance, a request from Iranian feminists who wanted to invite French intellectuals and American and French feminists. I said that I was very sorry but they probably would not go, they would not accept such demand as wearing a veil.

**Carmen Rial:** What do you think of that? This impedes the dialogue, right?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Yes, of course. Feminist women seek for the dialogue and, as they cannot be abroad, it would only happen if the Westerns went to Iran. Thousands of people coming to West would not be possible, however, dozens of Western people can be invited to go to Iran; and they should gradually accept the few invitations that are allowed in Iran. This barrier should be transposed because Iranian feminists neither want the veil but are forced to wear it. Refusing to go, Westerns are eventually denying the existence and the importance of the whole work done there. I would particularly like if this dialogue could happen even though I am aware of its difficulty because, for instance, when a leader of The UN commission on Human rights needed to go to Iran to talk about human rights, which was a very positive fact, she was obliged to wear a veil, a very symbolic veil, I must say, but a veil, anyway. She was severely criticized from Western feminists who

demanding how she had dared to go to Iran and wear a veil. Thus, which Western feminist will accept to wear the veil? She will be fated to be included in the “index” by the others.

**Carmen Rial:** Which is foolish. I myself have already worn the veil in some more traditional places in Tunisia, for example – and it was a way to make myself less visible. There are also many ways of wearing the veil.

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Regarding Iran, it is not an option and even foreign women have to wear it.

**Carmen Rial:** But there are several ways of wearing the veil...

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Yes, of course. Today young girls wear a headscarf, which means something very symbolic. Although, for French feminists... well, we know what they think about it, and this impedes a straight established dialogue. Logically, whenever demonstrations or any kind of movements take place in Iran, part of feminists supports them. Recently, for example, in a case of a female genital mutilation, I have made them aware and sent petitions, besides French and American feminists easily support revindications as such. Supports like that are common, as Badinter, for example. But they do not go there. On the other side, men go there. Lots of French, German and American philosophers have been there. Habermas was there some years ago and he was really impressed by Iranians. Richard Rorty, another one, who has recently died but was one the main North American philosophers, he has been there and written about it. Paul Ricoeur has also been there. All of them got impressed, because Iran does have updated intellectuals with the current debate. Students able to read in English know them. Habermas said he had not known he was so well-known and well-read there. I do think that French, British and other feminists would have a pleasant surprise to find out that they are known, that they are read, that there is a debate, that their studies – especially the ones who write in English – are translated. There are several known books about feminist movement translated into Persian which are shaped in encyclopedias. Christine Delphy has not been translated for example; however, you can always find a paragraph about her in these encyclopedias.

**Carmen Rial:** Is Michelle Perrot known?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** No. I mean, she is through these encyclopedias, but her books have not been translated. All those women who work at this Women's Studies departments are English speakers because they have studied in the United States, there is one who has studied in Austria.

**Carmen Rial:** Is there a large number of students who study abroad nowadays?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Yes, there are many of these students who study abroad and come back to Iran afterwards; some do not come back; it depends. There are several students in France, England and many other places.

**Carmen Rial:** Are their studies sponsored by a governmental scholarship?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** No, they must have their own resources. Anyway, a young girl cannot go to another country by on her own, she must be married or be accompanied by her family. Also, she cannot receive a scholarship if she is by herself. Men can, however, scholarships are not given to those who are not in the power. They are well-selected; the ones who have scholarship are pro-regime.

**Carmen Rial:** I have a last question: *Persepolis*<sup>71</sup>, the comic book and now a film which was awarded in Cannes 2007 had a huge repercussion in the West. Do you believe in future discussion in Iran through its narrative of Iranian recent history told by a girl's viewpoint?

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Well, first of all I must say I got a lot surprised when I found out that Iranians did not know *Persepolis*. It is a well-known book in France and the United States. The author, Marjane Satrapi was not known in Iran, apart from some few people. Above all, she is known in France, in the West. However, Iranian government had officially protested against this award; thus this was published in Iranian newspapers and as Iranians do read newspapers they have known that there is a film entitled *Persepolis* which came after Marjane Satrapi's comics.

However, we must remember it is a story that concerns a particular kind of Iranian youth. It is not a universal story at all. She is a young girl who was brought up in a westernized family, from a determined background which we cannot reduce to general characteristics. The film is about to be shown in France<sup>72</sup>, so we will see its repercussion. In Iran the film circulates more easily if you compare to France. I have seen American films in Iran that had no longer been released in France; they arrive in Iran through illegal DVDs because they are forbidden. I believe that *Persepolis* will soon be part of this clandestine market; people will definitely see it and I will ask their opinions and what they think about Marjane Satrapi's film whenever I go to Iran next time. I

---

<sup>71</sup> TN[CR]: *Persepolis* was considered the best comic in 2004 by Frankfurt Book Fair.

<sup>72</sup> TN[MP]: At the time of this interview back in 2007 the film was about to be released.

know Marjane Sartrapi in person, I have not yet seen the film but I can imagine it tells about her own experiences, her unfortunatenesses and whatever it happened to her<sup>73</sup>. But again, we cannot generalize it because the film has been built all around the veil; the veil was very badly wanted by the author, as well as for me and other young girls from the same environment; we were part of the westernized elite. When I left Iran in 1980, veil was still not mandatory for all women. I had never worn the veil because my family is lay originally and my father was completely against the veil. He hated it; my mother did not wear it and nobody else from our circle of friends. Thus, I leave Iran with no veil and spent 14 years in exile. In 1994, after finishing my studies, I decided to go back to Iran in order to re-start my fieldwork. I needed an Iranian passport and a photo wearing the veil was required. I could not do it. For one month –and I am not overreacting – I had a veil in my purse and walked in front of *photomaton*<sup>74</sup> and also photography stores, I stopped by but I could not put the veil on, even for a simple photograph. My parents, my mum called me and asked if I had already got the passport. Then, I said to her that I could not put the veil on. She finally asked me what I had been thinking of it. She said that even being forced to wear the veil it did not mean that women were submissive there. She tried to persuade me by saying that I should go to Iran and see it with my own eyes, it would be worth. She convinced me, and for this reason, to see with my own eyes that I have finally accepted to take the photograph in a veil and wear it in Iran. I tell this story because I want to say that I am against the veil, against its obligatoriness. Marjane Sartrapi is also against the veil but because of the veil there are several women from traditional families in Iran that could start attending universities and going to work after the Revolution. This means that veil symbolizes a mean of emancipation for them.

**Carmen Rial:** It allowed them to join the public space.

**Azadeh Kian-Thiébaud:** Yes, it is an access to public space. For us, veil meant we were excluded and Marjane Sartrapi talks about these women. I was part of them, however, as sociologist I am able to see that we were the minority and most women were part of these ones who achieved their emancipation, reached universities, accessed public spaces because veil has become compulsory. This is the reason why Western feminists should accept it.

Paris, June 2007.

---

<sup>73</sup> TN[MP]: I have already seen the film and it is exactly about what Azadeh has supposed.

<sup>74</sup> NT[CR] Cabins which take photographs in France.